Obras Completas
de A. F. de Castilho

3 1761 07044979 8

PQ
9261
C34C3
1906
v.2

A DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
MODERNA TYPOGRAPHIA
Augusta, 95 a 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

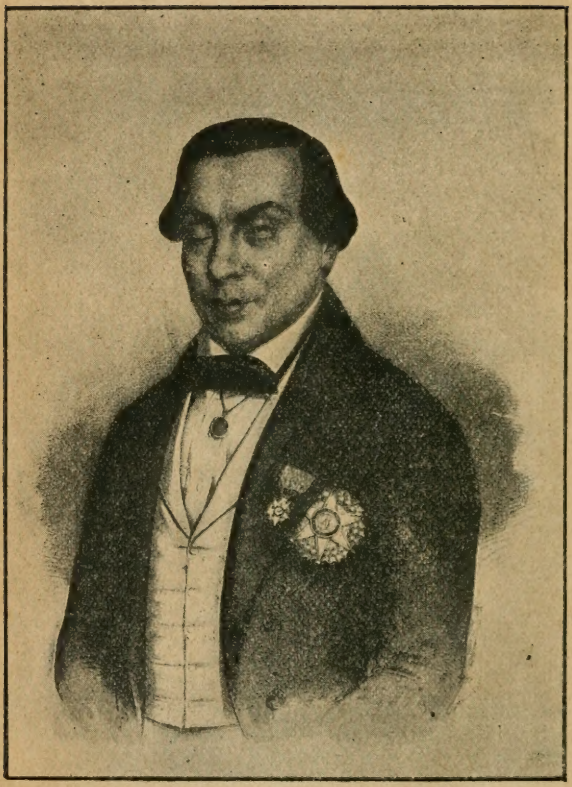
VOLUME 30.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV—Felicidade pela Agricultura (1.º vol.)
V—Felicidade pela Agricultura (2.º vol.)
VI—A primavera (1.º vol.)
VII—A primavera (2.º vol.)
VIII—Vivos e mortos—Apreciações moraes, literarias, e artisticas (1.º vol.)
IX—Vivos e mortos (2.º vol.)
X—Vivos e mortos (3.º vol.)
XI—Vivos e mortos (4.º vol.)
XII—Vivos e mortos (5.º vol.)
XIII—Vivos e mortos (6.º vol.)
XIV—Vivos e mortos (7.º vol.)
XV—Vivos e mortos (8.º vol.)
XVI—Excavações poeticas (1.º vol.)
XVII—Excavações poeticas (2.º vol.)
XVIII—Excavações poeticas (3.º vol.)
XIX—O Presbyterio da montanha (1.º vol.)
XX—O Presbyterio da montanha (2.º vol.)
XXI—O Outono (1.º vol.)
XXII—O Outono (2.º vol.)
XXIII—Quadros historicos de Portugal (1.º v.)
XXIV—Quadros historicos de Portugal (2.º v.)
XXV—Quadros historicos de Portugal (3.º v.)
XXVI—Quadros historicos de Portugal (4.º v.)
XXVII—Novas excavações poeticas (1.º vol.)
XXVIII—Novas excavações poeticas (2.º vol.)
XXIX—Camões, drama (1.º vol)
XXX—Camões, notas (2.º vol.)

NO PRÉLO:

XXXI—Camões, notas (3.º vol)



CASTILHO em 1850
segundo Silva Oeirense

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XXX

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO
SOBRE UM DRAMA FRANCEZ
DOS SNRS.

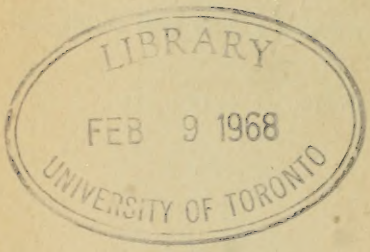
VICTOR PERROT e ARMAND DUMESNIL

3.ª EDIÇÃO PORTUGUEZA

VOLUME II

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

PQ
9261
C34C3
1906
v.2



NOTAS

PARA SE LEREM

NOTA I

NOTICIA COMPLEMENTAR

O precedente drama, acabado de imprimir na primeira edição aos 22 de Fevereiro de 1850, foi pela primeira vez representado no Rio de Janeiro aos 30 de Novembro de 1855.

Eis aqui a historia: o illustre escritor francez Thiago Arago, que me honrára com a sua amisade e trato intimo, quando, emigrado de França para o Brazil, se demorou alguns dias em Lisboa, levou comsigo este com outros meus impressos.

Lá, foi recebido pelo Commendador João Caetano dos Santos, como bem convinha a tal hospedado e a tal hospedeiro; e falleceu pouco depois repentinamente; (desgostos provavelmente o acabaram).

Santos, magnifico emprezario do theatro de S. Pedro, e o primeiro actor do Brazil, deu-lhe a gozar no breve prazo que o teve comsigo quantas delicias poude, e se podiam: extremos de affecto, homenagens do talento ao talento, os penates em festa contínua, e triumphos publicos, representando elle proprio *A Gargalhada*, peça notavel do insigne viajante.

Fallecido este, fez-lhe exequias esplendidas, erigiu-lhe a expensas proprias um tumulo, e com um largo beneficio no seu theatro liberalisou á interessante e formosa Antigone do peregrino, emfim descançado, com que regressar para a sua terra.

A boa dama, não tendo outro modo como provar ao seu bemfeitor a gratidão, em que tamanhos beneficios a empenhavam, constrangeu-o com suas instancias a aceitar os poucos livros, unico espolio que do poeta lhe ficára. N'elles se achava o drama *Camões*.

Lendo-o então pela primeira vez João Caetano, anteviu que n'aquellas paginas, se fossem interpretadas pelo genio d'elle, que n'aquellas elegias dramatisadas, se elle as realçasse com o fogo da sua poesia propria, assaz havia com que despertar a pública attenção, e satisfazel-a.

Entretanto cheguei eu ao Rio de Janeiro em principios de Fevereiro de 1855. Fez-me a honra de me procurar, e consultou-me.

Expuz-lhe com lealdade os perigos que me parecia haver, em se expôr aos incalculaveis juizos de espectadores o que só estava ordenado para leitores solitarios, estudiosos, e pacientes; em se aventurar finalmente ás procellas da scena uma obra talhada para o remanso do gabinete.

Discutimos o ponto; venceu elle. Rendi-me á confiança que o animava. Era um athleta costumado a travar-se com o Publico arca por arca, vencel-o, e triumphar, com enthusiasmo do vencido.

A peça entrou logo em ensaios.

Houve eu de me retirar para a Europa antes que podessem expôr-nos ás provas públicas.

Phantasiára Santos, bom conhecedor dos animos e gostos dos frequentadores de theatros, offerecer-lhes como remate, e para desconto da tragedia, coisa com que os espiritos se lhes levantassem, convertidos os lutos elegiacos em galas de triumpho. Ordenou pois de sua propria traça um acto VI: — a gloria posthuma, a apotheóse de Camões. Approvei lhe a idéa, e a rogos seus lhe deixei, para ali serem cantados, os seguintes versos:

CÔRO DE GENIOS

Nós, genios da Poesia,
raios da luz suprema,
eccos do grão poema
do eterno Creador;

nós, aos mortaes eleitos
doâmos a harmonia;
aos animos, aos peitos,
a inspiração, o amor.

Nós, que mil claras famas
creâmos repartidas,
creámos hoje unidas
uma por fim sem par.

Somos, Camões, comtigo;
ardeste em nossa chamma;
se te faltou jazigo,
ser-te-ha todo o orbe altar.

Omitto o que em varios jornaes do Rio de Janeiro se leu, e n'outros do Imperio se reproduziu, sobre o extraordinario effeito da representação; mas não resisto ainda assim á tentação de transcrever ao menos parte de algumas das cartas, que sobre o assumpto se me dirigiram:

Extracto de uma carta de José Feliciano de Castilho de 14 de Dezembro de 1866 a seu irmão Antonio

«Representou-se emfim o *Camões* com brilhante resultado. João Caetano não me havia convidado para os ensaios; disse-me elle na noite, que não fôra por esquecimento, mas sim por desejar que eu presenceasse tudo com a impressão da novidade. No dia annunciado, cahiu doente, e geralmente se espalhou que morrêra de repente! Restabelecido porém algum tanto, posto que ainda rouco, e privado de parte de seus recursos naturaes, deu a primeira representação a 3o do passado. Estava tenebrosa a noite. Torrentes, relampagos, inundação, nada teve mão no Publico. O concurso era sem exemplo. Não havia no amplo recinto da sala um unico logar vasio; chegaram-se a pagar camarotes por trinta mil réis. Achavam-se presentes Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz, que permaneceram quasi até ao baixar do lustre. Tudo era luxo; na assembleia reinava certa excitação, como de um grande acontecimento.

«Veio o Gusmão, com a sua capa e espada, e recitou o prologo, que realmente não está apropriado para plateia brasileira, e que mesmo absolutamente falando, entendo fôra melhor eliminar-se.

«Começou, logo após, a representação, que levou das oito horas á uma. Os applausos foram numerosos; a attenção quasi constante; o interesse geral seguro. João Caetano foi Camões; a nossa patricia Ludovina, D. Caterina; o Areias, tambem portuguez, o Jáu. Todos estes papeis foram bem.....

«O vestuario era todo esplendido. As scenas, especialmente a do II acto, lindas, e todas novas. O

numero das figuras muito consideravel, e tudo em caracter.

«Tambem eu cuidava, como tu, que este *Camões* era só livro ; mas agora vejo que é certamente drama, e que, sendo todas as figuras proporcionalmente eguaes, ha-de produzir grandissimo effeito.

«O acto II correu admiravelmente. A vista do Tejo por entre as columnas da varanda, com uma formosa lua, os navios da esquadra illuminados, a sala regia com rico throno, lustres, tapete, etc., tudo era soberbo. Giravam na scena talvez um cento de figuras. O *Auto das Boas Estreias* correu lindo; o corpo de baile para os anjos e demonios tinha mais de trinta figuras; só esse acto fórma por si um espectaculo. Poderia ter havido um pouco mais de escrupulo na etiqueta da sala, nos assentos, nos estrados, nas separações, hierarchias, etc. O trecho dos *cincoenta cruzados*, como João Caetano o executa, é de grande effeito scenico. O acto III esfria; o V vai muito bem :

Sunt làcrimæ.....

«Fez João Caetano consideraveis córtes, nem todos acertados, quanto a mim ; por exemplo : no V acto, supprimiu totalmente a recitação do episodio da Ignez, o que deixa uma lacuna ; receou que o Publico se enfastiasse ; mas podia ao menos declamar duas ou tres oitavas escolhidas, interrompidas pelos machetes lá de fóra, pois assim assentava melhor o que segue.

«Na representação porém se reconhece que em outros sitios ha longuras que muito se ganhava em encurtar. O total é muito bom, e todas as cinco récitas já dadas teem sido de enchente, promettendo continuar assim por muito tempo. Já tambem se representou em Nictheroy, naquella formosissima ilheta que tu sabes, e onde tantos domingos fomos jantar deitados no areal á sombra dos rochedos, e com o espelho do oceano aos pés.

«A apotheóse foi boa lembrança. Fogos de bengala, e outros charlatanismos pirotechnicos, illuminam uma larga escadaria muito ornamentada, que dá serventia para um templo, á feição dos de Minerva, e consagrado a Camões; tudo cheio de muitas figuras

allegoricas, etc. Na frente está um grande pedestal com o teu nome em letras de oiro, e no cimo o teu busto, dispartindo-se d'ali grinaldas e festões de flores, cujas extremidades são seguras por nymphas. Na primeira representação houve muitas poesias, flores, corôas, etc. Ergo pegou.

«Eu fui abraçar o João Caetano n'um entreacto. E' galante como elle cegou de um olho, tão bem que eu mesmo, estando ao seu lado, não comprehendi como era aquella engenhoca; entretanto essa cegueira diminue muito os recursos do actor, para quem os olhos são sempre origem de triumphos.

«Estive tambem no camarote do Imperador n'um dos intervallos. Fez muitas reflexões ácerca da peça e da representação, mostrando a grande erudição e gosto literario que tu lhe conheces, desde aquellas conferencias poeticas que tivemos com elle no paço, e em que tanto admirámos o seu saber.

«Mando-te alguns jornaes que te interessam por tratarem d'estas coisas.

«Agora, seis horas da tarde, recebo a inclusa de João Caetano para mim, com outra para ti, acompanhando as duas corôas offertadas a elle na primeira noite. Vai tambem um exemplar da bella simphonia que o Dionisio Vega te dedicou, intitulada *As Lagrimas de Camões*, e que a orchestra toca antes da peça. Esta simphonia está muito philosophicamente calculada; é a biographia de Camões posta em musica: a leviandade da sua primeira mocidade; os seus arrojos marciaes; os seus amores; as perseguições que padeceu; os seus desterros e naufragios; as guerras; as desgraças e suspiros; a tornada á Patria; o canto do cisne; tudo isso vai muito poeticamente expresso em phrase musical. Toda a musica do *Auto* e da peça é d'elle, e mui bonita. A canção do Jáu só está por elle instrumentada; o canto é a propria melodia tão singela, e tão agradavel, composta por tua cunhada D. Leonor Vidal (M.me Dalhunty); e disse-me elle que reputava aquelle trecho como uma felicissima inspiração. Agrada muito ao Publico, e o Areias canta o bem »

....

Carta do snr. Antonio de Bochart

(CAVALHEIRO PORTUGUEZ RESIDENTE NO RIO DE JANEIRO, POETA DRAMATICO)

em 14 de Dezembro de 1855

....

«Parabens, e muitos parabens, meu snr., pela ovação verdadeiramente completa, ainda que em parte muito merecida, do seu drama *Camões*. O Rio de Janeiro nunca esperou que o seu theatro se apinhasse de gente para saudar tanto do coração a um homem, como agora o fez ao cantor de Camões. Nunca vi triumpho assim.

«E dois no mesmo dia, meu caro snr. Castilho! A' tarde assisti, em companhia de seu irmão o snr. Conselheiro José Feliciano, a uma prova publica de leitura repentina pelo seu *Methodo*, tendo já assistido tambem a outra, e n'essa se achava uma escolhida e respeitavel sociedade, que admirou os progressos alcançados em setenta e cinco horas de estudo! Sabiam ler, escrever e contar! O professor é o mui distincto Filippe José Alberto, da Bahia.

«Snr. Castilho, perdôe-me, mas eu fazia parte dos incredulos; reputava o *Methodo* muito bom para adultos, porém metaphysico para a infancia. Hoje acho talvez positivamente o contrario; hoje sou eu o mais leal e decidido campeão do seu *Methodo;* tenho-o estudado de noite, sósinho, desde essa tarde das provas publicas! Fiquei espantado (é a palavra propria) de tanto saber que ha n'elle, dado aos bocadinhos a creanças para que o digiram com proveito, de tanto estudo profundo que ha ali, e que elles, em dias apenas, colhem, sem saberem como, e instantaneamente, e que lá lhes fica, dando flores e frutos. E' espantoso o seu *Methodo!* ha-de vingar, porque contra factos não ha argumentos; ha-de vingar emfim, porque o reinado da luz substitue por toda a parte o imperio das trevas.

«Mas, tornando ao seu *Camões:* — pensára eu que o drama fôra mais para gabinete que para a scena; mas ainda n'esta é d'um effeito magnifico. Todas as

suas peripecias estão realmente muito estudadas; todas as grandes situações magistralmente desenvolvidas; e comprehendido foi-o, pelo actor e pelo espectador.

«A scena, conhecida pelos *cincoenta cruzados* arrebata. João Caetano é interrompido mais de uma vez com bravos e palmas. Estava o Imperador; foi como se não estivesse: o Publico applaudia frenetica e delirantemente.

«No remate ha a apotheóse, onde Camões ao fundo com os *Lusiadas* na mão, cercado de espiritos celestes sobe ao ceo, e no centro o busto de Antonio Feliciano de Castilho rodeado de nymphas com festões de flores, recebe de mil bocas mil bravos partidos d'alma. Se lhe disser que no meio de tantas alegrias nós chorámos, ¿acredita-o? Acredita, sim.

«Por mais de uma vez nosso pensamento se encontrava dizendo: —«¡Se elle aqui estivesse!...»—Outras, desculpe o rasteiro da phrase: —«¿Para que diabo se havia de ir elle embora!...»

«N'estas occasiões, meu amigo, é que se sabe aonde está a verdadeira amizade. Todos nós lhe temos muita, e falta neste ninho a sua companhia, que tanto nos encantava.»

Resposta á precedente

«Snr. e Amigo:—Creio mais no amor e na amisade que na gloria. Em todos esses triumphos brazileiros, (creia V. o que lhe assevero) nada me deliciou tanto como vêr o effeito que elles produziam em corações, com que o meu se entende fraternalmente.

«A carta do nosso José, e a de V., sobre tudo, me encantaram. Eu sabia o que tinha posto de affecto no meu *Camões;* de philosophia nova, e de utilidade grande, no meu *Methodo;* mas, a respeito do *Camões*, temia as incalculaveis eventualidades da representação, e mesmo, e mais que tudo, o ser producção para ahi estrangeira, e portugueza, e minha; para o *Methodo* receava-me e tremia d'estas mesmas tres inconveniencias; e, ainda por cima, do *ramerrão*, das presumpções da mediocridade, da superficialidade e desallumiamento das turbas; mas o *Camões* vingou,

e, o que para mim vale dobradamente, vingou tambem, e ao mesmo tempo, o *Methodo;* e eu vejo, pelo que o José e V. me dizem, que estão devéras convencidos de que elle é, como eu já de muito e por muitas provas o sabia, um verdadeiro progresso; e (permitta-me V. dizer-lh'o eu aqui á puridade) lá para o futuro, quando eu já fôr seiba de bem-me-queres no cemiterio, ha-de avultar, a despeito de toda a sua apparente humildade, como a unica indestructivel e monumental d'entre todas as minhas obras. Criei o *Methodo Portuguez*, depois de todas ellas, como as boas das arvores dão os frutos que servem, depois das flores que recreiam.

«Eu não pude resistir á tentação de ceder aos desejos do Marechal Saldanha, que me pediu a carta de V. para a mandar inserir na *Revolução de Setembro*, onde com effeito appareceu hoje, supprimidos, já se sabe, os trechos de natureza intima e confidencial.

«Sim snr., sim snr.; creio em que choraram com os obsequios que viam prodigalisarem-se-me; se o eu não crêsse, mereceria que tivessem dó do meu coração. Juro-lhe pela minha honra, meu caro amigo, que essa sociedadesinha affectuosa a derramar algumas lagrimas de saudades por mim, é de toda a apotheóse o que mais vezes me occorre, e o que mais duradoiramente me ha-de lembrar. Ora vá: abrace, antes tres vezes do que uma, e antes trinta do que tres, mas em meu nome, e da minha parte, só da minha, aos seus collaboradores no meu triumpho maximo da sensibilidade. Esses trinta abraços, eu lh'os pagarei a V. com trezentos quando tornarmos a fumar e cavaquear juntos, o que oxalá não tarde muito.

«Não me allongo mais n'esta, porque o nosso José ha-de repartir com V. do que lhe eu escrevo.....

.....

«De V.

«O mesmissimo que sempre, e cada vez com mais razão

«Lisboa 11 de Janeiro de 1855,

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

Outro poeta portuguez, então residente no Rio, e hoje finado, escrevia-me a 10 de Dezembro de 1855 o seguinte:

«Com muita satisfação lhe noticio que aqui foi no dia 20 de Novembro representado o seu drama *Camões*. Foi immenso o concurso de espectadores. Pelas oito horas da noite chegou Sua Majestade o Imperador á tribuna, e rompeu a orchestra com a simphonia—*As lagrimas de Camões*—a V. dedicada pelo Snr. Dionisio Vega, seguindo-se a recitação do prologo, com o qual V. tão intimamente predispõe o espectador a ser *portuguez do Portugal velho*, para apreciar o caracter das personagens do drama em todas as suas phases. Findo o prologo com palmas geraes, subiu o pano, principiou a representação, e ao entrar o seu *Artista Principe*, não poude pronunciar o «*Bem vai, amigo Antonio*» senão passados alguns minutos, em que o applaudiram arrebatadamente, como aconteceu por todo o decorrer do drama.

«O II acto por si só foi um espectaculo surprehendente, começando pela rica decoração, que foi logo applaudida; o *Auto* encantou maravilhosamente o Publico; e a declamação do *Camões*, quando imperiosamente, e com voz esmagadora, exprobrava os refalsados cortezãos, abalou os animos dos espectadores; e os applausos geraes e espontaneos coroaram a conclusão do II acto.

«No III acto a scena do projecto de alta traição de Martim Gonçalves, apanhado em flagrante, e no IV a scena em que D. Caterina lh'a recorda, envergonhando-o, e a de D. Sebastião, que o expulsa do Reino depois, mandando-o descobrir-se, tiveram o mais lisongeiro successo. No V acto os espectadores realisaram cumpridamente o desejo de V., que no prologo lhes pede que entrem com lagrimas no apertado e pobrissimo aposento de Camões.

«No fim do drama cobriu a scena um novo pano de boca, representando o naufragio de Camões, que foi coroado de applausos, e subindo depois, mostrou ao espectador a apotheóse do luso Homero, que representava o templo da immortalidade, envolto em nuvens e anjos, illuminado por fogos cambiantes; e em frente da scena um rico pedestal com o busto de

V.; cantaram-se as suas estrophes — *Nós genios da poesia* — fazendo a apotheose de Camões, emquanto o Povo em peso fazia antecipadamente a do luso Ossian, que o fez renascer no templo das artes.

«No fim de tudo foi por tres vezes chamado á scena o Talma brasileiro, coberto de geraes e sinceros applausos, de que até as senhoras fizeram parte, agitando incessantemente os seus lenços: foram-lhe dadas duas corôas, muitas flores, e recitados versos. Assim concluiu essa grande festa artistica; uma das mais pomposas, ou a mais pomposa, que por cá havemos visto.

«Pela *Semana*, jornal aqui fundado pelo Raposo d'Almeida, verá V. que a companhia dramatica representou dignamente. Remetto tambem a V. o *Correio Mercantil*, em que verá o meu *Tributo de admiração* a V. e ao Snr. João Caetano, por tão fausto motivo. Remetto tambem o meu poemeto intitulado *Camões*, em cuja frente ousei pôr o nome de V., offerecendo-lh'o. Só a V., que tão exactamente retratou no seu livro o luso Bardo, eu devia offerecer o meu fraco, mas sincero tributo á sua memoria. Emfim, remetto a V. no *Correio da Tarde* a minha ode ao nosso Monarcha o Senhor D. Pedro V.

«Tenho muita, e muita satisfação em noticiar a V. que foi vingada a pessoa de V., e reconhecida a capacidade, e excellencia do seu *Methodo de leitura* em um exame publico aos alumnos do curso do Snr. Alberto, e mais professores aqui formados, e deixados por V. para esse fim: assistiu a Commissão de instrucção publica, Ministros, pessoas gradas, entre as quaes figurava o Bossuet brasileiro, (o Padre-Mestre Monte Alverne), que por muitas e repetidas vezes disse *excellentemente;* e divulgando-se logo tal triumpho, se convenceram os incredulos, e foram forçados a calar-se aquelles maldizentes, que systematicamente mordem sempre o que é bom e civilisador.

«Receba V. os meus sinceros parabens; e concluindo esta carta com a parte que mais interessa a V. sobre quantos versos possa fazer, como mesmo aqui o disse, espero anciosamente as honrosas letras e ordens de V., por ser amigo sincero, leal, e admirador de V.

«*Francisco Gonçalves Braga*.»

Resposta á precedente

«Snr. e Amigo:—Com que immensidade de poesia não veio V. regalar-me! os seus ricos e sentidos versos, as suas noticias, e as suas sinceras alegrias pelo bom exito da representação do meu drama, e das provas publicas do meu *Methodo;* do meu drama, pedra para o monumento do autor dos *Lusiadas*; do meu *Methodo*, *Lusiadas* meus, que eu nem pelos d'elle trocaria, porque os d'elle são um diamante, os meus um fruto e uma semente; tudo isto junto por tal arte me encantou, que, preterindo considerações de delicadeza e deveres de modestia, consenti a rogos de amigos a que a interessante carta de V. apparecesse hoje impressa no *Diario do Governo*, logo em seguimento áquella com que me honrou o nosso incomparavel João Caetano.

«Infelizmente me não chegaram ainda os jornaes d'ahi, cuja remessa V. me annuncia; vou fazer diligencia pelos obter todos, ou alguns d'elles, por qualquer outra via. Logo que os houver lido, escreverei nova e mais detidamente a V., assim para lhe reiterar os meus agradecimentos, como para lhe participar toda a impressão que esses seus artigos me houverem feito.

Queira V. abraçar por mim o nosso Camões redivivo, a nossa D. Caterina, o nosso Jáu, o nosso D. Sebastião, o nosso Diogo, emfim todos os que, mais de certo do que eu, contribuiram para esse triumpho capitolino consagrado no Rio de Janeiro ao grande Poeta portuguez, antes que os Portuguezes aqui se lembraasem nem sequer de desejar tal representação. Outro, e vinte abraços ainda, ao nosso inspirado collaborador musico o snr. Dionisio Vega, e ao excellente pintor a quem tão grande parte devemos attribuir no maravilhoso succedimento d'essa mais que arriscada, quasi heroica, tentativa do nosso bom João dos Santos.

«Para si receba V. os protestos de cordeal affecto com que me prézo de ser

De V.

«Admirador, amigo e creado obrigadissimo

«Lisboa 11 de Janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho*.»

Estava eu portanto devedor, pelo menos a João Caetano dos Santos e a Dionisio Vega, de um triumpho immenso e inesperado. Não lh'o podia pagar; restava-me confessal-o. Escrevi-lhes; e agora, só para tornar mais publico e solemne o testemunho da minha gratidão, reproduzirei aqui essas cartas:

Ao Commendador João Caetano dos Santos

Meu Artista Principe:—Renasceu emfim, evocado pelo teu genio, o teu, o nosso Camões! O summo autor das glorias portuguezas identificou-se com o actor summo, reconhecida gloria do Brazil. Remoçaste-o para os amores e lagrimas dos contemporaneos; elle communicou ao teu genio o seu perfume de veneração antiga, a sua embalsamação de monarcha em monumento, que te afiança a duração a que os teus proprios talentos e exforços te davam jus.

«Offereces-me as tuas corôas; ¿por que não aceitaria eu esses generosos penhores de um affecto que me honra?! ¿E de que te servem já agora a ti as corôas, se á tua voz ellas de si se tecem, e te chovem aos pés?! Acceito-as, e vou cingir com ellas, não o meu livro, mas os *Lusiadas;* não a minha cabeça, mas a do nosso commum inspirador. Para mim já nada peço, nem cubiço, depois que vi que tu me comprehendeste, e me fizeste comprehendido no meio de um Povo nobre e illustrado, que applaudiu e acolheu, como feita para elle, a obra que eu só havia endereçado ao engrandecimento dos meus conterraneos.

«É magnifico para vós outros esse exemplo; e tanto mais, quanto esse padrão que erigistes a dois poetas, ambos estranhos, está singularmente contrastando com o desprezo posthumo em que ainda aqui se tem o primeiro, e com a injustiça com que ao segundo se está, como que acintosa, e talvez conjuradamente, negando, depois de tantas outras coisas, até o pobre credito de haver salvado do ultimo perdimento

os ossos do grande Mestre! O tempo que o vingou e consagrou a elle, algum dia me fará justiça.

«Para ti a justiça e a posteridade começaram já. Recebe os meus parabens, os meus agradecimentos, e os meus abraços.

«Teu

«Admirador, amigo, e camarada

«Lisboa 11 de Janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho*».

N. B. A precedente carta a João Caetano dos Santos appareceu impressa no Jornal o *Correio Mercantil* (do Rio de Janeiro) em 9 de Fevereiro de 1856.

A Dionisio Vega

«Meu caro Snr. D. Dionisio Vega:—¿Por que não agradeceria eu logo a V. o rico presente, com que V. me opulentou, e me encheu de ufania: a sua incomparavel *abertura* ao meu drama *Camões?!* Confessal o-hei sincero: foi porque entendi que uma, nem ainda muitas paginas de prosa, por mais subidas e esmeradas que fossem, de sorte nenhuma poderiam corresponder a tamanha honra, e só don de Musas podia áquelle don de Musas retribuir. Projectei logo na primeira hora consagrar a V. como devida homenagem, não uma epistola em verso, que pouco mais podia ser do que um ecco mortiço dos applausos com que todo um Povo alvoroçado victoriára a composição inspirada de V., mas sim uma opera portugueza, com que o genio de V., glorificando me segunda vez, se elevasse a novos triumphos. D'esta sorte conciliava eu com a gratidão o interesse proprio, e com o meu o de todo o mundo artistico, tornando de alguma sorte reproductiva esta prodigiosa obra de V.

«Infelizmente para mim, as horas com que o desejo me tinha feito contar como provaveis, foram-se-me

a uma e uma subtrahindo, pelo cumprimento de obrigações anteriores e indeclinaveis; e os meus primeiros assomos dramaticos, logo após a sua repentina florescencia, feneceram tristemente sem dar fruto.

«Ainda bem que nos corações amantes como os de todos nós outros os artistas, a todas as perdas e ruinas sobrevive sempre a esperança: tenho fé em que poderá não tardar o dia, em que o meu projecto se realise.

«Nunca elle, este querido projecto já de tantos mezes, me namorou tão risonho a phantasia, como agora, que me consta andar-se ahi planeando a fundação de um theatro de opera n'esta Lingua, reputada despoetica pelos que a não sabem, n'esta deliciosa Lingua de Camões e de Bocage.

«Era uma vergonhosa lastima que, havendo opera nos mais surdos idiomas do mundo, no francez, e no proprio dinamarquez, o idioma semi-hespanhol, e semi italiano, o portuguez, carecesse d'ella, e passasse em julgado que era incapaz de a possuir.

«O sr. Amat, com essa projectada creação, repara uma grande e antiga injustiça, ao mesmo tempo que presta á poesia brazileira e portugueza um serviço dos mais assignalados. Felicito-me de que elle viesse em nossos dias, e dobradamente me felicito de poder talvez coadjuval-o no seu bello empenho, se V., accedendo ás minhas supplicas, tiver a extrema bondade de aceitar o meu primeiro libretto, que já lhe vai dedicado antes de nascido, e se dignar de lhe infundir vida e immortalidade, fazendo-o repassar com o bafo creador do seu talento.

«Tenho a honra de me assignar

«De V.
«O maior admirador, o mais obrigado
amigo, o mais reverente servo

«Lisboa 2 de Abril de 1857.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

De 30 de Novembro de 1855 até 26 de Janeiro de 1856 progrediram sem interrupção as representações do drama; e promettiam ir por diante.

Um acontecimento como que fatal as atalhou.

A 13 de Fevereiro de 1856 escrevia-me João Caetano dos Santos o seguinte:

«Amigo: — Acabo de sofrer terrivel golpe, e de perder toda a minha fortuna.

«Na madrugada do dia vinte e seis de Janeiro proximo passado, foi reduzido a cinzas o theatro de São Pedro. Vi-o arder pela segunda vez. E a opinião geral é que o fogo foi lançado pelos meus antagonistas; porém elles que se mordam, pois que tenho uma alma grande, e animo nos trabalhos.

«O Governo acaba de conceder-me o theatro lírico e vou já reconstruir (de ferro) o meu querido São Pedro.

«No meio, porém, de todos esses desgostos, recebi a sua apreciavel carta.

«Meu amigo: ¡como o mundo é cheio de compensações!... Ella, enchendo-me de prazer, me deu coragem, me exaltou o genio; e disse então aos meus amigos: Se Castilho me chama—seu Artista Principe, — me considera, me louva, devo levantar-me no meio de mesquinhos reptís, que só procuram morder-me, e que lhes não dava cavar-me uma sepultura, ainda que se constituissem meus vermes!...

«Devo levantar-me» disse. Desprezei os maus, procurei os bons, e consegui o que acima fica dito.

«Meu amigo: duas notaveis coincidencias houve n'esta catastrophe:—uma, foi arder o theatro no dia do *seu* natalicio, e na vespera do *meu;* a outra foi, que, tendo ardido tudo quanto existia no edificio, só salvei o seu livro — o nosso *Camões* — com parte do repertorio; Camões salvou do naufragio o seu poema; eu salvei o seu livro *Camões* do meio do incendio!

«Após todos esses transes, bem deveis considerar que ha de que se expanda minh'alma; bem deveis

concluir que ha para mim que esperar... Falo de vossas expressões; falo d'esses effluvios que me embalsamarão o resto das ulceras que me ficaram, e que a *alma maior*, e o *maior animo nos trabalhos* não saram de todo !»

A esta noticia acrescentava em carta sua da mesma data a seguinte circumstancia, meu irmão José Feliciano:

«Sabes que o teu busto figurou em todas as representações do *Camões*, sobre um elevado pedestal, á frente, todo serpenteado e coroado de flores, etc. Jaz portanto pulverisado debaixo d'aquellas ruinas e cinzas.»

E assim se terminou tragicamente a homenagem solemnissima, que o Rio de Janeiro tributou ao maravilhoso Epico portuguez.

Seja-me agora licito publicar fielmente alguns extractos dos papeis do nosso Conselho Dramatico:

Da acta da sessão de 30 de Janeiro de 1856

«O snr. Presidente (o Digno Par do Reino José Maria Grande) disse que aproveitava esta occasião, para annunciar ao Conselho, que o drama *Camões*, do snr. Antonio Feliciano de Castilho, fôra representado com um brilhante exito no Rio de Janeiro; que esta producção dramatica tinha um subido merito literario; e que, acommodada ás proporções da scena por meio de alguns córtes, que d'accordo com o autor lhe foram feitos n'aquella cidade, era de esperar que, assim representada entre nós, tivesse pelo menos o mesmo resultado; que, fazendo esta participação ao Conse-

lho, tinha a convicção de que lhe transmittia uma bem agradavel noticia, a que o mesmo Conselho não deixaria por certo de ligar a mais elevada consideração.

«O snr. Antonio Feliciano de Castilho, agradecendo ao snr. Presidente as obsequiosas expressões que lhe dirigíra, acrescentou que, quando compozera o *Camões*, não fôra intenção sua destinal-o á scena, e que tão sómente o considerava como um estudo poetico, isto é, como um livro destinado e mais proprio para ser lido no gabinete, do que um drama para subir á scena n'um theatro publico; que d'aqui se derivavam os inconvenientes que no Brazil se notaram quando se pretendeu leval-o á scena; porém que, feitos então alguns córtes, o seu drama fôra ali representado com geral aceitação, o que o levava a crêr que, posto em scena no theatro normal, o seu effeito devia ser inquestionavelmente muito superior; asseveração que avançava sem fatuidade, por quanto, mais ao assumpto do drama, do que á maneira por que fôra tratado, se devia attribuir tão brilhante resultado. Que podia assegurar ao Conselho que, em nove representações que já tinha havido successivas no Rio de Janeiro, o seu drama tivera outras tantas enchentes. Que não devia esconder que, para ser convenientemente posto em scena, o drama exigia alguma despeza; e attendendo aos mui escaços meios de que o theatro normal dispõe, lhe parecia mais prudente antes de se tomar qualquer resolução a este respeito, esperar pelo resultado definitivo que o mesmo drama tenha obtido, e servir este de base para calcular a conveniencia que haja em o fazer representar. Acrescentou finalmente que, considerando-se como um proscripto em Literatura, e victima de uma guerra constante e tenaz que certos literatos lhe teem ultimamente movido, receava que, proseguindo ella, a sua obra não tivesse um exito feliz; que fazia esta consideração para em vista d'ella o Conselho decidir se convem que a administração do theatro se deva abalançar a uma tão grande despeza.

«O snr. Presidente, procurando desvanecer todas as duvidas apresentadas pelo snr. A. F. de Castilho, disse, com respeito á despeza, que ella nunca seria tão exagerada, attendendo a que o theatro normal possuia um grande espolio em guarda-roupa e scena-

rio. Que, pondo de parte todas as preoccupações suggeridas pela excessiva modestia do autor do drama, propunha que este fosse entregue a um dos vogaes do Conselho, para lhe fazer os córtes que julgasse a proposito, para em seguida o Conselho o examinar e tomar uma resolução.

«O snr. Abranches, conformando-se com a opinião do snr. Presidente, pediu ao snr. Castilho que quanto antes se occupasse d'este negocio, e offereceu-lhe todo o seu apoio.

«O snr. Lacerda acrescentou que o nome do autor autorisava a obra, e que esta consideração bastava para que o Conselho tivesse o maior empenho, e empregasse todo o seu zelo e actividade, em ornar a scena portugueza com a produção de um dos nossos primeiros poetas.

«O snr. A. F. de Castilho, pediu ao senhor Abranches que se quizesse encarregar de examinar o drama, e de n'elle fazer os córtes que entendesse.

«O snr. Abranches, annuindo ao convite, exigiu que, para o coadjuvar, lhe fosse adjunto o snr. Lacerda. Assim se resolveu, bem como que proximamente haveria uma reunião de Conselho para se proceder á leitura do drama.

Da acta de 20 de Fevereiro de 1856

«..... O snr. Presidente, disse que a presente reunião havia sido por s. ex.ª destinada á leitura do drama *Camões*, composição original do snr. A. F. de Castilho. Procedeu-se em seguida á leitura indicada, finda a qual, e depois de comprimentado o autor, foi o drama entregue, conforme com o que se resolvêra na ultima conferencia, aos snrs. Abranches e Lacerda.

Acta da sessão de 12 de Junho de 1856

«Presidencia do snr. José Maria Grande.

«Presentes, alem do snr. Presidente, os vogaes: Andrade Corvo, Antonio de Lacerda, Brito do Rio, e Cunha e Menezes.

«Lida a acta da antecedente conferencia, foi approvada sem reclamação.

«O snr. Presidente disse que, sendo a ordem do dia a discussão do parecer ácerca do drama *Camões*, se ia proceder á leitura do referido parecer, para em seguida ser entregue á discussão.

«Em seguida foi lido pelo Secretario o parecer.

«O snr. Antonio de Lacerda, obtendo a palavra como membro da Commissão, disse que o merecimento tanto literario como dramatico do drama *Camões*, era incontestavel; e tão subido, quanto era de esperar que fosse uma producção do snr. Castilho. Acrescentou que as situações dramaticas eram tão engenhosas e bem desenvolvidas, que a Commissão se não atrevêra a precisar os córtes que as exigencias scenicas possam aconselhar como vantajosos para um melhor resultado do drama, reservando-se para os indicar na opportuna occasião dos ensaios Disse mais que, não só em attenção ao merecimento do drama, como tambem á consideração e respeito que tributava ao seu autor, entendia que o referido drama subisse á scena, e se escolhesse para a sua primeira representação o dia solemne da trasladação dos restos mortaes do nosso insigne poeta Luiz de Camões; porém que, exigindo a *mise en-scéne* alguma despeza, e devendo ser esta talvez superior ás forças do cofre do theatro normal, se pedisse ao Governo um auxilio pecunario a fim de se levar a effeito tão patriotico pensamento.

«O snr. Presidente, concordando plenamente com a opinião expendida pelo snr. Lacerda, acrescentou que estava convencido de que a despeza não seria muito avultada; e ainda quando o fosse lhe parecia que não era motivo para que o Conselho hesitasse em empregar todos os seus exforços sempre que á arte dramatica se pretenda, como n'este caso, dar todo o alento e protecção de que ella carece.

«O snr. Andrade Corvo, abundando nas idéas apresentadas pelos seus collegas, terminou lamentando a sorte pouco favoravel a que entre nós estão sujeitos os autores dramaticos, especialmente aquelles que exclusivamente se dedicam a este ramo de Literatura; e chamou a attenção do Conselho sobre tão importante assumpto.

«Não havendo quem pedisse a palavra, o snr. Pre-

sidente mandou novamente ler o parecer, que depois de lido foi entregue á votação, e unanimemente approvado.

«Em seguida o snr. Presidente disse, que em conformidade com a votação que acabava de ter logar, se dirigiria a Sua Majestade uma consulta; e não havendo mais objecto algum a tratar, levantou a sessão. E eu Carlos da Cunha e Meneses, Secretario, redigi e assignei.

Consulta

«Senhor:—Ao Conselho Dramatico foi presente, a fim de ser examinado e avaliado o seu merecimento literario e dramatico, o drama original *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho

«Depois de uma leitura reflectida, e de não menos reflectida e demorada discussão, o Conselho reconheceu que o drama *Camões* tinha um elevadissimo merecimento literario; e que são tão portuguezas as feições que o caracterisam, tão ricos os pensamentos elevados que o adornam, e tão sublimes as situações que o animam, que o julgou digno de honrar o nosso theatro, subindo á primeira scena portugueza, á do theatro normal.

«O drama *Camões*, e o poema *Camões*, são os unicos monumentos elevados á sua memoria por dois grandes poetas dignos d'elle: Garrett e Castilho; e persuadido está o Conselho, de que o Governo de Vossa Majestade não consentirá que Antonio Feliciano de Castilho tenha de pedir esmola, como o escravo Antonio, para o seu *Camões*.

«Com a pratica que o Conselho tem dos chamados effeitos scenicos em Portugal, atreve-se a assegurar que, quando mesmo este drama tivesse de ser apresentado a um emprezario especulador, este não havia de perder o capital que empregasse para o dar ao Publico com toda a pompa.

«Porém este drama não deve ser avaliado simplesmente como obra d'arte, e muito menos como obra de especulação de theatro.

«Um drama que faz ressuscitar diante dos Portuguezes de hoje a era mais solemne da nossa Historia; que põe em scena a maior gloria da nossa terra—um

symbolo do nosso antigo valor, e amor da Patria; o soldado, poeta e infeliz Camões—nas armas grande, grande nas letras, nas desventuras ainda maior; e finalmente essas duas columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos — Camões e D. Sebastião; este drama, modelo na pureza, e propriedade da linguagem, na conveniencia do estylo, e no estudo e observação dos costumes d'aquella época, escrito por um dos nossos mais famosos escritores e poetas, é uma obra verdadeiramente nacional, e que por si mesma excita a curiosidade, e deve prender a attenção, e promover a admiração de espectadores portuguezes.

«Muito mais se fôr bem interpretado pelos nossos melhores actores, e posto em scena com todo o esmero, e galas que exige. Não duvída o Conselho de que durante os ensaios se reconheça a necessidade de fazer alguns córtes, a fim de reduzir o drama ás justas e convenientes proporções de uma producção dramatica, que hoje se destina para o theatro; porém na sua origem, como o declara o seu autor, foi dedicado apenas á leitura de gabinete. O Conselho Dramatico, para gloria sua e da Arte, acompanhará e assistirá á maior parte dos ensaios, e ahi fará as reducções que julgar convenientes.

«Mas antes de tudo, o Conselho tem a cumprir um grande dever para com o Governo de Vossa Majestade, e este para com a memoria de Camões, e o drama de Antonio Feliciano de Castilho.

«¿Não resolveu já o Governo de Vossa Majestade fazer a solemne trasladação dos ossos de Camões para o jazigo Real de S. Vicente? Seja pois esse tambem o dia designado para pela primeira vez subir á scena o drama no theatro normal.

«Adopte o Governo este drama para commemorar o principe dos poetas portuguezes, n'aquelle dia, ou n'outro qualquer assignalado, ordenando e decretando a sua representação annual, repetida nos dois dias seguintes.

«Compense-se ao menos a falta de um mausoleo, e de uma estatua a Camões, com duas ou tres récitas por anno, d'este drama, para que a Côrte, a alta sociedade, e os espectadores d'entre todas as classes, hajam de assistir á solemnidade d'esta grandiosa trasladação para a scena, do Homero portuguez, repa-

rando assim, com algumas lagrimas sequer, os desabrimentos de nossos avós para com elle.

«Como porém o drama seja de grande espectaculo, ainda que na parte accessoria, e o cofre da administração do theatro se não ache sufficientemente habilitado a fazer face a taes despezas, e não o deva em conformidade do decreto de 22 de Setembro de 1853, o Conselho Dramatico não hesita em implorar, e tem antecipadamente a certeza de obter da munificencia de Vossa Majestade ,que o seu Governo seja autorisado a pôr á disposição do Commissario Regio junto ao theatro normal, as sommas necessarias para levar a effeito este pensamento altamente nacional, apresentando previamente o referido Commissario Regio para tal fim ao Governo, o orçamento de despeza, conforme determina o regulamento alludido.

«O Conselho julga ter cumprido um dever, respeitando o direito incontestavel que assiste ao autor do drama; e fôra indifferença mal cabida pelas glorias da nossa scena, se não desprezo inqualificavel pelo insigne poeta que a sabe illustrar, se assim não procedesse.

«Deus Guarde, Conserve, e Dilate a preciosa vida de Vossa Majestade.

«Inspecção do theatro de D. Maria II, 5 de Julho de 1856.

«O Presidente

«*José Maria Grande.*»

Pareceu-me juntar para aqui todas estas noticias e peças documentaes, para que, se porventura algum dia um engenho curioso se lembrasse de escrever a historia literaria do nosso theatro, tivesse á mão com que se inteirar de todo o occorrido ácerca de um drama, a que o nome do protagonista só per si, á mingua de qualquer outro merito, communicou uma importancia real e incontestavel.

NOTA II

ORTOGRAPHIA

A d'este livro, a de todos os meus, a de todos os portuguezes, é fortuita, contraditoria; parte racional, parte empirica. De ninguem é culpa esta anarchia; todos a deploram; todos a desejam terminada. Era prazo para se festejar o apparecimento d'um dictador com a missão de pacificar.

Exoriare aliquis.....

D'aqui até lá cada qual irá empregando e defendendo o seu systema ou costume, como cada um se regula quanto ás horas pelo seu relogio, ou pelo da torre visinha. Eu, que não escrevo por minha mão, é que não defendo nas minhas paginas coisa alguma d'estas: como as palavras lidas me sôem ao que devem, não me canço a tirar devassas de ii e yy, zz e ss, a cada uma. Mas pergunto: ¿não seria possivel estabelecer em nossa Lingua um padrão ortographico por onde todos aferissem o seu escrever? ¿termos uma boa e bem patente meridiana, por onde todos nos acertassemos? E' mais que possivel: é facil, e é facillimo, e de muito podera já estar realisado.

Era pelos fins do anno de 1842: praticavamos sobre este mesmo assumpto o meu amigo José Frederico Pereira Marecos e eu; e o mesmo que lamentâmos aqui, lamentava elle, mas com muito mais rasão,

pois tinha a seu cargo a Typographia Nacional, de que era Administrador, e que traçava levantar ao maior ponto de credito e perfeição, ambicionando, como bom letrado que era, vir ainda a influir por aquelle estabelecimento notaveis beneficios na Literatura patria. Aventei-lhe eu, que, pois a Academia levantára mão do seu antigo e tão bem estreado empenho de assentar a Lingua patria, restava que nós, os amigos das Letras, nos confederassemos com fé e zelo para identico fim; que os desafiasse elle, convidando-os para uma aprasivel conferencia ortographica na manhan de cada domingo; que, depois de lançadas as bases do systema novo, o reduzissem a regras claras e faceis, aferissem e rectificassem por essas regras todos os termos da Lingua, e emendados os digerissem n'um vocabulario, sem definições nem explicações, salvo nos rarissimos casos em que duas palavras de diversa significação, ouvidas, se podessem equivocar: assim, com pouco dispendio de impressão, se offereceria aos que o quizessem, um guia ou manual ortographico com todas as vantagens desejaveis: barateza, que poderia, até deveria, o preço não passar de 100 ou 120 réis; modicidade de volume, para se poder levar em qualquer bolso sem incommodo; credito, por se saber fôra feito com consciencia e sciencia; rapidez de consulta, por vir cada vocabulo descarnado de artigo; e até finalmente agrado, pela harmonia e coherencia. Tanto lhe cahiu em graça o arbitrio, que para logo se determinou em o dar á execução, obtendo todavia dos então Ministros e Se-

cretarios d'Estado a promessa (que nenhum d'elles recusou) de mandarem adoptar e seguir nas escritas de suas respectivas repartições e dependencias, o novo vocabulario ortographico. Todos os redactores de folhas periodicas da Capital, pelo menos a maioria, e certo a melhoria d'elles, adheriram, como o Governo, á ideia de tão suspirada reformação.

Sob estes auspicios favoraveis se estreou o anno de 1843.

Como esta historia não seja de mera curiosidade, mas sim de proveito, em quanto póde excitar outros animos para o desempenho do projecto, ainda pendente, não se me ha-de extranhar lançal-a eu aqui summariamente.

*

Eis o que se lia na *Revista Universal Lisbonense* de 19 de Janeiro:

«Domingo 15 se reuniram, a rogos do snr. Pereira Marecos, dignissimo Administrador da Imprensa Nacional, na livraria da mesma, alguns dos literatos distintos, que se acham empenhados em regularisar a ortographia portugueza; necessidade por todos sentida e confessada, e tanto mais vergonhosa, quanto é já hoje esta a unica Lingua do mundo, que a padece. Sahimos d'aquella primeira conferencia persuadidos de que emfim este problema, havido por irresoluvel, poderá chegar a desatar-se.

«Assentados os fundamentos da ortographia no uso, analogia, etymologia, tratarão os collaboradores de ir aferindo cada uma das palavras do vocabulario pelos principios ou regras geraes, em que houverem concordado, e registando-as, por sua ordem alphabetica, á proporção e do modo como se forem approvando. Este pequeno vocabulario, sem definições, e

o mais completo que fôr possivel, será estampado pela mesma Imprensa Nacional para uso seu, e de todas as outras que desejem adoptar o novo systema. Alguns redactores de jornaes, e muitos literatos (e, dentro em pouco, serão todos os literatos e todos os redactores) abraçarão, provavelmente sem restricções, um methodo, que, ainda quando em um ou outro ponto discrepe de suas ideias particulares, tem comtudo a immensa vantagem de nos reunir a todos n'esta parte. E' de crer que o Governo não tardará em contribuir para este fim, ordenando que nas Secretarias de Estado e mais repartições suas dependentes se rejam por este novo diccionarinho, como d'antes se governavam pelo Madureira; e insensivelmente a ortographia portugueza apparecerá uma e determinada».

*

Do mesmo periodico a 2 de Março do mesmo anno:

«Continúa a congregar-se todos os domingos na bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior pontualidade e zelo, a sociedade literaria, que tomou a peito assentar as suspiradas e tardias pazes entre os ortographos portuguezes. As conferencias, que nunca duram menos de quatro horas, vão promettendo excellentes resultados. Por ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes; assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas umas pelas outras, proceder-se-ha á sua applicação a todos os vocabulos da Lingua por sua ordem alfabetica. Nenhum trabalho bem remunerado foi jámais feito com melhor vontade e maior affinco do que este, de que nem sequer uma gloríola se póde esperar em recompensa »

*

Finalmente extrahimos da mesma *Revista* de 16 de Março:

«No *Patriota* de 10 do corrente, lemos um artigo com este mesmo titulo, assignado A. M. da Silva, no

qual (sem que os illustres redactores d'aquella folha acrescentassem coisa alguma para correctivo) se combate o nobre empenho que alguns literatos se impozeram de assentar as suspiradas e tardias pazes entre os ortographos portuguezes. Figura-se ao articulista abominavel audacia n'esses literatos o pretenderem elles presentar ao Publico uma proposição de escritura uniforme, que, se fôr aceita, porá ponto na vergonhosa anarchia, em que ainda a este respeito laborâmos, e provavelmente facilitará, como em Hespanha, o estudo das primeiras letras. Poderamos responder ao articulista, que todas as revoluções literarias são e foram sempre feitas por sociedades ou individuos, e não por autoridades governativas, que para taes coisas não ha nem póde haver; que todos os preceptistas, diccionaristas, grammaticos, e ortographos, tiveram sempre o direito de apresentar os seus alvitres, como o Povo tem o de lh'os aceitar ou recusar. O Madureira, que por muito tempo foi nas repartições publicas o legislador do *a b c*, não valia de certo mais que os 13 collaboradores d'este futuro vocabulario, cujos nomes por sua ordem alfabetica são os seguintes: A. F. de Castilho—A. Herculano—A. J. Ramalho e Sousa—A. da Silva Tullio—J. A. Corrêa Leal—J. B. de Almeida Garrett—J. C. de la Figanière—J. F. Pereira Marecos—J. de Sousa Pinto de Magalhães—J. S. Mendes Leal Junior—L. A. Rebello da Silva—L. J. Moniz—S. Pinheiro Ferreira, Presidente.

«Assim a exhortação que elle faz a seus pios ouvintes, para que não aceitem a novidade, é tão van, e tão absurda, quanto é ridiculo o seu fundamento, que é, segundo elle diz, o menospreço com que a senhora *Revista Universal Lisbonense*, cujo illustre redactor é um dos membros da referida sociedade, parece tratar a ortographia e os ortographos, dizendo que d'esse trabalho nem sequer uma gloriola se póde esperar em recompensa.

«¡ Fracas são as ambições do illustre inimigo da ortographia, se realmente cuida que de um opusculo ortographico innominadamente composto por 13 individuos póde provir tamanho luzeiro de celebridade, que a sua decima terça parte seja ainda bastante para deslumbrar de inveja a qualquer christão! Mas quando assim fosse, quando se soubesse com evidencia

que todos os membros d'esta junta haviam trabalhado com a mesma intelligencia e fervor, que nenhum havia sustentado opiniões rejeitadas pela maioria, ¿como queria o articulista que o redactor da *Revista Universal*, que elle mesmo dá por um dos da conjuração, dissesse:—«¡ D'aqui ha-de-me porvir uma fama digna de ser perpetuada em monumentos com estatuas!»—¿Não seria isso abusar tambem dos typos e da paciencia dos leitores?

«A sociedade ortographica trabalha com zelo e assiduidade, porque entende que está fazendo obra, que todos os Portuguezes judiciosos, e não pirrhonicos, hão-de acceitar.

«E tão pouco é avára de tal honra, que de boamente a repartirá com todas as pessoas, literariamente habilitadas, que desejem ajudal-a. Venha o autor do artigo, e venha quem quizer, que as portas da livraria da Imprensa Nacional para isso estão abertas todos os domingos, desde o meio dia até ás quatro horas da tarde. Se forem tantos os collaboradores, que não caibam na casa, far-se hão as sessões na praça do Rocio, ou no Terreiro do Paço, para dar gosto ao snr. Silva Teremos comicios ortographicos, teremos a democracia applicada á grammatica, o que não deixará de ser curioso, ao menos pela originalidade.»

*

Aqui teem os leitores o como, a despeito de necedades ferrenhas e ingratidões prematuras, se ia teimando na boa diligencia.

Mandado pelo Governo estudar as melhores typographias de Paris e Londres para vir aperfeiçoar (como aperfeiçoou) a Nacional, sahiu de Lisboa o Administrador e nosso amigo Marecos, Secretario que desde o principio fôra das conferencias ortographicas, e seu mui activo excitador. Desde então parou tudo. Quando regressou, havia muito que estava quebrado o fio, não foi possivel tornar-se a atal-o. Para cumulo de miserias os

apontamentos do já feito tinham-se perdido. Seis annos mais tem portanto durado esta indecente e repugnantissima anarchia, que bem podera então haver findado, com grande credito da nossa edade, e proveito ainda maior das patrias letras.

Desde que introduzi nas escolas de leitura dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel o meu *novo methodo*, a experiencia me tem constantemente provado, o que aliás está dizendo o simples raciocinio: que a peior canceira para mestres e discipulos, e a mais ronceira rémora de progressos, é a arbitrariedade com que umas vezes letras diversas representam o mesmo valor; outras, as mesmas letras representam valores differentes. Toda a possivel reducção e simplificação n'esta parte, seria passo de gigante para o philantropico *desiderandum* de saberem todos ler.

Oxalá que esta nota, convencendo a quem possa e queira, da summa exequibilidade, dos promptos e prosperos effeitos do alvitre, concorra ao cabo para que elle vingue. Mais propozera eu agora se o ousasse, a fim de precaver cansaços e entibiamentos de vontades, e outras causas de deserção nos collaboradores antes de finda a obra; e era: que por lei se determinasse um subsidio aos literatos que em tal se houvessem de empregar, os quaes então entendido está que deveram ser escolhidos e nomeados, ou pela Academia Real das Sciencias, ou pelo Conselho Superior de Instrucção publica do Reino, ou mesmo pelo Governo, depois de consultados e ouvidos ambos aquelles res-

peitaveis corpos. Se algum maligno suppozer que peço nicho para mim, por ter notado que desde o começo andei n'esta diligencia, engana-se: quando isso se realisar, se porventura se realisar, e por mais cedo que se realise, já eu cá não estarei; da terra do nascimento me atirou a minha estrella, passa de dois annos, para duzentas leguas mar em fóra; hoje, como se fosse ainda muito perto para desterro, e muito pouco para martyrio, vai me atirar peregrino para duas mil leguas, e para outro mundo, que a final me ha-de comer os ossos; pelo que, o que peço e imploro aqui, não é já para mim, nem movido de *premio vil;* é sim que apesar de tudo, sempre, até o fim, e com todas as veras d'alma

A minha terra amei e a minha gente.

Aqui findava a nota na 1.ª edição. Os doze annos cumpridos e acrescentados, que depois decorreram até hoje, ainda não chegaram para se acudir ao mal, sequer com alguma tentativa de remedio, que aproveitaria ou não;

.....*sed quid tentasse nocebat?*

Continúa pois, quanto á escrita, a haver tantas linguas portuguezas, quantos são os que n'ella escrevem.

O autor considera actualmente, e já de muito, que esta questão é alguma coisa mais que simplesmente literaria, o que já não

seria pouco: entende que n'ella vão interessadissimos o progresso, a politica, a civilisação de Portugal.

Claras são as razões em que se funda, e eil-as aqui:

Reformada que seja a ortographia em sentido sincero e francamente popular e democratico, isto é: arrancadas e extirpadas do escrever todas quantas difficuldades excusadas lhe teem vindo semeando e multiplicando eruditos, latinistas, hellenistas, arabisantes, e mais sabios da escritura; achegada, quanto possivel, á recta pronuncia dos vocabulos a sua representação graphica, para logo desapparecem os maiores e mais repugnantes embaraços que tornam, e tornarão ainda por tempo largo, prenda rara, e quasi que privilegio entre nós, o ler e o escrever.

O ler e o escrever, que foram, que não poderam deixar de ser na origem, extremamente simplices, rigorosos, e como taes facillimos, haverão dado um passo de gigante para os maximos futuros, a que todas as outras coisas do mundo tendem harmonicamente, logo que, reconhecido, como já o é, o errado caminho que teem seguido, ousarem recuar até áquella sua tão formosa e nativa singeleza.

Então o curso completo da escola elementar, applicados os bons methodos ao ensino, ha-de perfazer-se em poucas semanas. Nenhum pretexto imaginavel se opporá mais á frequencia, commoda, attractiva, e fecunda, do ensino primario.

Quando isso fôr, já um systema geral de

providencias luminosas e liberaes haverá facilitado o apparecimento e multiplicação de livros e jornaes prestadios, instructivos, moralisadores, sympathicos, e quasi gratuitos, ou gratuitos, para o povo, para o vulgo, para a plebe; e todas estas obras, umas em volumes, outras desfolhadas, cahindo serenamente sobre a multidão de dia a dia, como o orvalho creador sobre as plantas sequiosas, serão absorvidas e aproveitadas, uma vez que não desdigam, por vaidosas e descabidas presumpções, da simpleza, da exacção, da verdade graphica, aprendida na escola; deixar-se-hão ler, e ler-se-hão com a mesma espontaneidade e gosto com que se conversa; pedirão tão pouco exfôrço para liberalizarem a todos toda a sua substancia, quão pouco ou nullo é o trabalho com que apprehendemos as visões e os sons, as fragrancias e os sabores, do grande livro de Deus, chamado — A Natureza.

A mais humilde choça terá então a sua bibliotheca; os ocios do casal, da officina, do barco, do quartel ou da cadeia, serão deleitosamente occupados por leituras fecundativas para o trabalho, para a moral, para a convivencia.

Imbuido d'estas ideias, verdades quanto a mim incontestaveis, que já muitas vezes por outras partes tenho expendido, propuz na Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1852 se nomeasse uma Commissão para elaborar as bases de um novo systema ortographico, que não estivesse, como o actual, em manifesta contradicção com o espirito do seculo, que é simplificar, accelerar,

e aperfeiçoar; condensar em summa a vida em todos e por todos os modos.

Nomeou-se a Commissão.

Discrepancia capital de opiniões entre os vogaes, difficultou logo no principio, e dentro em breve paralisou, até que a final suprimiu de todo, os trabalhos da Commissão, dos quaes só tenues e apagados vestigios encontro hoje pelas actas.

Desenganado de que por ali, e assim, não se alcançava resultado, fiz ainda á mesma sábia corporação nova proposta, mas que não surtiu melhor effeito que a primeira.

Reduzia-se ella a que se mandasse imprimir um volume de prosa, v. gr. os *Evangelhos*, com a ortographia rigorosamente phonica, marcada na dissertação intercalar lançada de pag. 121 a 131 da 2.ª edição do meu *Methodo de leitura*.

Impresso que fosse o livro, instaurar-se-hia no edificio, e sob os auspicios da Academia, uma escola experimental de leitura pelo novo systema ortographico.

Este curso, esperava eu com fé plena e inconcussa que poria em breves dias os alumnos analphabetos a ler e a escrever com promptidão e regularidade.

Logo que se verificasse que assim era, parecia-me impossivel que houvesse alguem tão ferrenho nos preconceitos, e tão adverso ao allumiamento das turbas, que votasse contra a aceitação de beneficio tão demonstrado e tão momentoso.

O meu pensamento reservado era este: que muita gente sizuda, e até por especulação, começaria a publicar para os ledores

assim iniciados, outras obras com a ortographia por que elles tinham aprendido; e se as escolas publicas, honradamente encaminhadas pela autoridade superior, accedessem ao movimento civilisador dado por aquella primeira, dentro em pouco (a minha simples e santa malicia estava aqui) a maioria dos escritores, com vontade ou sem ella, murmurando ou já sem murmurar, se acommodaria a conformar as suas obras com o novo padrão.

Alguns teimariam sem duvida, e póde ser que muitos, na conservação do systema velho: uns, só porque era velho, e se tinham creado com elle; outros, porque lhes cheirava a latim, e a varias outras sabedorias; mas a razão publica havia de fazer n'isto por derradeiro, o que já vai fazendo com o tambem formoso e simplicissimo systema metrico-decimal.

Como quer que fosse porém, e ainda que nenhum d'estes resultados se chegasse a realisar, entendia eu que a impressão do tal livro com a ortographia phonica e precisa, e o ensinar-se a ler por elle n'um curso de tentativa, não apresentavam a minima desvantagem de que se podesse fazer objecção, por ser muito certo que os iniciados em poucos dias n'esta leitura e escrita nova, podiam depois iniciar-se igualmente, mas já então com maior facilidade, na leitura e escrita velha, n'essa leitura e escrita tão arripiadas de difficuldades, e para onde aliás se entra sem nenhuma luz prévia, sem nenhum preparo que attraia a vontade, facilite a comprehensão, e ajude a memoria.

Tambem esta tentativa abortou; e d'então para cá não ousei mais abalançar-me a outra alguma sobre a materia. Fiz como os tripulantes hollandezes, que, em se sentindo inferiores á valentia dos temporaes, amarravam o leme, se recolhiam ao porão, fechavam a escotilha, e se entregavam á Providencia. Digo como o meu Ovidio:

Di maris et cœli (quid enim nisi vota supersunt?)
Parcite quassatæ solvere membra ratis.

A mais especiosa objecção que se tem adduzido contra a admissão de uma ortographia phonica, inequivoca, e invariavel, funda-se em que, pronunciando-se diversamente nas diversas provincias portuguezas d'áquem e d'além mar, cada um, regulando-se pela pronuncia do seu uso, escreveria segundo a moda peculiar de sua terra, do que resultaria ficar havendo a final muito maior numero de ortographias inconciliaveis do que ao presente.

Respondo: se é para desejar que todo o povo de um Estado se harmonise entre si no falar, o de que ninguem duvidaria, a nossa proposta, executada integralmente, e com todas as circumstancias devidas, tinha, ou tem, de realisar, em mais ou menos tempo, esse socialissimo *desideratum*.

Em poucas palavras: A Academia Real das Sciencias, por exemplo, compunha e publicava o Vocabulario portuguez, escrupulosamente ortographado segundo o que ella julgasse melhor pronuncia da gente culta da Capital. Mediante esse pequeno, singelo, e

baratissimo voluminho, qualquer provinciano ficaria sabendo o como na Capital se proferia cada palavra, conseguintemente o como a elle lhe convinha articulal-a e escrevel-a. *Lhe convinha*, repito, pois todos sabem que a tendencia geral dos habitantes da provincia é assumirem, n'isto como em tudo, a moda e o exemplo da metrópole. A ortographia una traria por consequencia a pronuncia una; e a pronuncia, ao passo que se fosse identificando por toda a parte, iria reciprocamente conspirando, com energia sempre crescente, para a identificação da escrita.

Abstenho-me de cançar o leitor com os desenvolvimentos praticos e justificativos da materia; supponho-os obvios e palpaveis.

Só ponderarei por conclusão: que o modo incertissimo de escrever, até hoje usado, nenhum influxo, absolutamente nenhum, exerceu, nem podia exercer, para o aperfeiçoamento e uniformação da linguagem, em razão de andarem ahi em quasi completo divorcio o escrever e o falar.

O que se lança ao papel é quasi sempre uma especie de *caput mortuum* latino, estranho de todo o ponto ao falar corrente. Leva-se por guia unico um fabuloso Charonte decrepito, e ás vezes tonto, dos vocabulos defuntos, chamado diccionarista, que voga cabeceando sobre um Lethes barrento, para um paiz de sombras vans, alheias ao mundo dos viventes.

O systema que propômos tem por base a realidade, por essencia a vida, por norte a civilisação.

*

Se porém soubessemes ao certo que esta revolução tão mal augurada, e com tão avessos fados cometida até hoje, havia fatalmente de parar em letra morta, trocariamos o nosso rogo n'outro bem diverso, e mesmo contrario em grande parte:

Pediriamos que, não se querendo por modo algum escrever como se fala, e falar como se escreve, ao menos se acudisse á anarchia graphica por meio de um codigo de preceitos, fundamentados em principios fixos, e acompanhado do competente vocabulario; e para base d'essa obra, de aliás dificillima execução, e de inevitavel estranheza, se adoptasse o mui notavel e conscienciosissimo opusculo já de muito apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa, com o titulo de — *Ortographia portugueza e missão dos livros elementares, correspondencia official relativa ao Iris Classico, publicada por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha — 2.ª edição correcta e augmentada.*

Um systema graphico tão inflexivelmente etymologico e erudito como é o que no citado livro se propõe, seria na verdade um grandissimo estôrvo ao aprendisado do ler e do escrever; mas ao menos poderia acabar com a vergonha de escrevermos cada um por seu systema particular, e as mais das vezes ao acaso.

Se ainda se não quer attender á questão altamente social e humanitaria da instrucção elementar de todo o povo, se a hora da philosophia séria ainda não bateu, seja sequer

tomada em alguma conta ess'outra questão de decencia literaria, questão que tambem, lá a seu modo, é nacional.

NOTA III

PONTUAÇÃO

E' a pontuação parte mui capital da ortographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos. Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente. D'aqui, e de se não darem, nem poderem dar, nas escolas boas regras, e boa pratica de recitar, provém que a pontuação, para a quasi totalidade dos ledores, é letra morta. Muito é logo para desejar, persuadir, e requerer, que outro tanto, como para a correcção graphica das palavras já pedi, se haja não menos de fazer em beneficio d'este indispensavel complemento da escritura. Ousarei até acrescentar, que esta segunda reformação, quando bem feita, promette e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza, homem* ou *omem, Nympha* ou *Ninfa*, não offerecem em realidade mais que uma questiúncula philologica; ahi, o som, e o valor real, como quer que se escreva, são

sempre os mesmos. Não assim a pontuação: n'esta, vai interessada a logica, e a eloquencia ou poetica; isto é, a rasão, e os affectos. Eis o por que me pareceu consagrar aqui algumas linhas a este assumpto.

*

Attribue Cicero a origem da pontuação á necessidade de se tomar o fôlego: se d'essa razão phisica procedeu, outra houve para se ella adoptar e seguir, e foi a dialectica; porque as pausas e compartimentos dos periodos, para alguma coisa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circumscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e conseguintemente allumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocabulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de pontuação, podem exprimir conceitos, não só diversos, senão oppostos, segundo o engenho, as opiniões, os interesses, ou a ignorancia do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o autor, pela addição de certos sinaes, designasse qual era o seu.

Das obras de Heráclito, dizia Aristóteles, que se não atrevia a pontual-as, com medo de levantar testemunhos ao autor. Que seria, onde de Heráclito não fosse o escrito, nem o intérprete um Aristóteles?

De Cicero até nós, todos os grammaticos em geral, teem considerado a pontuação como uma necessidade phisica dos pulmões, e uma necessidade intellectual; n'outros ter-

mos: como uma commodidade, e uma clareza. Entretanto, a pontuação póde ter, tem já, e deve ter ainda mais, terceira serventia; a saber: exprimir *intenção artistica.*

A linguagem falada foi um effeito necessario da faculdade discursiva, e da tendencia social, providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem falada nasceu a escritura, esse invento dos inventos, não menos admiravel que a propria linguagem; essa apotheóse e eternização das idéas mais subtis e fugitivas; essa memoria do genero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondéra, semi-prova da immortalidade do nosso espirito. Pelo facto de falar e escrever, o homem se achou investido na realeza do Universo: o presente, ficou sendo seu dominio pela associação; o passado e o futuro, pelas letras, que em si conteem a historia, as crenças, as legislações, e as sciencias todas.

¡Que immensa conquista! ¡e que serie de portentos! ¡A ideia, tornada palavra! sahida do seio da alma como um passaro inesperado do escuro d'um bosque, viva, córáda, sonora, rapida, volante, e com a maravilhosa propriedade de poder entrar por ouvidos em milhares de almas ao mesmo tempo, para as fecundar! Depois, a palavra, corporificação aérea da ideia, tão fugaz por sua natureza como o sôpro, e fadada a expirar apenas nascida, ambiciona duração indefinida, e corporifica-se para os olhos. ¡Duas encarnações do verbo humano! N'esta parte parece que toda a ambição possivel se achava satisfeita, e não havia mais que pedir ao genio: mas não

era assim. A ideia, traduzindo-se na palavra falada, tinha necessitado de crear para a mesma palavra uma escala de tons de affectos, sem os quaes só seria retratada em mortecor; assim tambem a palavra falada pedia á escritura a reproduzisse, quanto possivel, com a sua vivacidade natural, com as suas côres privativas, com a sua vehemencia ou desanimação, com a sua rapidez ou quebras, com as suas iras, com os seus amores, com as suas melancolias, com as suas indecisões, com tudo quanto, por ser seu, era parte constitutiva d'ella mesma. ¡Coisa inexplicavel! esta obra d'arte, que tão facil devia parecer á vista das duas precedentes creações, acha-se apenas encetada.

*

A pontuação, que entre os Antigos, e por larguissimos seculos, quasi até aos nossos dias, só serviu para os repousos da voz, como nos jardins e parques espaçosos os pequenos assentos ao longo das alamedas, e nos largos e clareiras os relvados e os canapés, a pontuação, digo, reconheceu-se que tinha de fazer mais algum beneficio do que esse, e o que d'esse procedia: o aclarar as phrases. Pediu-se-lhe a expressão, a physionomia, o caracter, o calor, o movimento das ideias: ao menos das principaes. A' virgula, ponto e virgula, dois pontos, e ponto, que só representavam pausas mais ou menos dilatadas, (como o ponto dos Antigos, collocado no alto, no meio, ou no baixo da linha) accresceu a interrogação, a admiração, e a re-

ticencia: isto é, para tres dos innumeraveis movimentos do discurso, assinaram-se notas significativas; mas os outros (¡contradicção inexplicavel!) permaneceram sem indicador; continuaram por isso a laborar no vago, sendo forçoso a quem lesse, adivinhar, ou conjecturar, ás vezes, mais de metade da intenção do autor, quando este em notas, ou digressões tediosas lh'a não explicasse. D'ahi, essa arrastada bagagem de advertencias, que deturpam as paginas dos dramas, e que deturpariam até as dos sermões, se elles se imprimissem para serem no pulpito reproduzidos por oradores. D'ahi tambem, o escaço recurso, de que modernamente se começam a valer, de misturar a interrogação com a admiração, a admiração ou a interrogação com a reticencia, etc. D'ahi, o haver-se forçado o pobre ponto exclamativo a expressar, ora a ironia, ora o terror, ora a compaixão, ora o enthusiasmo. O ponto de admiração, é nos caixotins do typographo, o que é no bahú dos comicos ambulantes a safada capa do Rei, que nos apertos lá vai supprir toga romana, samarra de ermitão, ou manto de viuva envergonhada; vale tudo, que é o modo de nada valer. D'ahi finalmente, o costume, que descobri em alguns dos nossos actores mais habeis (e que certamente lhes foi inspirado pela necessidade), de marcarem, cada um com sinaes só por elle entendidos, certos pormenores da recitação, ao passo que o autor, ou ensaiador, lh'os vai explicando. N'um exemplar de Racine, que fôra do uso de Talma, pessoa instruida que o viu, me contou ser tal, e tão insolita a pontuação

que o grande Mestre havia posto de seu punho nos papeis que representára, que, por falta da chave do segredo, se tornava incomprehensivel; mas nem por isso deixava de comprovar, por sentença de tão competente juiz, a insufficiencia do systema usitado.

¿Quem ha hi que, tendo já composto algum trecho de estilo apaixonado, não sentisse com desespero esta verdade, e se não désse a pêrros por não atinar como se exprimiria? ¿não entrevisse a possibilidade de um additamento a esta linguagem da linguagem, e o não chamasse com todos os seus votos?

*

Discursemos sizudamente:

Se o mal existe (e não é pequeno); se lhe sabemos a natureza, e por conseguinte o remedio; se este, nem é perigoso, nem repugnante, nem caro, nem comprado, ¿por que o não manipularemos, e tomaremos logo, e já?

No prologo á minha *Traducção das Metamorphoses de Ovidio,* pag. XX e seguintes, apresentei como proposição o systema de pontuação que n'esse livro seguia, e que mais ou menos tenho depois seguido em outros meus; a saber: de córtes mui miudos; mais claro, por muito analytico; mas constando unicamente ainda dos signaes já recebidos. Agora, para completar essa proposição, offereço aos que houverem de tratar da regeneração da ortographia, o alvitre de se crearem afoita e liberalmente novos sinaes.

*

O processo para esta obra importante, seria começar por um estudo philosophico da alma humana quanto ao sentir e ao querer; passar d'ahi á classificação dos affectos e paixões, o *ethico*, e o *pathetico*, segundo a expressão das escolas, caracterisando-os, e distinguindo-os com a possivel exacção; e concluir, dando a cada paixão e a cada affecto um pequeno symbolo facil de explicar, e facillimo de representar com o bico da penna. Na minha *Cartilha de Leitura*, approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, procurei eu mnemonisar pelos olhos e pelo discurso a virgula, o ponto e virgula, os dois pontos, o ponto, a interrogação, a admiração, a reticencia, o parenthesis, a apóstrophe, o asterisco, etc.; e a experiencia tem mostrado que por esse methodo toda a difficuldade de comprehender, reter, e applicar a pontuação, desapparece. O que assim se fez para os sinaes recebidos, cujas figuras haviam sido, sem duvida, tomadas em seu principio caprichosamente, ¡quanto melhor se não poderá fazer nos sinaes creados com reflexão, e por espiritos analyticos! Defenda-me Deus da fatuidade de lhes querer marcar itinerarios; entretanto, para melhor dar a entender o meu pensamento, embora hajam de rir os que riem de quanto lhes parece novo, proporei dois ou tres exemplos: ¿o tom mavioso não caberia symbolisar-se com um ponto á feição de coração? ¿o imperioso, com um arremedo de sceptro? ¿o irado, com uma seta? ¿o meditabundo, com

um dedo para o ar? etc. etc. etc. Com estas indicações, não se cuide que peço obras de desenho; não; para o manuscrito, qualquer longe ou arremedo nos bastava; a typographia, essa que pozesse embora maior primor.

¿ Não tem ella chegado já com os seus progressos a alguma coisa paralella a esta, porém menos necessaria, e mais difficil? falo das chamadas *illustrações*, das pequenas gravuras intercaladas no texto, e em que as ideias dos vocabulos se estão, por que assim o digamos, com complacencia remirando; falo das *letras capitaes ornamentadas* e escolhidas; falo das *vinhetas*, e *fundos-de-lampadas*, adequados.

*

Uma objecção estou eu já antevendo, que é a difficuldade de completar um systema e regimento de sinaes para todos os tons e semi-tons da recitação, e, depois de inventados, o custo de os decorar.

A' primeira parte respondo que, ainda que se não inventára senão metade, senão o terço, senão o dizimo dos signaes de que se carece, já esse ficava sendo, no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento. Por se não poder conseguir o optimo, não se ha-de desprezar o bom. Dae-nos dois, ou tres pontos novos, e de grande préstimo; quando esses forem correntes, virão outros, e outros, até se vingar á perfeição. E' assim que a lyra, a principio de tres cordas, depois de quatro, depois de cinco, chegou até vinte;

e nem por isso, quando a viu plena, a historia da Musica riscou o nome do seu primeiro inventor, ou os dos seus successivos ampliadores.

A segunda parte da objecção, já com a resposta d'esta esmoreceu; mas, para que de todo se desvaneça, repito o que ha pouco disse: que os signaes que eu peço, sendo mnemonisados para os olhos, e para o discurso, n'um relance se decoram. Quanto á confusão, que alguem imaginaria haver na multiplicidade dos pontos para se ler com rapidez, observarei que a leitura commum se faz sem hesitações, e com a velocidade do relampago, mas contém em si (sommando o alphabeto maiusculo e o minusculo, os algarismos, a pontuação, e mais sinaes graphicos) para cima de setenta figuras mui diversas. ¿A Musica não tem porventura ainda muito maior copia de sinaes e combinações? e entretanto, ¿não ha muito quem a decifre correntemente? ¿e não a lêem ahi a cada canto pessoas sem talento nem estudos, e só pelo vezo de a correrem? certissimamente.

Ora a propria Musica podia subministrar á Leitura, se me não engano, alguns dos seus sinaes já conhecidos; assim como a Leitura nova lhe podia subministrar a ella com que supprir por um traço cada uma das advertencias, que os seus compositores são ainda hoje forçados de escrever estendidamente, como: o *piano*, o *forte*, o *luzingando*, o *con expressione*, o *sforzando*, o *maestoso*, o *andante*, o *andantino*, o *marziale*, etc. Em realidade, os pontos do contacto, ou semi-contacto, entre Declamação e Musica, são mais

do que aos desatentos, e á primeira vista, poderia parecer. A não haver entre ellas relações intimas, o canto nada expressaria ; e entre diversos cantos feitos para a mesma letra, não sentiriamos n'uns mais propriedade, n'outros menos, n'outros nenhuma. A declamação dos Antigos, que era mais exagerada do que a nossa, chegava até a ser regrada por signaes musicos; pois que de oradores romanos sabemos, que tinham um flautista para lhes ir encaminhando as variações da voz. Esse excesso não o ha hoje ; mas para os que lêem e recitam com perfeição, ha, e ha-de sempre haver, escalas de sons sujeitas a uma certa arte, como já adverti na tentativa que fiz sobre a maneira de recitar, no meu *Tratado de Versificação.*

Ha nas typographias regulares uns trinta sinaes por onde os revedores de provas e os compositores se entendem entre si para as emendas. Cada um d'estes sinaes, com serem bem singelos, cifra uma recommendação, ou ordem, que, a se escrever por extenso, levaria linhas, e ficaria menos clara. A significação de taes sinaes é rigorosa; a sua leitura, instantanea. Alguns poderiam tambem transferir-se para a pontuação nova, ou taes quaes, ou imitados.

*

Resumamos: A escrita, sendo feita para a leitura, e varios generos de escrita para a leitura em voz alta, deve ser acompanhada de sinaes, que do modo mais rapido e exacto determinem os pensamentos e os affectos,

que o autor quiz transmittir. Os signaes que hoje se costumam, uns, indicando pausas, outros, affectos e paixões, são insufficientes; d'esta segunda especie, principalmente, muitos se devem inventar. Os escritores, começando pelos poetas, nomeadamente pelos dramaticos, adoptarão com alvoroço a novidade.

*

Formulemos a nossa receita. Uma junta de peritos reune-se a estudar e ventilar as questões de pontuação; supponhâmos na Bibliotheca Publica da Côrte, ou na da Typographia Nacional. Trabalham com as portas abertas, permittindo a quem quer que fôr o coadjuval-os com observações e conselhos, quer verbalmente, quer por escrito; redigem a sua theoria o mais clara e sobriamente que possam, com todos os sinaes bem designados; ajuntam a isto um pequeno corpo de exemplos bem escolhidos, em que todos os ditos signaes se achem empregados mais de uma vez; a Typographia Nacional manda fazer na sua fundição todos esses sinaes novos para todos os diversos abcedarios que possue, e de que vende para as outras imprensas. Cada livro que se imprimir d'ahi ávante, levará no principio, em uma ou duas paginas, a explicação dos sinaes, se o autor se houver querido servir d'elles, como é evidente que todos quererão. D'esta sorte os leitores em pouco tempo se haverão, como os autores, familarisado com a novidade; os autores folgarão, vendo que produzem mais effeitos com menos trabalho; os leitores em

cada pagina bem feita descobrirão cardumes de bellezas, que até hoje lhes teem sempre estado occultas.

Para mais efficacia se havia de recommendar, muito recommendadamente, que se fizesse, a respeito de cada um d'esses pontos novos, o que já, á imitação dos Castelhanos, vamos praticando com a interrogação e a admiração; a saber: pôl-os duas vezes: uma, direitamente, no fim da respectiva phrase; outra no começo d'ella, e revirado, para prevenção e advertencia.

*

Quintiliano no liv. 1.º cap. 8.º, depois de haver tratado da ortographia, accrescenta:

«Resta a leitura: consistirá esta em se ensinar aos principiantes onde hão-de suspender a respiração, onde pausar o verso, onde cerrar o sentido, d'onde começar, quando se ha-de alevantar ou abaixar a voz, o que importa se diga com inflexão, o que mais lenta, o que mais rapidamente, o que com mais impeto, o que com mais brandura; coisas todas que só á vista da propria obra, que teem diante dos olhos, se lhes poderão explicar. Quanto á leitura — ajunta elle — a um só preceito me reduzo: quem pretender conseguir tudo isto, trate de bem entender para si o que ler.»—

O que a tão grande Mestre acabâmos de ouvir, é a mais cabal apologia que da minha proposição se podia fazer. Pelo systema velho, cada um antes de ler alto havia de estudar o escrito, e ainda então o leria conforme o seu muito, pouco, ou nullo entendimento; pelo systema novo, até os de enten-

dimento nullo hão-de ler de repente bem, isto é, hão-de expressar, quanto n'elles caiba, os pensamentos e affectos do proprio autor.

*

Depois do que deixo dissertado, medo tenho de que de toda a parte caiam juizos severos sobre este pobre livro, a fazer n'elle autopsia de pontuação, e, achando-a em partes defeituosa, procurem por ahi desautorisar o bom conselho. Podéra já de antemão reconvir-lhes com o sabido rifão do—«Fazei o que elle diz, não façais o que elle faz.»—Mas outra melhor resalva supplico eu se me receba: quem por sua mão não escreve, nem com os proprios olhos revê provas, por mais escrupulo e paciencia com que se ponha a ditar virgulas e pontos, sempre por derradeiro deixa sahir muita coisa, que elle mesmo, se as relesse, não entenderia.

Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens.

NOTA IV

LINGUAGEM

Em obra que levava por titulo *Camões*, não era só direito, se não dever rigoroso, apresentar a linguagem patria com aceio, galas, e joias, de mui rica. Se o não consegui eu quanto era absolutamente possivel (e não consegui) até onde o podiam consentir

as leis do genero, diligenciei-o atrevidamente. *As leis do genero,* repito, porque no drama, que é fórma literaria essencialmente popular, não póde a linguagem dispensar-se de ser tão clara, que doutos e indoutos a disfrutem. Sería para rir querer um autor que houvesse o *Vocabulario* de Bluteau em cada camarote, e em cima de cada par de joelhos na platéa os dois volumes do Moraes, para chave do que se ouvisse. Os espectadores prefeririam levar a do quarto ou da gaveta para assoviarem. E' coisa de primeira intuição. Chega a tanto este jus do povo, e a correlata obrigação dos poetas, que egypcios, gregos, romanos, chins, inglezes, allemães, e qualquer genero de gentes, quando no mesmo tablado se representam, teem de falar uns como os outros, e todos, como os ouvintes.

Um drama *Camões* porém, em terra de Portugal, tinha por primeira de todas as obrigações retratar, até o ponto de reconhecivel, quando não fosse com fidelidade extrema, a linguagem do seculo e da pessoa mesma do protagonista. Um Camões que nos viesse falando como qualquer fumante do botequim do Marrare, ou vertedor de novellas francezas, ou mesmo limpamente, mas sem tal qual esmero, seria tudo quanto quizessem, menos Camões. O soldado, o aventureiro, o poeta, o namorado, e o atribulado, não são mais caracteristicas e essenciaes feições do nosso bom Luiz, do que o amante da Patria, e o classico em seu idioma; dois louvores, que em ultima analyse se reduzem a um só.

Se não podemos imaginar um Camões sem valor, nem sem maguas amorosas, nem sem trabalhos e pobreza, menos ainda o poderiamos conceber que não fosse idólatra do portuguez, por ser um donoso falar, e por ser o falar da sua terra. Ora, sob pena de infinito ridiculo, ¿como podiam as mais figuras, que houvessem de entrar com esta em acção, exprimir-se á moderna, quando a que lhes servia de centro, e de alguma sorte caracterisava o seu seculo, por necessidade se exprimia á antiga? Todo o ponto estava, pois, em que elle e seus contemporaneos, servindo-se de vocabulos e construcções que nos trouxessem uma illusão de ancianidade, por tal arte discursassem, que nem o espectador menos versado em letras e archeologias ficasse em jejum. O que aos indoutos desapraz na linguagem velha, não é tanto a extranheza, como a escuridade; se a ideia brilha clara e inteira atravez da phrase desusada, uma vez que esta não seja por outros motivos reprehensivel, póde ir sem medo de desprazer, e até póde ser que agradará mais; pois lisonjeará o amor proprio do ouvinte inculto, que sem intérprete, per si só, a decifrou.

A isto se reduz a questão: ¿rescende a linguagem do drama a antiga? ¿e é ao mesmo tempo corrente e perspícua? se respondeis que sim, feri no alvo a que tirava.

Não obstante, que desde a primeira linha entendi sempre, que trabalhava mais para estudiosos e poetas no retiro e silencio de suas livrarias, que para turbas populares em platéas, nunca d'estas comtudo me esqueci

tanto, que não decotasse muito do dizer antigo, que naturalmente se me vinha offerecendo, e com o que as personagens e a éra poderam sahir muito mais genuinas. E quando não, pergunto se as comedias de Jorge Ferreira, de Antonio Ferreira, de Sá de Miranda, de Antonio Prestes, de Simão Machado, ou as do proprio Camões, não são de linguagem muito mais enleada, perplexa, e espinhosa, que todas quantas paginas aqui lestes.

*

Por aqui cérro, e entrego ao juizo e sentença final competentes, uma defensa, com que me pareceu munir o livro.

Quanto a linguagem em geral, alguma coisa pratica porei tambem para remate d'esta nota (que já por isso mui de industria lhes puz por titulo *para serem lidas*). Uma vez que passei, da edade em que se devaneiam fabulas apaixonadas e egoistas, para esta, em que o nosso principal egoismo consiste em dar conselhos, terceiro alvitre, e terceiro requerimento a bem das Letras será esta minha terceira nota. [1]

Não é para aqui amplificar excellencias da Lingua portugueza; assaz e de sobra o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros melhores do que eu. E' uma Lingua bella; é uma Lingua rica; é uma Lingua para tudo; ¿quem o desconhece? por tudo isto, e

[1] N'esta edição a presente Nota ficou 4.ª, como o leitor viu.

Os Editores.

por que é nossa, e por que é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal a, servil-a, defendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e n'elle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e cahindo de debilidade. A Imprensa livre, isto é, a Imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade não se póde escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

> A lingua de Camões, qual hoje a vês,
> com pouca corrupção crês que é francez.

Para esse mal não se aventa remedio. Mas ha, além da Imprensa, outras duas vertentes de impureza, ambas copiosas, ambas permanentes e toleradas, e que ambas se podiam vedar sem grande custo: uma, é o Theatro; outra, as escolas publicas. Em quanto a Imprensa actúa principalmente sobre os que sabem ler e lêem, o Theatro mascavado contamina o povo inculto, classe que, á mingua de outros meritos, teve sempre em toda a parte o de ir conservando a tradição do bom falar, sendo na plebe que um escritor, desconsolado de parlamentos e jornaes, póde ir retemperar-se, como na conversação caseira das mulheres o fazia Cicero. As escolas, com os livros desleixadamente escritos, com um quarto de portuguez, um de francez, e dois de *algaravia*, corrompem e as-

solam todo o gosto do bom dizer; desde a nascença matam nas almas infantis esta parte grande da nacionalidade. Para os theatros, ha um tribunal: o Conservatorio; para as escolas, outro: o Conselho Superior d'Instrucção Publica. O Conservatorio, que não auctorise a representação de dramas, como quasi sempre se nos dão, em que a phrase só a entenderá toda, quem pelo francez a fôr mentalmente substituindo: o Conselho Superior, não permitta no ensino obras de fancaria literaria, como por ahi correm, não só desprimorosas, se não inçadas de atrozes solecismos. Veneno na fonte da instrucção primaria, é crime para que não ha nome. O gallicismo bruto em boca plebéa faz dó; mas entre os labios de rosa de um innocentinho, espanta e horroriza quasi tanto como a obscenidade.

—«¡Quer estylo affonsinho nas comedias, cartilhas e cathecismos!!» — arrotará com sorriso glorioso algum tarelo. Não: desejo e peço que os escritos dramaticos sejam, ao menos, limpos; o contrario é insultar o Povo, ainda que elle o não sinta; e os opusculos para uso da infancia, desejo e peço que, além de limpos, sejam ricos, não de vocabulos obsoletos e condemnados, mas de termos proprios, variados com acêrto, de phrases classicas intelligiveis, de mil chistes graciosos, que são nossos exclusivos, de inversões feitas com arte e gôsto, sem as quaes, nem a phrase póde ter *numero,* nem o estylo ser artistico, etc., etc., etc.

Mas tronquemos por aqui a Nota, que o labyrintho por onde me ia mettendo é espi-

nhoso, e poderiam matar-me lá dentro alguns emboscados.

Até aqui rezava a nota na 1.ª edição. Hoje, doze annos após, nada se tem ainda feito por parte dos superintendentes publicos para a cura do Theatro, ou das escolas, em relação á vernaculidade. Todavia não se ha de escurecer que, de envôlta com os muitos escritores, e alguns de merito, que por ahi se obstinam em derrotar a Lingua, varios se apontam que ainda crêem n'ella, e a servem com efficacia. Não farei rol de nomes, como desejára, para lhes tributar louvor e agradecimento, por me ter ensinado a experiencia o perigo em que se incorre, sem nenhum proveito, quando se offertam corôas a quem as merece. Citarei um só nome, que, pela grande altura a que tem subido, me parece não poder já suscitar opposições, duvidas, ou contraditas: é o do snr. Camillo Castello Branco.

Este escritor, o primeiro e mais fecundo dos nossos romancistas, e, felizmente, o mais popular de todos elles, é (de certo me permittem dizel-o) o que mais real e incontestavelmente vai levantando com o seu admiravel engenho um dique, não sei se tardio, se não (oxalá que o não seja), á torrente invasora e fatal do estrangeirismo no falar; é o Filinto dos nossos dias, mas um Filinto expurgado de archaismos barbaros, de latinismos descabidos, de hypérbatos escuros e repugnantes; um Filinto de gosto apurado;

um Filinto de todo o ponto aceitavel para modelo. Não copia os chamados classicos alto e malo; estuda-os com discernimento e crítica, para colhêr, como Virgilio em Ennio, o oiro de lei e as perolas finas, que por entre aquelles despejos se encontram em abundancia; e com essas preciosidades vai tauxiando os seus escritos, os quaes, por fortuna, se lêem e se relêem.

As obras dos classicos não são a sua unica mina, nem porventura a mais copiosa: o snr. Camillo explora igualmente o falar vivo do Povo, e em particular o do povo provinciano; grandes repositorios de nativos dizeres gentilissimos, desconhecidos, desprezados, escarnecidos, talvez, d'estes melindrosos e enfastiados, que só se querem com as conversações dos theatros e praças das grandes cidades.

Bem haja elle, e bem hajam os dois ou tres que assim como elle ainda não descreram de todo da Lingua da sua terra.

NOTA V

TRATAMENTOS

Na *Revista Universal Lisbonense*, a 16 de Março de 1843, lançava eu o seguinte:

«A mulher de um escrivão provinciano,—segundo refere na *Revolução de Setembro* um de seus correspondentes,—tinha posse antiga, pacifica, e não interrompida, do tratamento de *dom*; *dom* illegitimo na

verdade, como tantos; e, como todos, innocente por sua completissima insignificancia. Como aquelles que, á força de repetirem uma pêta que inventaram, chegam a final a persuadir-se d'ella, disfrutava a boa mulher o seu *dom* com a mais plena boa fé, e *dona* se assignou com seu marido n'um requerimento para uma acção de força contra outro escrivão da mesma terra,—intentada não sabemos por quê;—sabia-o porém o adversario: e para obstar ao andamento do processo com uma boa sobre-roda logo no principio d'elle, se lhe oppoz com uma excepção, argumentando, não contra o *Dr.*, nem contra o nome, mas simplesmente contra o *D*, que o precedia, ao qual se arremessou armado como um philisteu com a Ordenação do liv. 5.º, tit. 92, § 7.º, e as leis de 3 de Janeiro de 1611, e 9 dito de 1739.

> «Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
> ferozes vos mostrais e cavalleiros!

«Triumphou. — O juiz recebeu a excepção: condemnou a dama a passar sem *dom* o resto da vida: riscam-lhe o *dom* dos autos, que mais se não possa ler. — Requereu a despojada na maior consternação, allegando com a posse e uso; e as anachronicas entranhas de ferro do magistrado permaneceram inabalaveis.

«O narrador do feito desenrola diante das leitoras este sudario, para as exhortar a não quererem tratamento, que pelas ordenações e leis do Reino lhes não compita: — é o mesmo que ensinar fabulas de La Fontaine a meninos. Mas falando sinceramente, não vemos no moralisador razão alguma de tomo para tal empenho. ¿Que mal fazem hoje o *dom*, a *senhoria*, a *excellencia*, e todas as mais distincções de igual jaez? Nenhum: nem sequer já são ridiculas;—quando palavras e fitas se guardavam para recompensas de serviços, havia razão n'essas pragmaticas; ¡mas hoje!...—Antes nos parece que, se chegassemos como quer que fosse, a uniformar os tratamentos, a usarmos todos indistinctamente do *dom* e da *excellencia*, como já usámos do *vós*, e como os antigos usaram do *tu*, os autores de novellas e os de theatro ganhariam n'essa innovação uma grandissima facilidade para bem escrever.

Vossa excellencia e vossa senhoria
juraram nunca entrar na alta poesia,

— diz o nosso bom Filinto; e diz verdade; ¿mas d'onde provém isso? Da não generalidade Quando safadas pelo uso *senhorias* e *excellencias* ou forem para todos sem excepção, ou por inuteis cederem a vez—não dizemos ao *vossa mercê*, mas simplesmente ao *vós*, a esse patriarcha d'onde se deriva o *vosa* que se intrometteu com a *mercê*, e que ainda agora se intromette com a *senhoria*, com a *excellencia*, com a *alteza*, com a *majestade*, com a *eminencia*, e com a *santidade*; — quando n'isso, que é sensato, imitarmos não só a nossos maiores, mas a toda essa França polidissima, á Inglaterra, e tanta parte da Europa, teremos ganho muitissimo para a eloquencia e para a literatura, e tambem para a liberdade, e muitissimo mais para a civilisação».

*

Na mesma *Revista*, a 20 de Abril do mesmo anno, em carta que me dirigia o meu excellente amigo e poeta Mendes Leal, como introducção ao seu formoso romancinho *Flor do Mar*, lia-se este paragrapho:

«Não posso porém esquivar-me a memorar uma difficuldade, que, bem que á primeira vista pareça minima, nem por isso a julgo menos importante e embaraçosa: falo dos tratamentos.

«Usâmos nós o tratamento de terceira pessoa em vez do de segunda, do *vós* e *tu* tão nobre e tão constantemente seguido por quasi todas, senão todas as de mais nações. Já tivemos esse tambem. Quem nos trouxe este, não o sei eu. Ou fosse porém uma degradação na Lingua, ou fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle temos de lutar. E não se estranhe a palavra *lutar* de que uso, porque entalado entre a necessidade de aceitar as praticas contemporaneas, para ser verdadeiro, e a necessidade de conservar a dignidade a que tal pratica evidente-

mente se oppõe, para ser conveniente e nobre, as diligencias do que tentar satisfazer ambas estas imperativas necessidades tornam-se uma verdadeira e muito séria luta.

«E n'este caso me acho eu. Não presumo de lograr a victoria; mas protesto que me hei-de aventurar á peleja, não sem me acovardar a consideração de quanto é preciso nobilitar os affectos, de quanto cumpre elevar e engrandecer a acção e os caracteres, de quanto exforço e apuro se carece para alcançar, não já proxima, mas ainda remotamente, o fim desejado.

«Algumas vezes sr. redactor, nas nossas breves, e para mim amenissimas horas de placida conversação, nos hemos entretido n'este assumpto; e n'essas praticas que v. sabe encher, como poucos, de philosophia, de lição, e de poesia, tive eu a satisfação de observar que esta era tambem a sua gravissima opinião».

*

Que se me perdôe haver trazido até aqui a transcripção: sou fanatico da amisade; até com as suas cegueiras me delicio; e mais, quando em espiritos de tal ordem. E' uma vangloria, sim, mas não a que animos vulgares julgariam. Volto ao meu proposito. Em nota ao precedente excerpto, dizia eu:

«Não é este um assumpto em que possam coisa alguma as leis e a autoridade, mas tudo póde a moda. Por que não começariamos por moda o tratamento geral de *vós*? Um mez de exforço continuado n'este sentido, principalmente nas assembléas mais numerosas, consummaria este milagre, felicissimo para a Literatura, e ainda feliz para muitas outras coisas».

O alvitre não valeu. Debalde d'ahi para cá, por diversas vezes, em varios periodicos, e auxiliado por alguns escritores amigos, diligenciei ir subrepticiamente introdu-

zindo pelo exemplo o que pelo discurso não havia pegado; para o que substituimos nas cartas dos correspondentes o *vós* e o *vosso*, coisas tão francezas como portuguezas, á desasada *vossa senhoria*, cifrada no *v*, e ao *seu* excellente periodico, etc. Tambem essas diligencias sahiram baldadas, com grande credito para o don de prophecia do meu collaborador e amigo Silva Tullio, que sempre teimou em que não achariamos sequazes; dando como razão que poucos dos que entre nós escrevem, sabem conjugar os verbos até á segunda pessoa do plural.

Subsiste pois a carencia do *vós*, e continúa por consequencia, nos affeiçoados á Lingua e Letras, a obrigação de o pedirem e persuadirem.

Aqui tendes, leitores amigos, o por que isso que em folhas volantes e ephémeras se havia já lido e esquecido, se colligiu e repoz para aqui, onde póde ser que será mais attendido. Para o ser, acresce agora tambem, que os tratamentos cada vez vão perdendo mais entre nós o cunho distinctivo, a ponto de já quasi se lhes não atinar com o valor. A *senhoria masculina* e a *excellencia feminina*, tinham já engolido tudo, como um duplice diluvio; então, a *excellencia feminina* começou a transbordar para os homens; cresce, cresce, em pouco os haverá tambem engolido. Quando isso fôr, não haverá remedio para distinguir o bello sexo, senão elevarem-no até á *alteza*, e da *alteza*, quando esta se tiver masculinisado, até á *majestade*. A prophecia, na historia se contém.

Se pois os tratamentos já não distinguem

nem sequer titillam agradavelmente as orelhas, e por outra parte tanto damnam ás literaturas mais gostadas e populares, á novella, e ao drama, ¿por que nos não desenganaremos a ser n'isto europeus? Redactores, começae vós a revolução, desterrando das folhas essas vanissimas vaidades. Corifeus, e corifeas dos bailes e saraus, vós que legislais a moda com vosso exemplo, não sejais parisienses unicamente no vestuario. ¿Que mais custará a dizer:— «*¿Quereis ter a bondade, senhora, de dançar comigo esta contradança?*» — «*Perdoae-me, senhor, estou já promettida*» — do que —«*¿Vossa excellencia quer ter a bondade de dançar comigo esta contradança?*» — «*Perdóe-me vossa senhoria, (ou vossa excellencia) estou já engajada.*» — Saia o *engajado*, entre o *vós*, e ficâmos optimamente. Os bailes de um só inverno, os passeios de um só verão de Cintra, podem consumar tão bella obra.

O tratamento que empreguei, quasi geralmente, n'este drama, foi o *vós;* a elle, em grande parte, se ha-de attribuir a cara portugueza com que sahiu.

Em algumas scenas se extranhará talvez que D. Caterina para Camões, e Camões para D. Caterina alternem o *vós* e o *tu;* se defeito é, confesso que o puz de proposito. Entendi eu, por assim o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdade, e exprimiam as hesitações naturaes que se padecem, quando, especialmente sem concordata prévia, se passa do tratar ceremoniatico para o tutear. Demais, a posição em que elles se acham um

diante do outro n'este drama, autorisava e persuadia taes variedades.

Tórno, devolvidos agora doze annos, a malhar no mesmo ferro frio.

Ahi vai o que na *Gazeta de Portugal* de 19 de Dezembro de 1862 escrevia na materia o snr. Teixeira de Vasconcellos.

Os leitores hão-de-me agradecer o regalal-os com estas paginas, tão cheias de noticia, de graça, de razão, como tudo quanto sai da penna do nosso amigo, talento insigne em todos os generos, veia caudalosa, inexhaurivel, esplendida:

Os tratamentos

«Dizem que Filippe II na entrevista de Guadalupe se apressára a dar *majestade* a el-Rei D. Sebastião para o obrigar a corresponder-lhe da mesma maneira, visto que era esse o costume de Castella, e que os Soberanos portuguezes nas suas relações com a côrte de Madrid tinham conservado o estilo de só darem aos Monarchas hespanhoes o tratamento de *alteza*, que tambem d'elles recebiam.

«D. Sebastião nas suas cogitações de conquista africana, e nos seus planos de guerreiro, devia importar-se pouco com essa cortezia de seu astuto e poderoso tio; entretanto, a julgarmos pela susceptibilidade com que se offendeu então de certas faltas que considerou descortezes, talvez lhe não foi indifferente o tratamento que o equiparava a um dos primeiros principes da Europa. Na côrte já começava a despontar a *senhoria*, e a *excellencia*, talvez desde que, pela restauração das Letras latinas, os escritores adoptaram n'essa Lingua as designações em que foi prodigiosamente fertil o Baixo imperio, e começaram em seguida a adoptal-as em vulgar.

«Veio depois o dominio castelhano, e a prudencia de Filippe II não deixou de explorar em todos os sentidos a vaidade portugueza, como soube descobrir e aproveitar a cubiça e corrupção dos que só desejavam oiro e distincções. ¡Triste quadra!

«Aquelle que nas côrtes de Thomar deu o Tozão de Oiro ao Duque de Bragança e ao de Ossuna para os equiparar na vassallagem sob o pretexto de uma grande distincção, procurando destruir na Casa de Bragança a supremacia em que ella se avantajava a toda a Nobreza das Hespanhas, não deixaria de lisonjear a vaidade dos cortezãos portuguezes na parte relativa aos tratamentos, recommendando aos magnates hespanhoes que o ajudassem a assegurar a posse do novo Reino, favorecendo o amor proprio da Grandeza de Portugal. O Duque de Bragança recebeu então de Filippe II a mercê do titulo de *excellencia*.

«E' certo que, durante os sessenta annos do dominio estrangeiro, as questões de tratamentos, limitadas aos primeiros do Reino, foram conceituadas de importantes; e quando Filippe III veiu a Portugal pelo Alemtejo, o Duque de Bragança recusou dar *excellencia* ao Duque de Uzeda, que em Hespanha a recebia. Quando o Duque de Bragança, que era tratado como Principe de sangue, só tinha *excellencia*, os grandes do reino honravam-se com a *senhoria*, e os mais avantajados em nobreza ou em serviços, mas que não pertenciam á Grandeza, conservavam o tratamento de *mercê*.

«A restauração de 1640 não restaurou o titulo de *alteza* que bastára a D. Manuel. O novo Rei aceitou a continuação do titulo de *majestade* com que se deixavam saudar os Monarchas hespanhoes, e o Principe e os Infantes tomaram o de *alteza*. A *excellencia* começou a generalisar-se mais. A *senhoria* alargou tambem os seus dominios, e a *mercê* tratou de se melhorar combatendo nas fronteiras contra os Castelhanos, e nas colonias contra os Hollandezes. E assim mesmo muitos perderam um braço ou uma perna nas linhas de Elvas, ou em Montes-Claros, sem que por isso se julgassem com direito a rejeitar esse tratamento geral dos nossos bons tempos primitivos.

«Apesar do heroismo com que pelejámos então, a

decadencia portugueza era visivel, e triumphámos mais pela necessidade europeia de limitar o poder hespanhol, do que pela propria iniciativa. E ao passo que diminuia a nossa influencia no mundo, e que se abastardeavam as qualidades de que ella proviera nos seculos anteriores, crescia o desejo de distincções, com que déssemos ás nossas pessoas e coisas a majestade e grandeza de outras eras, de que apenas eramos triste simulacro.

«No começo do seculo passado a confusão a respeito dos tratamentos devia ser enorme; as invasões, repetidas e audazes; os abusos, flagrantes e escandalosos; as pretensões absurdissimas. Foi necessario legislar a tal respeito. O Rei dignou-se regular em Janeiro de 1739 esse *importante* negocio, e cada um ficou sabendo o que devia dizer aos outros, e consentir que lhe dissessem a si.

«Não sei até que ponto se executou esta lei. Em coisas taes o abuso é facil; a identidade de razão autorisal-o-hia ás vezes; a omissão legislativa tambem; e o amor proprio e a vaidade não haviam de faltar a cooperar na renovação das irregularidades anteriores, embora se escandalisassem os rigoristas, e chasqueassem a esse respeito os poetas de um a outro canto do Reino.

«Se se abusou na côrte com a *excellencia*, nas provincias a *senhoria* achou-se com mais vastas possessões do que as ordens religiosas, que todavia possuiam uma boa parte do Reino. Ainda se repete aquelle celebre soneto do abbade de Jazente, que começa:

> A trinta e cinco reis custa a pescada,
> o triste bacalhau a quatro e meio;

e que acaba dando-nos completa ideia do caso:

> Tudo está caro; só em nossos dias,
> graças a Deus, achâmos em bom preço
> os tremoços, o arroz, e as *senhorias*.

«Que o abuso era frequente, e que promovia o riso, vê-se ainda em outras composições do chistoso abbade, n'aquelle outro soneto que diz:

«Eu não creio que a nossa fidalguia
procedesse de Adão que era um coitado,
um misero que nunca andou calçado,
um pobre que de pelles se vestia.

Nunca teve brazão; nem possuia
em prova de nobreza algum morgado;
nem nos consta jámais fosse tratado,
como agora se faz, por *senhoria*.

Eva inda foi peior, pois na Escritura
não se trata de *dom*, nem de *excellencia*,
nem se diz que nas danças fez figura.

D'onde venho a tirar por consequencia,
que estando hoje a nobreza em tanta altura
não traz d'elle, nem d'ella a descendencia.

«Assim corriam as coisas no seculo passado, no fim do qual teve logar a revolução franceza, e se espalharam em toda a Europa, sem exclusão do nosso Portugal, as doutrinas da egualdade entre os homens, da destruição dos privilegios, e do aniquilamento de tudo quanto se fizera nos seculos anteriores para conservar separadas as classes, e para extremar com diligencia cuidada as raças nobres das burguezas ou plebéas.

«É certo porém que essa igualdade podia ser interpretada de dois modos, e geralmente o foi em todos os Estados da Europa: ou que todos ficassem plebeus com a unica differença da riqueza, da capacidade, e dos serviços, ou que todos ficassem nobres, mesmo sem riqueza, nem capacidade, nem serviços.

«A França, que em tudo e para tudo dá exemplos, e que possue a rara fortuna de exercer por toda a parte incontestavel influencia, arrojou de si a egualdade republicana, que era a primeira, e adoptou a segunda com a avidez de quem andasse esfomeado d'essas distincções. Em uma bella manhan os mais abalisados republicanos acordaram Duques, como se tivessem nascidos filhos dos Montmorency ou dos Crillon, e os Condes e os Barões appareceram aos milhares. Então resurgiram do sepulcro, em que os lançára a revolução, centos e centos de Marquezes

e Viscondes, verdadeiros ou falsos, legitimos ou improvisados. A França ficou mais povoada de nobres do que antes da republica.

«Nunca fomos dos ultimos a seguir as pisadas das grandes nações. Tambem por cá architecturámos revoluções, e fizemos quanto em nós coube para que sahissem bem á feição das francezas. Andámos por ahi a impar com os sentimentos de egualdade e de fraternidade, e não sei quantas republicas planeámos em que deviamos resuscitar

> aquelle *tu* e *vós* quando algum dia
> havia em Portugal sinceridade,

e ficarmos todos uns, como promettiam as gazetas com applauso de quantos se julgavam desfavorecidos n'esta caprichosa loteria das posições sociaes.

«Parecia a muitos que, tendo perdido as nossas mais vastas possessões, e reduzidos hoje de potencia de primeira qualidade a nação de terceira ordem, nos iria bem a modestia republicana, e talvez por ella se renovasse a actividade dos nossos costumes antigos, e se restaurasse a energia dos animos portuguezes, de modo que ainda podessemos vir a ser alguma coisa n'este mundo.

«Este parecer era sensato, mas não passou no parlamento da geral opinião, no qual tambem não triumpha sempre o que é justo e digno. Entendeu-se que era melhor supprir a deficiencia da nossa importancia com as mais pomposas designações da grandeza humana, e encobrir os andrajos da pobreza publica sob a capa doirada das maiores distincções legaes.

«Pois enganámo-nos. Por mais *excellencias* que dêmos uns aos outros, não conseguiremos convencer os estrangeiros que abordam ás nossas praias, de que valemos mais que os antigos Portuguezes, objecto do respeito e admiração universal, grandes pela natureza dos seus feitos, e pela exemplar modestia do seu trato.

«De muitos estrangeiros sei que se admiram de ver um Deputado e um Marechal com o mesmo tratamento elevado, e de que o Barão de hontem e o

Conde de dois ou tres seculos corram parelhas nas distincções sociaes. ¡E se unicamente se admirassem!.. Mas é que riem a bandeiras despregadas, com este riso que faz córar a gente, e contra o qual não ha desforra possivel.

«¡E se nós acordassemos uma manhan com juizo, e começassemos a tratar-nos todos por *você*, como em Hespanha se usa o *usted*, em França o *vous*, em Inglaterra o *you*, e em Allemanha o *sie !*... ¡Se renunciassemos por uma vez as qualificações insensatas do Baixo Imperio, como no baptismo se renunciam as pompas de Satanaz, e deixassemos aos Russos barbaros, e aos Italianos ainda não resurgidos da degeneração em que os lançou o despotismo, esses vãos simulacros de grandeza !...

«¡Se conservassemos unicamente para as senhoras essas phrases com que nos deixamos regalar o ouvido, e com que nos illudimos reciprocamente ácerca da nossa posição !... Ellas, que reinam no nosso coração com incontestavel *majestade* e poder; ellas, que vivem na *alteza* da formosura e das virtudes que nós venerâmos diariamente ; ellas, cuja *excellencia* ninguem disputa, antes todos affirmam em continuada dedicação; ellas, perante quem a propria *senhoria* de Veneza mandaria ajoelhar o leão de S. Marcos ; ellas emfim de quem imploramos a cada hora a apreciavel *mercê* do seu agrado; ellas sim teem direito a conservar essas qualificações.

«¿Por que não havemos de as depôr a seus pés, e de lhes pedir que as guardem e conservem até que as mereçamos outra vez, dobrando os novos Cabos Tormentorios da civilisação, descobrindo os afastados continentes do progresso, e imitando os generosos exemplos de nossos maiores !... Ellas, que são as mestras do bom gosto, nos diriam quando transformados pela excellencia das nossas acções seriamos dignos de usar com apropriado sentido as designações que nada significam hoje. ¿Não haverá para nós um dia de reflexão e de juizo?

Eu quero crêr que ha-de chegar esse dia, ou então outro em que, levada ainda a maior excesso a mania das distincções nobiliarias, nos encontremos na praça, tão disfarçados em conselheiros, barões, viscondes, condes e magnates de toda a ordem, que, não podendo todavia deixar de nos reconhecermo

em limitado territorio como é o nosso, desatemos todos a rir com tão desatinada vontade, que ali acabe para sempre esta ridicula farça.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.»

*

Já se vê que o mui ponderoso voto do snr. Teixeira de Vasconcellos é, como o do snr. Mendes Leal, acima citado, e como o do snr. Thomaz Ribeiro na 2.ª edição do seu *D. Jayme* a pag. IX, inteiramente conforme com o meu, quanto á desconveniencia dos tratamentos que hoje em dia se estão usando em Portugal, e quasi que só em Portugal. Discordâmos porém do snr. Vasconcellos quanto ao remedio.

O *você*, traducção, boa ou má, do *usted* dos castelhanos, e abreviatura do *vossa mercê*, já figurou no solio, não ha duvida; mas cahiu; e jaz tão baixo, que para baixo d'elle só fica o *tu*. Figura-se-me até que o *você* tem, mais que o proprio *tu*, um tom desprezativo que o torna repugnante para a aceitação, e duro para sahir de labios cortezes, liberaes e benevolos.

O drama, a novella, e a conversação das salas, a eloquencia, forense, sagrada e parlamentar, difficilmente se lhe accommodariam; pelo menos, annos largos se haviam de passar para se lhe confirmarem foros de cidade.

Não assim o *vós*, de que diariamente nos servimos quando falâmos francez; que incessantemente nos apparece quando lemos francez; que é o tratamento diplomatico e uni-

versal, e tão cortezão de sua natureza como democratico.

Outra consideração, e concluimos: o tratamento por *vós* tanto não desappareceu jámais do portuguez, que, sobre achar-se corrente pelos camponezes da provincia, e implicito, como já notámos, em todos os outros tratamentos, é o unico empregado nas orações com que se invoca o favor da Majestade Summa. Em tudo cabe por tanto, e para tudo é. Poderia gabar-se de tanto o *você?* Considerae-me bem o *Padre-Nosso* e a *Ave Maria* com essa reforma:

Padre Nosso, *você* que está no ceo, santificado seja o nome de *você*, venha a nós o reino de *você*, seja feita a vontade de *você* assim na terra como no ceo; o pão nosso de cada dia nos dê *você* hoje; perdôe-nos *você* as nossas dividas, assim como nós perdoâmos aos nossos devedores; não nos deixe *você* cahir em tentação, mas livre-nos *você* do mal. *Amen.*

Ave-Maria cheia de graça, o Senhor é com *você*, bemdita é *você* entre as mulheres, bemdito o fruto do ventre de *você*: Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogue *você* por nós peccadores agora e na hora da nossa morte. *Amen.*

Decididamente não póde ser. O rosario convertia-se em chacota:

Vossa excellencia e *vossa senhoria*
juraram nunca entrar na alta poesia;

com muito mais razão, ralé suez,
nunca jámais lá hão-de entrar *vocês.*
Nobre, e plebeu, de vivos, e de avós,
nacional, e estrangeiro, impére o *vós.*

NOTA VI

VERDADE

(Tomo I pag. 3, linha 5—*Estudo Historico-Poetico*)

Estou com medo de que esta qualificação, que puz ao livrinho (só para lhe não chamar *drama*) cheire a vangloria. O que m'a ditou, bem longe estava de se parecer com tal. Não pretendi inculcar que dava obra para n'ella se estudar coisa alguma; nem mesmo que para ordenal-a tivesse eu deitado a baixo grandes livrarias, e investigado a fundo, para a pintar pelo natural, a vida do nosso poeta, como o Bispo de Vizeu e o snr. Visconde de Juromenha, ou outro algum ponto de substancia: o que eu, bem ou mal, appellidei *Estudo Historico-Poetico*, foi a curiosidade e particular desvelo, com que desejei bosquejar e colorir o bom e mau, de que em minha consciencia entendi se devia compôr o retrato moral e intellectual de Camões, o de el-Rei D. Sebastião, e o da antiga Lisboa. Não curei de saber se o poeta ou o Rei disseram ou fizeram realmente as coisas todas de que vão cheias essas scenas, nem se entre elles se deram os encontros e relações a que assistimos; tive por sufficiente

que nenhuma de taes exterioridades repugnasse ao conceito que de taes indoles se deve fazer; por outra: suppostas certas casualidades mui accidentaes, para a Historia indifferentes, e para a acção dramatica uteis e necessarias, attribui despejadamente aos meus personagens as palavras e actos que do seu modo intimo de ser me pareciam derivar-se por boa logica.

*

O mesmo quanto á Lisboa quinhentista. ¿Houve n'ella com effeito uma obscura conspiração abortada? ¿illuminou-se a armada na vespera de se partir para Africa? ¡que nos importa! se o que se pinta dos seus sitios, dos usos e costumes dos seus moradores, é verdadeiro, como é, temos o a que aspirei. O que digo de Lisboa, do seu Monarcha e do seu Epico, digo de D. Caterina, do Escrivão da Puridade, dos Cortezãos, digo do Jáu, etc., etc.

*

Certos retratistas primam pela fidelidade minuciosa com que se vão atraz de cada feição ponto por ponto; mas pintores, que para tanto não teem paciencia, contentam-se com reproduzir as caracteristicas; o restante supprem-n-o com o que val mais que todos os embrechados de bagatelas, que é a idealidade; do corpo debuxam quanto basta, mas da alma quanto podem. ¡Que vezes o cinzel e o pincel dos Gregos não offereceram ás adorações do mundo a majestade de Jupiter

e a formosura voluptuaria de Venus! ¿e onde estava a Venus, e onde estava o Jupiter que elles revelavam? Todavia, cada uma d'aquellas diversissimas encarnações conhecia-se. ¿Onde existe um transumpto contemporaneo e authentico da cabeça do Salvador, ou do rosto da Virgem? não obstante, cada artista de genio tem posto a Mãe e o Filho sobre os altares; os olhos reconhecem-lhes differenças, a Fé adora-os indistinctamente; porque em todas essas imagens vê um revérbero do Céo; a inspiração do talento communica-se aos espectadores; e, por um milagre humano, o que nunca se vira, adivinha-se. O historiador copía; o poeta phantasía. Ambos pintam; mas o segundo mistura nas suas tintas um verniz esplendido, cujos reflexos indecisos dão á vista uma illusão de movimento e vida. O Achilles e o Ulysses agigantados por Homero, estão de certo para o Achilles e o Ulysses da natureza, na proporção de mil para um: a razão o sabe, o jura, e o repete a cada instante. Apesar d'isso, quem lhe viesse hoje com o Ulysses e o Achilles primitivos, aos olhos d'ella mesma passaria por um mentiroso semsabor. O proprio Homero, esse vulto immenso, que atravez de suas paginas entrevemos; essa montanha de estro, d'onde, segundo a bella expressão dos Antigos, rebentavam caudaes de poesia para dessedentar a todos os poetas do mundo, ¿quem m'o faria acreditar simples homem, como os outros homens? Logo que a fabula com a diuturnidade se tornou consagrada, logo que o ideal e o positivo se caldearam e solidificaram com o tempo,

a verdade extreme degenerou em falsidade, em calumnia, em impossivel. Assim, o Eneas e o Virgilio da Historia, o Goffredo e o Tasso da Historia, o Gama e o Camões da Historia, não são nem nunca mais poderão ser os da crença do genero humano.

*

Oiço que o nosso incançavel, e mui sagaz investigador archeologico, o snr. Visconde de Juromenha, tem logrado desenterrar com estudo de annos, uma nova, e sobremaneira exacta, vida de Camões; na qual, segundo parece, até se prova não haver elle sido tão pobre, nem tão atribulado, como se crê.[1] Tal descobrimento póde ser para a nação um allivio de consciencia, e uma expurgação de peccado nefando, mas não sei se, ainda depois de vencido, o juizo publico se dará por convencido; nem se a poesia ganhará o que sem duvida perde com o achado. Um Camões comendo

> em toalhas de Flandres.....

e escrevendo

> em camarins forrados de damasco,

[1] Já emfim sahiu á luz publica esta, havia muito esperada, e verdadeiramente monumental, noticia ácerca de Camões, pelo erudito e sabio snr. Visconde de Juromunha. Não apparece n'ella o suspirado desmentimento da indigencia do poeta: unicamente prova que por Alvará Regio lhe fôra concedida tença de 15$000 réis, limitada a tres annos, e a qual em parte se lhe ficou devendo.

ainda que m'o imponham com documentos, já o não quero para meu.

> Retrato, vós não sois meu;
> retrataram-vos mui mal,
> que a serdes ao natural,
> fôreis mofino como eu,

dizia o mesmo Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz. O meu Camões é este com que me criei, que tem a consciencia de sua ruim sina, que tanto canta como se lamenta, que banquetêa os seus convidados com trovas mettidas em pratos cobertos, que vai sentar-se sósinho a compôr versos na gruta de Macau, que ceia das esmolas de uma pobre, e da mendicidade de um captivo, e que para ser enterrado necessita de uma mortalha pelo amor de Deus. ¡A verdade!... «*¿Quid est veritas!*» podemos perguntar nós tambem n'isto, e em muitas outras coisas. O nosso mesmo poeta, ou eu redondamente me engano, ou assim pensou, pouco mais ou menos, quando escrevia aquelle seu notavel e ainda hoje para muitos enigmatico soneto:

> Verdade, amor, razão, merecimento,
> qualquer alma farão segura e forte;
> porém fortuna, caso, tempo, e sorte,
> teem do confuso mundo o regimento.
>
> Effeitos mil revolve o pensamento,
> e não sabe a que causa se reporte:
> mas sabe que o que é mais que vida e morte
> não se alcança de humano entendimento.
>
> Doutos varões darão razões subidas;
> mas são as exp'riencias mais provadas;
> e portanto é melhor ter muito visto.

Coisas ha hi que passam sem ser cridas;
e coisas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

NOTA VII

ORIGINALIDADE

(Tomo I pag. 3, linha 6 — *Liberrimamente fundado sobre um drama francez*, etc.)

Quando lancei no começo d'este volume aquellas poucas linhas *A quem ler*, não padecia ainda o prurito, que depois me veio, de lhe juntar Notas; por isso, n'essa especie de preambulo não fiz mais, que acenar a mui excusada questão da originalidade ou não originalidade do escrito. A historia, para quem estiver ocioso e de pachorra, eil-a aqui:

*

Pelos fins do outono de 1847, achava-me eu n'esta cidade de Ponta-Delgada, no mais abominavel e desconsolado ocio que nunca soffri: sem intento, sem esperanças, sem amigos; Prometheu agrilhoado de costas ao meu rochedo, mas com mais de um abutre nas entranhas; aos meus peores inimigos não desejo uma semana como os mezes que então curti. Com o intuito porventura de me distrahir, me propoz o snr. Commendador B. J. de Senna Freitas, coração portuguez, e mui curioso investigador das glorias

nacionaes, o trasladar para o theatro particular de S. Sebastião d'esta cidade, de que elle era ensaiador, um drama francez *Camões*, representado e impresso em Paris em 1845: examinei-o, e, a despeito da mais que indecente ignorancia com que fôra escrito, reconheci que, se não lograsse vir a sacar d'ali obra cabal para o gôsto publico, sempre em tental-o colheria proveito; sequer encurtaria dias eternos, e me consolaria divertindo o ânimo de minhas maguas proprias, para as de outro poeta de mais talento e de não menores, ainda que tambem de não maiores, desditas: era consolação de triste especie; mas era consolação; que o diga Bocage, quando cantava entre os palmares da nossa India:

> Camões, grande Camões, ¡quão semelhante
> acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
> igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
> arrostar co'o sacrilego Gigante;
>
> como tu, junto ao Ganges sussurrante,
> da penuria cruel no horror me vejo;
> como tu, gostos vãos que em vão desejo,
> tambem carpindo estou saudoso amante.
>
> Ludibrio, como tu, da sorte dura,
> meu fim demando ao Ceo, pela certeza
> de que só terei paz na sepultura.
>
> Modelo meu tu és, mas... ¡oh tristeza!
> se te imito nos transes da ventura,
> não te imito nos dons da Natureza.

Metti mãos á obra determinado em só mudar quanto fosse preciso para a tornar portugueza; cresceu-me para logo a vontade, passou a gôsto, refinou-se em appetite;

entrei a edificar e a alindar em predio alheio, como se fôra no proprio chão; com o que, e com os estudos minuciosos que tive de fazer em terra sem livrarias nem homens de consulta para taes objectos, gastei, bem furtados a tristezas, os serões d'aquelle inverno. A Companhia de curiosos, para quem eu encetára o trabalho, tendo já decorado o primeiro acto, conheceu, á vista das extraordinarias dimensões, vulto, e apparato, que o poema ia assumindo, que já o não podia representar. Então me soltei de todo de contemplações dramaticas, e dei largas ao escrever; o drama estava irrevogavelmente transformado, ou, se o quizerem, degenerado em livro. O *pudor aut operis lex* já nada me vedavam. Para pintar, qual tenho que devia ser, a alma e indole do nosso poeta, espraiei me no dialogo, e deli n'elle a acção sem nenhum remorso. Na antecedente nota já o toquei.

Amando, confesso, o meu opusculo, e tendo o pelo menos ruim e mais vivedoiro de quantos escrevêra, ambicionei fazer d'elle feudo a um Principe, que por seu talento e copiosa instrucção era merecedor, como nenhum, d'este genero de homenagens. Enviei pois para o Brazil uma copia, para ter a honra de ser apresentada a Sua Majestade o Imperador.

No jornal *Iris* do Rio de Janeiro de 30 de Abril de 1849 se acha memoria de tal remessa e offerecimento, e se transcreve parte de uma carta minha ao redactor, em que eu lhe falo da origem franceza do drama, e do que n'elle acrescentei.

Achando-me em Lisboa em Março d'este anno de 1849, foi o meu *Camões* lido entre os literatos já nomeados no *A quem ler*, e por elles saudado logo ali, e depois na Imprensa pelo snr. Mendes Leal como obra portugueza de alguma valía. Ora, o manuscrito por onde essa leitura se fez, tinha por titulo, como viram quantos o quizeram, *Camões, drama em cinco actos, liberrimamente imitado do francez dos srs. Perrot e Armand Du Mesnil*, etc.; e já com esse mesmo titulo, essa mesmissima copia havia sido offerecida a varios livreiros de Lisboa para impressão; tanto assim, que foi essa mesma sinceridade, de confessar a obra não inteiramente original, a que fez com que nenhum d'elles offerecesse preço proporcionado ao trabalho e amor que eu ahi havia posto.

*

N'estes termos, ¡qual não seria o meu espanto quando, pouco depois da leitura, me dizem haver-se espalhado que eu apresentára por original um drama traduzido! e para cumulo de semsaboria me acrescentam que são amigos meus os que entre si deploram, mais do que censuram, esta minha fragilidade. Não havia remedio: dirigi á *Revista Universal Lisbonense* a seguinte carta:

«*Meu amigo:* — Depois do optimo gasalhado que os nossos amigos poetas fizeram ao meu drama *Camões*, lido no serão de sexta feira ultima, levantou-se a respeito da mesma obra uma balela, não sem fundamento, mas injusta, e para mim affrontosa, á

qual por isso darei aqui franca e leal explicação, como costumo.

«Disse-se, segundo me consta, que o drama não era original, mas traduzido de outro francez, representado e impresso, e que eu, por obra da minha lavra o apresentára.

«Eis aqui a verdade: existe um drama francez intitulado *Camões*, escrito por dois autores, representado em Paris, e lá mesmo impresso; e esse drama (que eu possuo) foi o despertador, e o fundamento do meu; mas o meu não é traducção d'aquelle; é-o ainda menos do que a *Eneida* o é da *Iliada*, com haver da *Iliada* muito e muitissimo na *Eneida*.

«Valerio Flacco, na *Argonautica*, não perdeu fóros de original, por ter seguido a Apollonio de Rhodes. Ovidio traduziu muito os Gregos sem o dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos Romanos antigos, de Bocacio, e de Bernardo Tasso. Racine fez a sua *Andromacha*, e a *Iphigenia*, sobre os modelos athenienses, de que transcreveu scenas inteiras. Voltaire aos Parisienses que lhe applaudiam o *Edipo*, exclamou: «Courage, athéniens, c'est du Sophocle.» — Os exemplos são infinitos.

«Falto, como sou (e sempre o confessei) d'aquella especie de talento com que se inventam os enredos, aproveitei aquelle, que me pareceu summamente bem disposto, havendo scenas, e muitas, não só imitadas, senão quasi traduzidas; razão por que, por um escrupulo, não sei se bem se mal entendido, puz logo no titulo da minha obra: *Camões, liberrimamente imitado do francez, dos srs... por...* Tanto assim, que ahi estão os srs. Bertrand, e Borel, honrados negociantes de livros, a quem elle, ha mezes, foi apresentado, a ver se o quereriam imprimir, levando toda a sobredita declaração que lá está ainda no rosto do manuscrito. E' mais que evidente que só um louco, d'estes que pretendem tapar o ceo com uma joeira, se poderia lembrar de que uma obra imitada poderia impunemente inculcar-se por de todo original.

«Até aqui justiça aos dois Francezes; agora justiça tambem para mim. O meu drama tem o dobro do francez; o segundo acto, se houvesse de imprimir-se com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas seguidas sem uma só palavra do lado francez; v. gr. toda a episodica representação

do *Auto*, e a subsequente coroação das damas, etc. O acto quinto é quasi todo inteiramente novo: a scena intima entre o poeta e o Jáu, em que o primeiro percorre desanimado, e rasga os seus manuscritos, e por cartas se despede dos amigos ausentes; o presente dos doces e flores pela mulata Barbara; o episodio do menino mendigo; o adormecimento do poeta ao som da canção do seu captivo; a scena da janella e o tecer das corôas, o crucifixo e o escudo, e os accessorios externos da noite de Natal, nada d'isto se acha nem sequer apontado na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos Francezes, porém, permitta-se-me dizel-o, muito superior a qualquer d'ellas.

«No quarto acto, a scena dos agoiros; no primeiro aquella que passa entre o estalajadeiro e o adelo, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; no terceiro, a noite de S. João, que não é talvez o somenos do poema; tudo isto é sem precedente no opusculo impresso; e muito mais adiante poderia ainda ir a acareação, se qualquer dentro em pouco a não pudesse fazer, pois o francez está impresso, e o portuguez brevemente o estará.

«Ha mais ainda: o caracter do meu *Camões* é mais retrato que o estrangeiro; o Jáu, que eu fiz poeta, não o é lá; a um imaginario Duque de Soria substituí, absolutamente creado de novo, o Escrivão da Puridade, Martim Gonçalves. El-Rei lá é um namorado doido; substitui-o por um D. Sebastião historico, exaltado, excentrico, poetico, e amador de livros. Em summa: o enredo é francez, mas como os Francezes não tinham estudado, nem adivinhado, nem Portugal, nem a epocha da acção, em tudo isto tive eu de crear, e creei.

«N'estes termos já se vê que, se pequei, foi mais em encolhimento do que em vangloria, quando chamei imitação a uma obra, em que tanto puz de estudo, de affecto, de phantasia, e sobre tudo de vernaculidade.

«Temos as nossas contas correntes: quando o meu opusculo sahir a lume, quem quizer que o confronte com aquell'outro; e já póde ser que, apesar do seu germen estrangeiro, lhe reconhecerão mais algum

valor intrinseco do que em muitos originaes. O enredo é francez; a acção nem toda; os principaes caracteres são meus; meus, mil episodios, e accessorios, dos que mais effeitos produziram nos bons engenhos que se dignaram de assistir áquella leitura; meu finalmente quasi todo o estylo; e a linguagem minha, ou antes nossa.

«Meu caro amigo: não é com o conhecido dito — «Je prends mon bien où je le trouve»—que eu heide defender a quasi originalidade ou originalidade do meu *Camões*; é com uma consideração mais alta, que nenhum dos bem iniciados na arte de escrever deixará de admittir: a fórma, em certos generos de obras, é muitas vezes mais que o proprio fundo.

«Sou, etc.

«Lisboa, 20 de Março de 1849.

«*A. F. de Castilho.*»

Compare-se a data d'esta carta com a do supra-citado numero do *Iris;* advirta-se em que a remessa do drama fôra feita da ilha de S. Miguel com a competente carta áquella redacção, conseguintemente antes de 21 de Fevereiro, dia em que d'aqui me embarquei para Lisboa; e ter-se ha, sobre provas, demonstração da minha verdade.

Até aqui não havia, cuido eu, senão um erro de criticos, mui perdoavel, e mui desculpavel; se bem que para a minha boa fé muito pouco lisonjeiro; mas da insigne boa fé de sycophantas sem nome, eis aqui um documento inclassificavel: volto para S. Miguel, sou recebido como amigo entre amigos; villanetes invejosos espinham-se com taes mostras; escrevem á porta fechada um libellinho choucho, quinta essencia de tres ou quatro cerebros (com licença dos que o são); imprimem-n-o, não sei se com data falsa se

sem data (de todas essas e outras gentilezas são elles uzeiros e vezeiros) e distribuem-n o com mão larga. Ahi se dizia, entre outras, que eu era plagiario; o que se provava por não sei que semelhança entre duas ou tres palavras d'uma trova franceza e o meu *Hymno do Trabalho*; e por eu dar a traducção de um drama francez como coisa da minha lavra. A estes sicarios de obra grossa, agachados debaixo de um prelo, e com as caras tapadas, é que eu dei o lembrete no principio do *A quem ler*. Podia-lhes ter rasgado as mascaras, mas tive dó; quando não, dizei-me se póde haver maior nôjo moral, que o imprimirem aquillo sem terem lido nem ouvido o drama, nem saberem mais a respeito d'elle do que isto mesmo que a minha carta publicada na *Revista* lhes contára. Desde que ha parvos malignos, ainda talvez se não tenha dado exemplo egual de malignidade parvoa. Peço desculpa de termos gasto tanta cera com tão ruins defuntos.

¿Por que fatalidade ha sempre de toda a parte mão armada contra os pobres cultores de Letras? ¿Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? ¿o viverem n'uma especie de eremiterio sem santidade? ¿o ralarem-se com utopias? ¿o serem mal conhecidos e mal julgados? ¿o devorarem invejas e ingratidões? ¿o encurtarem a vida? ¿o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam? ¿o não a conseguirem senão quando já a não podem ouvir? ¿e o não testarem senão pobreza? ¿Ha-de ainda vir a calumnia, na cóla da critica, enxovalhar-lhes como harpia fétida quan-

to produzem? A censura illustrada e honesta é medicina; ainda quando nos amarga, aproveita-nos; a satyra é veneno. Os espiritos malevolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos: se hão-de curar, assassinam. Como a arte é longa, o talento e o juizo raros, o exame consciencioso difficillimo, o qualificar acertos e desacertos mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitarem-se sobre um livro novo, como cães damnados ladrando, e uivando: *plagiato, plagiato.* Segundo Bavio e Mevio, Virgilio não foi mais do que um plagiario de Homero; Homero, segundo os Bavios e Mevios da sua terra, plagiario de Orpheo e Lino; Camões, segundo o padre José Agostinho de Macedo, não fez senão tomadias; o cantor de Camões, o snr. Garrett, segundo alguns estafermos, só tem publicado inéditos de um seu tio Bispo d'Angra (que já se vê tinha don de prophecia); os *Dois Renegados*, do snr. Mendes Leal, foram vertidos não sei já de que Lingua; as *Duas Filhas*, do snr. Pereira da Cunha, vieram não sei d'onde; em summa: não sai a lume obra de merito, que, antes de outra qualquer critica, ou em lugar de todas, a não alcunhem roubo.

É atroz; sobre tudo em obras dramaticas, nas quaes o estylo é pelo menos tanto como o entrecho. Bem haja Molière, que tomou de Plauto o *Amphitrião*, e não lhe chamou traducção, porque fez d'elle obra de Molière; bem haja Camões, que ao mesmo Plauto fizera igual honra, sem dizer *verti*, pois nos

testava obra de Camões; bem haja Regnard, que da mesma pedreira arrancou e esculpiu os seus *Menechmos*, e tambem os não chamou copia; bem hajam o Garrett e o Mendes Leal, quando deram sem nomes francezes, o primeiro, farças francezas, como *Falar verdade a mentir*, e *O tio Simplicio*; o segundo, o drama francez *O tributo das cem donzellas*; porque tudo isso ficou por elles naturalizado portuguez, e muito portuguez. Rosnaram lhes critiqueirinhos tartamudos; deixaram-n-os rosnar, e foram para diante; porque esses bem sabem e bem mostram quanta originalidade gloriosa póde haver n'um traductor. Mas a raça d'estas lesmas, que babujam toda a especie de monumentos em que não podem roer, é antiga, repito; ¿quereis ver como já os sóccos ferrados de Terencio as esmagavam? escutae o no prologo scenico da sua *Andria*:

Quando o autor no officio novo
tentou dramas escrever,
cuidou que agradando ao povo
não tinha mais que fazer.

Eram erradas as contas;
neste prologo o verão;
que, em vez de propor a acção,
vem só repulsar affrontas.

Velho poeta mordaz
o constrange a taes respostas;
se a moda vos despraz,
a culpa lançae-lh'a ás costas.

Comedias Menandro fez;
Andria e *Perinthia* são suas;
quem bem leu qualquer das duas,
leu-as ambas de uma vez.

No ser e enredo, ambas ellas
são gemeas não só irmans;
diverso estilo as faz bellas;
vario trajo as faz louçans.

Ora, o nosso autor confessa
que era alheio o que hoje é seu;
da *Perinthia*, *Andria* nasceu;
da grega, a romana peça.

Zoilos lh'o levam a mal;
dizem ser dramas perdidos.
Se devéras cuidam tal,
nunca os vi menos sabidos.

No que a Terencio increpais,
criticosinhos incautos,
aos Nevios, Ennios, e Plautos
não vedes que injuriais? !

Pobrezas de taes autores
são bem mais para invejar,
que d'estes parvos censores
todo o obscuro censurar.

Quasi todos os seus prologos scenicos o mesmo rezam, e contra o mesmo caturra velho: vá ainda uma amostrinha do seu *Heautontimorumenos*:

Do pobre poeta murmuram praguentos
que estraga da Grecia comedias aos centos,
e d'ellas expreme com musas mofinas
tres ou quatro chouchas comedias latinas.
Se é mal, paciencia; declara-vos já
que o faz, que o tem feito, que sempre o fará.
Por si tem o exemplo de bons escritores;
o que esses poderam sem medo a censores,
¿quem é que lhe véda fazel-o igualmente?
Mais critica temos: um velho demente,
poetastro das duzias, ruim falador,
no povo as derrama roendo no autor:
—«¡Terencio, autor comico!—exclama—¡que séstro!
«Não é certamente fiado em seu éstro...

«embute por suas, ideias que pilha;
«e á custa d'amigos por comico brilha.»—
Vós entre as calumnias e um peito leal,
romano auditorio, sereis tribunal.

Consolem-se com estes exemplos os principiantes; procurem ser originaes e correctos; premunam-se contra os criticos de bem; e quanto aos d'esta laia, nunca percam tempo como eu acabo de fazer.

Tomem de cór, e tragam sempre muito a ponto para uma pressa, este dito do nosso Camões:

«Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.»

REFLEXÕES DOS EDITORES

SOBRE A

ORIGINALIDADE DO DRAMA «CAMÕES»

Vamos tratar este ponto, o mais conscienciosamente que podermos e soubermos, transcrevendo o capitulo V do Livro V das *Memorias de Castilho*, publicado em Abril de 1895 no excellente periodico *O Instituto*, de Coimbra, com alguns additamentos introduzidos pelo autor das ditas *Memorias*. Eis o que se lê no citado capitulo:

*

Nos fins do Outono de 1847, em Ponta-Delgada, em quanto os nossos irmãos Brazileiros davam a Castilho uma alta prova de consideração, nomeando-o, por diploma de 15 de Agosto, Membro honorario da Academia Philomatica do Rio de Janeiro, achava-se o Poeta «no mais abominavel e desconsolado ocio, — palavras suas — sem intento, sem esperanças, sem amigos; Prometheu agrilhoado de costas ao meu rochedo, — acrescenta elle — mas com mais de um abutre nas entranhas. Aos meus peores inimigos não

desejo uma semana como os mezes que então curti.» [1]

Uma vez entrou na nossa casa um agradavel homem, de quem ainda me lembro, talvez já conhecido de Castilho em Lisboa, e um dos seus frequentadores em Ponta-Delgada; chamava-se Bernardino José de Senna Freitas. [2]

Era Senna Freitas pessoa da melhor sociedade, aspecto franco, physionomia muito portugueza, tinha o don da palavra, a maior facilidade de elocução, e variado saber (segundo ouvi); era Fidalgo da Casa Real, tinha sido Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, agraciado em 6 de Fevereiro de 1818 com o Habito de Christo, e

[1] *Camões*, drama. Nota sobre *Originalidade*.

[2] Bernardino José de Senna Freitas era filho de José Joaquim da Silva e Freitas, Official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra d'el-Rei D. João VI, Cavalleiro da Ordem de Christo por decreto de 19 de Julho de 1802 (Torre do Tombo, *Habil. na O de C.*—letra J, m. 68, n. 74), professo em 14 de Outubro do mesmo anno (Livro 2.º de mercês de D. João Principe Regente, fl. 288 v.), Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, por alvará de 18 de Abril de 1803 (Livro 4.º de mercês do dito senhor, fl. 213 v.). José Joaquim era casado com D. Maria Martinelli da Silva, e filho do Desembargador Bernardino José de Senna Freitas (Leitura de bachareis, letra B. masso 3, processo 92). Voltando com el-Rei para Portugal em 1821, foi-lhe doada, em attenção aos seus serviços, uma capella em tres vidas, na Ilha de S. Miguel.

Seu filho Bernardino nasceu no Rio de Janeiro, no sitio da Carioca, onde seu pae residia n'um palacete, freguezia de Nossa Senhora da Gloria, em 1799. Foi em 6 de Fevereiro de 1818 agraciado com o habito da Ordem de Christo, e subiu posteriormente a Com-

promovido depois a Commendador na mesma Ordem. Sabia-se que fôra partidario do antigo regimen, e dedicado sequaz do Principe Proscrito. Cita-o Innocencio como autor de alguns opusculos historicos, que parecem valiosos. Recordo-me bem de que se entretinham em largas conversações, elle e Castilho. «Coração portuguez, e mui curioso investigador das glorias nacionaes»—lhe chama o ex-redactor da *Revista*.

Como ia dizendo, entrou uma vez Senna Freitas em casa do Poeta, e levava-lhe um folheto francez do repertorio do *Odéon*, intitulado CAMOENS *drame en cinq actes et en prose par M.M. Victor Perrot et Armand Du Mesnil*.

mendador na mesma Ordem, e na de Nossa Senhora da Conceição. Foi Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, cargo em que se aposentou, e Fidalgo Cavalleiro da Casa Real. Casou duas vezes: a 1.ª com D. Maria José de Brito Velloso Vaz Velho, e 2.ª vez com D. Marianna da Arrabida do Amaral. Teve do 1.º matrimonio: Bernardino de Senna Freitas, que viveu muito tempo em Braga, foi jornalista distincto, e militou no partido miguelista, fallecendo em Lisboa, na rua de José Estevam, a 15 de Julho de 1904; o Rev.º Padre José Joaquim de Senna Freitas, nascido em 1840, que parochiou no Brazil, foi Prior do Campo-grande, em Lisboa, e actualmente é Conego da Sé Patriarchal da mesma cidade, orador sagrado notavel, polemista, e escritor de alto merito; e uma senhora, já fallecida.

Das numerosas e valiosas obras de Bernardino José de Senna Freitas trata Innocencio Francisco da Silva no seu immortal *Diccionario*.

As pesquizas para esta nota fel-as muito amavelmente na Torre do Tombo o nosso provado e erudito amigo D. José da Silva Pessanha, a quem muito agradecemos.

Tinha-se representado em Paris no segundo theatro francez, em 29 de Abril de 1845; era portanto quasi novidade.

Com o intuito benevolo de dar um lenitivo e uma distracção ao atribulado espirito de Castilho, propôz Senna Freitas que lessem juntos o drama; e lido, pediu ao Poeta o quizesse traduzir para a Companhia dramatica de curiosos michaelenses, que algumas noites representava no visinho theatro particular de S. Sebastião, na rua da Loiça. Presidente, o já citado Manuel José Ribeiro, e Senna Freitas Ensaiador.

«Metti mãos á obra, — narra Castilho — determinado em só mudar quanto fosse preciso para a tornar portugueza. Cresceu-me para logo a vontade, passou a gôsto, refinou-se em apetite; entrei a edificar e a alindar em predio alheio, como se fôra no proprio chão; com o quê, e com os estudos minuciosos que tive que fazer, em terra sem livrarias nem homens de consulta para taes objectos, gastei, bem furtados a tristezas, os serões d'aquelle inverno.»

Foi uma febre, uma absorpção, uma paixão, como as que o senhoreavam em materias literarias; entregou-se-lhe todo. O secretario, creio ter sido quasi sempre, ou sempre, o snr. Luiz Filippe Leite.

Leram-se chronicas, esmiunçaram-se pontos historicos, cotejaram-se as melhores biographias do Epico, apuraram-se minucias saborosas de usos e costumes quinhentistas; n'uma palavra: a traducção foi mudando de forma, foi-se tornando autónoma, o drama francez foi crescendo, tomando feição todo-

portugueza, intercalando-se de episodios nacionaes; e a pouco e pouco, a obra de Perrot e Du Mesnil figurava apenas como um bom alicerce sobre que se erguia outro edificio, a bem dizer novo, com os seus corucheos rendilhados, a sua nobre frontaria, as suas escadarias de marmore, os seus salões de razes, e a sua *originalidade* incontestavel.

A esta obra de Castilho pode assignar se a data aproximada dos finaes de 1847. O canto do Jáu, que pertence ao Acto V, deveu ser composto em fins de Dezembro, ou (quando muito) principios de Janeiro de 1848.

Logo de Fevereiro é a melodia a este canto, composta pela senhora D. Maria Rita da Silveira (depois Viscondessa das Fontainhas pelo seu casamento com José Cordeiro Feyo); ha outra, do mesmos tempo, pela senhora D. Maria Amalia Feyo (enteada da precedente, e mulher do talentoso Fradesso da Silveira); outra pela senhora D. Leonor Maria Helena Xavier Vidal (cunhada de Castilho) todas habitantes de Lisboa; e outra musica existe tambem composta por M. F. da C. G., que não sei já quem era.

*

¡Enthusiasmo indizivel entre os curiosos do theatrinho de S. Sebastião! Estava pronto o 1.º Acto; copiaram-se papeis, provou-se a leitura, e entrou-se a decorar. Mas... ¡oh horror! o drama ia assumindo taes proporções, e as personagens iam sahindo tão difficeis de interpretar, que os actores (que não seriam nenhuns Talmas) desanimaram, e o medo maniatou-os.

Pois se não eram Talma nem Kean, Rosa nem Theodorico, Tasso nem Epiphanio, Lemaître nem Taborda, não eram maus, não, os taes curiosos, conforme ouvi dizer em casa. Vi no mesmo palco varias representações, rasoaveis em qualquer parte. Lembro-me, por exemplo, do drama *O homem da mascara negra*, de Mendes Leal, em que entravam os snrs. Bettencourts, Carlos Maria Gomes Machado, Luiz Bicudo Corrêa, e outros. A actriz era uma artista de profissão, rapariga nova, do appellido Tapia; fazia o papel de Branca.

Tambem ali representou scenas comicas, com chiste inimitavel, um dos melhores amigos de Castilho, o joven Filippe do Quental; e cantaram muitos outros rapazes da primeira sociedade.

Pronto o drama, assim paraphraseado por Antonio Feliciano de Castilho, ou livremente fundado sobre a obra franceza, assentou-se em que era irrepresentavel. Não podendo ser apreciado á luz da rampa, restava a leitura de gabinete.

*

Contou-me na noite de 7 de Junho de 1877, em Lisboa, o nosso respeitavel amigo Visconde de Faro, Frederico Leão Cabreira, [1]

[1] Frederico Leão Cabreira de Brito e Alvellos Drago Valente, do Conselho d'el-Rei, Fidalgo Cavalleiro por successão, Commendador de Aviz e de Isabel Catholica, condecorado com a Medalha de oiro de bons serviços e comportamento exemplar, e a de prata de valor militar, habilitado com o curso de Artilharia, falleceu General de Divisão. Nasceu em

e contou-m'o com ufania, que a primeira leitura do *Camões* em Ponta-Delgada foi em casa d'elle.

O General Cabreira, nome illustre de todos conhecido, era um bravo da antiga têmpera. Presava sobre tudo o seu fôro militar. Militar ás direitas; bastava vel-o; mas, ao mesmo tempo, cavalheiro com boas maneiras de cortesão antigo, e affavel até para creanças (eu que o diga). Lembrava aquelles guerreiros quinhentistas, que todos cultivavam Letras. Poeta, de mais a mais, e

Villa Real de Santo Antonio a 5 de Julho de 1800' assentou praça a 17 de Abril de 1816 no regimento de Artilharia 4, serviu na India, onde foi Lente de Mathematica na Escola de Goa, e militou na Asia e na Oceania. Chegou a General de Divisão em 11 de Maio de 1870. Foi Deputado ás Côrtes em 1853, Vogal do Supremo Conselho de Justiça militar, e reformou-se em 11 de Setembro de 1872, fallecendo em Lisboa a 31 de Outubro de 1880. Casou em 1.as nupcias a 11 de Abril de 1821 com D. Leonor de Loureiro Krusse, nascida em 1798, fallecida em 1853, com geração, filha de Carlos Krusse, Consul de Hollanda, Dinamarca e Suissa no litoral do Algarve, e de sua mulher D. Gertrudes Valente de Loureiro. Casou em 2.as nupcias a 30 de Abril de 1868 com sua prima com-irman D. Maria dos Remedios Alvares Corrêa de Lacerda Green Cabreira, nascida em 1806, fallecida a 8 de Agosto de 1868, viuva do Major de Cavallaria João Anselmo de Vasconcellos. Sem geração. Casou ainda em 3.as nupcias a 14 de Abril de 1873 com sua prima D. Maria Carolina da Guarda Cabreira, filha de Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, Marechal de Campo, e de D. Anna Paula Vizelo.

O General Frederico Leão Cabreira teve o titulo de Visconde de Faro a 16 de Agosto de 1870.

Era filho e neto de militares, Fidalgos Cavalleiros, e proprietarios de officios no antigo regimen.

saldanhista; duas condições que bastavam para o aproximar de Castilho.

Em 1847 era Coronel, ou Tenente-Coronel, e Governador militar da sub-Divisão de Ponta-Delgada. Habitava n'essa qualidade o velho castello de S. Braz, sobre o mar. Bellas salas, terraço, hospitalidade bizarra, dirigida pela dona da casa, mulher do Coronel, a senhora D. Leonor de Loureiro Krusse, pessoa amabilissima; ¿ que mais era necessario, para tornar o castello de S. Braz, junto ao campo de S. Francisco, o praso-dado, em certos dias, da melhor sociedade michaelense?

Estava-se no principio de 48. Pediu Cabreira ao seu amigo Castilho lhe concedesse as primicias do drama; annuiu o Poeta, pois conhecia ser aquelle um bom apreciador, bom camonianista, enthusiasta das memorias do immortal Cantor na gruta de Macau, que elle visitára, e sobre a qual escrevêra. Sabia de cór os *Lusiadas*, como os poderia saber Manuel de Faria e Sousa; e a sua valente espada (como a de Miguel Leitão) não se envergonhava de companheira da lyra; lyra arcádica, antiquada, se quizerem, de Marilias e Nises, mas em todo o caso *lyra*.

Das pessoas todas que assistiram á leitura, já o Visconde me não deu conta exacta. Soube eu quem foram, graças ao meu bom amigo o snr. Guilherme Read Cabral, então muito novo, e morador em Ponta-Delgada. O leitor foi este meu informador, alternado com Duarte Leão Cabreira, irmão do Coronel, e que então se achava casualmente de visita na Ilha. O auditorio compunha-se, alem dos donos da casa, do Governador Civil de Ponta-

Delgada Poças Falcão, de Antonio Marcellino da Victoria, homem dado a Letras, e de Castilho.

Começou-se ao meio-dia, sem pressa, entremeando a leitura com largos commentarios, jantou-se no castello, e á noite concluiu-se com o Acto V.

*

Direi duas palavras da obra literaria em si mesma.

Pergunto primeiro:

¿E' o *Camões* de Castilho composição unica e essencialmente original?

Não.

¿E' traducção?

Ainda menos.

¿Que é pois?

E' um tentame theatral estrangeiro, bem urdido, mas paraphrasticamente refundido, segundo estudos profundos literarios e historicos sabiamente encaminhados. E' o opusculo de dois engenhos dramaticos, alterado pelo engenho de um poeta grande, e por tal modo, que de uma imitação brotou um verdadeiro original.

Vou demonstral-o.

*

Começarei por um *simile*:

Ergue-se n'um oiteiro um predio vulgar seiscentista da lavra de um bom mestre de obras. Chega um perito architecto, e trans-

forma-o. Rasga-lhe janellas, perfila-as de hombreiras manuelinas, acrescenta-lhe corpos novos, ergue torreões acoruchados de azulejos, mobila tudo á antiga, pendura retratos authenticos ao longo dos salões ermos, traça-lhe em volta jardins phantasticos; em summa: de um edificio sem caracter faz um paço todo portuguez, genuino no plano, no aspecto, na significação, e na côr.

E pergunta-se-lhe:

—Architecto, ¿esse palacio é feitura do teu lapis?

—Não é—responde o architecto;—fundei-o *liberrimamente* sobre traça alheia.

Mas a imparcialidade honesta replica:

—Enganas-te. Essa obra é tua. ¿Que importa que estas e aquellas paredes sejam antigas? ¿Que importa que no alicerce labutasse outro operario? Sejam d'elle muito embora paredes mestras e fundamentos; o edificio é teu. E' tua essa feição poetica do estylo, dos columnellos, das vidraças. São teus esses ladrilhos, esses azulejos, esses razes, esses ligeiros corucheos. Tudo sahiu da tua inventiva; tudo é teu, e tudo é nosso.

*

Originalidade absoluta é coisa que não ha no mundo. Tudo é imitação, e tradição.

O primeiro plagiario (plagiario de si proprio) foi Deus, segundo nota Alexandre Dumas; fez o homem *á sua imagem e semelhança*, e logo a mulher *á semelhança* do homem.

A Natureza é, toda ella, o plagio mais original que é dado conceber.

Ora, se assim é, no ponto grandissimo, ¿que não será no minimo?

¿Que é uma flor, se não um composto de succos, saes, e gazes, todos alheios a ella?

¿Que vem a ser o mel, se não um conjunto essencial de flores? E comtudo (lá o diz Antonio de Sousa de Macedo) «as abelhas, fabricando do alheio, servem mais que as aranhas tecendo do proprio.»

Certo e certissimo é que em toda a producção literaria ha duas partes, como em toda a planta: uma, subterranea; a outra, aérea; uma braceja ás escuras, no solo; a outra pompeia ás claras, ao sol; uma é a fôrça; a outra é a formosura; uma é o alicerce; a outra é o edificio; uma é a raiz; a outra a copa; uma é o plano; a outra o livro.

¡De quantos estudos *alheios* não tem um autor de valer-se para engenhar o *seu* estudo! ¡Quantos volumes *alheios* não tem que sugar, quantos trabalhos *alheios* não tem que assimilar, até *compôr* uma obra! Pergunto: ¿essa obra final é d'elle, ou dos seus guias? e inquestionavelmente d'elle.

Porque Molière imitou, e traduziu tanta vez, a Terencio e Plauto, ¿deixa n'essas mesmas imitações de ser o assombroso e *originalissimo* Molière?

Porque Racine imitou tanta vez a Sóphocles, ¿deixa de ser Racine?

Porque Virgilio nas *Eglogas* é todo reminiscencias de Theócrito, no fundo e ainda mais nos pormenores, ¿deixará Virgilio de

ser o assombroso e *originalissimo* poeta que é?

Mas venhâmos a gente nossa:

Porque eu, como secretario de Castilho, lhe emprestava os meus olhos, a minha mão, a minha intelligencia, ¿não era d'elle, exclusivamente d'elle, tudo que a minha penna escrevia?

O Dominicano Frei Luiz de Cácegas escreveu a sua Chronica da Ordem (cujo manuscrito existia, por signal, conservado no convento de S. Domingos do Rocio, e pereceu em 1755). Vem o grande Frei Luiz de Sousa, reforma essa Chronica *em estylo e ordem*, e amplia-a *em successos e particularidades* [1]; mas perfaz essa *reforma* e essas *ampliações* por tal arte, com tanta mestria, com tão encantadora individualidade, com tão profundo saber, e com tanta alma, que o instinto justiceiro do Publico ficou chamando *autor* do livro, verdadeiro *autor* do monumento, a Frei Luiz de Sousa; Frei Luiz de Cácegas jaz em sombra, porque era o alicerce.

*

Voltando ao ponto:

No drama portuguez *Camões*, os fundamentos (ou antes, parte dos fundamentos) são fabrica de mãos francezas; o drama

[1] ... *Historia... por Frei Luiz Cácegas... reformada em estylo e ordem, e ampliada, em successos e particularidades* — diz o titulo.

propriamente dito (ou antes, a maior e melhor parte do drama) é obra de mão portugueza e portuguezissima.

Porque o Poeta portuguez tomou para guias scenicos dois praticos estrangeiros, ¿segue-se que não conseguisse produzir obra a muitos respeitos exclusivamente sua?

Todas estas considerações me assaltam o espirito, quando leio o drama portuguez *Camões*, que Antonio Felíciano de Castilho tão modestamente designou como *liberrimamente fundado sobre um drama francez de Victor Perrot e Armand Du Mesnil* (nunca lhes escondeu a prioridade).

*

Bem sei que algumas pessoas discordaram já d'este modo de apreciar; mas ¿que ha n'este mundo sobre que não tenha havido discussões?

Os livreiros de Lisboa em 1849, influidos talvez pelo exame superficial da obra, recusaram-se a publical-a, dizendo ser uma *traducção*. Estavam no seu direito; a entidade bibliopóla quasi sempre, e com honrosas excepções, só põe mira no lucro que se resolve em cobres; ora uma traducção rende menos que um original de autor conhecido. Estavam os livreiros no seu pleno direito; a Constituição, como aponta Castilho, garantia-lhes a faculdade de apreciar (como quizessem e soubessem) um manuscrito. Mas Castilho tambem estava no seu direito acudindo logo

em 20 de Março com uma carta a certo jornal, em que diz:

.... «Existe um drama francez intitulado *Camões*, escrito por dois autores, representado em Paris, e lá mesmo impresso; e esse drama, que eu possuo, foi o despertador e o fundamento do meu; mas o meu não é traducção d'aquelle; é-o ainda menos do que a *Eneida* o é da *Iliada*, com haver da *Iliada* muito e muitissimo na *Eneida*.

«Valerio Flacco, na *Argonautica*, não perdeu foros de original por ter seguido a Apollonio de Rhodes. Ovidio traduziu muito os Gregos, sem o dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos Romanos antigos, de Boccacio, e de Bernardo Tasso. Racine fez a sua *Andrómaca* e a *Iphygenia* sobre os modelos athenienses, de que transcreveu scenas inteiras. Voltaire aos Parisienses, que lhe applaudiam o *Édipo*, exclamou: *¡Courage, Athéniens! c'est du Sophocle.*

«Os exemplos são infinitos.»

Depois, acrescenta Castilho com muita sinceridade:

«Falto como sou (e sempre o confessei) d'aquella especie de talento com que se inventam os enredos, aproveitei aquelle, que me pareceu summamente bem disposto, havendo scenas, e muitas, não só imitadas, senão quasi traduzidas; rasão por que (por um escrupulo, não sei se bem se mal entendido), puz logo no titulo da minha obra: *Camões*...

liberrimamente imitado do francez, dos senhores... por....

.....

«E' mais que evidente que só um louco, d'estes que pretendem tapar o ceo com uma joeira, se poderia lembrar de que uma obra *imitada* poderia impunemente inculcar-se por de todo *original*.

«Até aqui,—prosegue o Poeta portuguez—justiça aos dois Francezes; agora, justiça tambem para mim:

«O meu drama tem o dobro do francez. O 2.º Acto, se houvesse de imprimir-se com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas sem uma só palavra do lado francez; *verbi gratia:* toda a episódica representação do Auto, e a subsequente coroação das damas, etc. O Acto V é quasi todo inteiramente novo: a scena intima entre o Poeta e o Jau, em que o primeiro percorre desanimado e rasga os seus manuscritos, e por cartas se despede dos amigos ausentes; o presente dos doces e flores pela mulata Barbara; o episodio do menino mendigo; o adormecimento do Poeta ao som da canção do seu captivo; a scena da janella, e o tecer das corôas; o Crucifixo e o escudo, e os accessorios externos da noite de Natal; nada d'isso se acha, nem sequer apontado, na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos francezes, porem (permitta-se-me dizel-o) muito superior a qualquer d'ellas.

«No 4.º Acto a scena dos agoiros; no 1.º

aquella que passa entre o estalajadeiro e o adello, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; no 3.º a noite de San-João, que não é talvez o somenos do poema; tudo isto é sem precedente no opusculo impresso.»

Ahi está o que disse o proprio *traductor* do drama estrangeiro. Não pode haver mais lizas confissões.

*

Plagiario é que não foi Castilho. O plagiario é o escritor mais ou menos astucioso, que, depois de se apropriar do alheio, occulta e disfarça o roubo moral que perpetrou. A lizura de Castilho, citando logo no titulo do livro o nome dos seus predecessores e guias, é acto honesto que o illiba de ante-mão da accusação de plagiato (se alguem a formulasse de boa-fé).

Se elle se calasse, ou desse por *seu* o drama, ou o imprimisse com a simpies escapatoria *imitado do francez*, sem designar (por gratidão que fosse) os autores imitados, commettia um acto menos correcto; mas ¿que fez elle, santo Deus? declarou sempre e em toda a parte, que o fundamento sobre que assentára a sua composição era alheio, era francez, era dos senhores Fulano e Cicrano. ¿Que mais querem?

¿Pois *O Medico á fôrça* na tradução castiliana tem que ver com *Le médecin malgré lui* de Molière? ¿Pois uma não era em prosa,

e a outra não é em verso? ¿ Pois no portuguez não é tudo novo? De Molière ha apenas a partição das scenas; o chiste, a fôrça, o nervo d'aquellas redondilhas immortaes, é portuguez. ¿E disse Castilho alguma vez que não tinha seguido o trilho de Molière?

Compara certo critico os plagiarios descarados, que não nomeiam aquelles a quem roubam, com os salteadores, que para venderem a seu salvo uma baixella de prata alheia, lhe apagam adrede as armas ou a firma do antigo possuidor. O autor que declara d'onde um objecto precioso lhe proveio, e graças ao seu trabalho o alindou e melhorou, doando-o ao seu Paiz, procede como homem de bem.

Torno a perguntar: ¿que mais queriam fizesse Castilho? ¿que désse o *Camões* portuguez por *traduzido?* mentia; que o encampasse por *original?* mentia. Fez o que faria qualquer caracter sério: apresentou-o por *liberrimamente fundado sobre um drama francez dos senhores Perrot e Du Mesnil.*

Pois bem: ou muito me engano, ou n'essa obra palpita um verdadeiro original.

¿Não ouvimos a Castilho, logo na Advertencia do livro as declarações mais espontaneas e leaes?

Referindo se ao enredo, á disposição, ao bem calculado dos lances do drama francez, confessa:

«Tudo isso me pareceu tomar-lhe, e o tomei, modificando-o todavia, e acrescentando-o copiosamente.»

E depois diz:

«Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras, edifiquei sem me importar cujos fossem os materiaes.»

E reconhece com lizura:

«O alheio e o proprio, tudo ahi vai travado. Ha scenas inteiramente copiadas; ha falas, e scenas, e quasi actos, inteiramente novos.»

*

Vamos por partes:

Tem este drama scenas originaes, scenas imitadas das francezas, e scenas traduzidas, se áquella transplantação se póde chamar *traduzir*.

Das originaes, não ha que falar. As imitadas, por si mesmas demonstram a sua superioridade. Quanto ás traduzidas, pergunto apenas:

¿O que é *traduzir* no sentido estricto e restrictissimo da palavra? é só isto: dar n'outra Lingua substancia equivalente ao original, tanto na qualidade como na quantidade, mas sobretudo na qualidade; por outra: dar em trocos de diversa moeda a valia do numerario primitivo. Ora observo ter Castilho na sua traducção dado mais e muito mais do que havia no texto francez. Logo, não traduziu; creou, mesmo em scenas que ali parecem traduzidas.

Acresce ainda outra circumstancia: a valia artistica das scenas imitadas, e das scenas originaes, sobreleva á das traduzidas. Logo, o prato da balança pende para a banda do portuguez.

*

Havia no *Camöens* de Perrot e Du Mesnil um bellissimo plano para drama romantico de effeitos, uns verosimeis, outros inverosimeis; a tentativa foi apreciada e applaudida no *Odéon* por espectadores que só conheceriam Camões de nome e vagamente; mas aquelle entrecho applicar-se-hia de egual modo a qualquer outra Nação, com um pouco de boa-vontade. Trocados os nomes, aquillo sería tanto peninsular como russo, como persa, como italiano. O *Camões*, castiliano, esse é nosso, e só nosso.

Quem traduzisse textualmente o drama francez, perdia o trabalho; entre nós não lograva effeito scenico.

E note-se: eu não estou amesquinhando aqui os dotes da obra forasteira; sería injusto. Tinha-os, e muitos; mas, verdade verdade, era apenas o germen de um vasto commettimento literario; tudo ali se acha apenas indicado, e dirigido a plateias extranhas a Camões e aos costumes portuguezes. O que lá não passava de esboço, tornou-se quadro sob o pincel do pintor dos *Quadros historicos*. O que era fugitivo no francez, fixou-se no portuguez, e fica lembrando.

O enredo, sim, era bem armado; Castilho arrimou a elle uma grande e poderosa com-

posição nacional. O desenho das figuras ficou portuguez; as scenas do viver do seculo XVI ficou irrecusavelmente portuguez; a linguagem ficou portugueza, e é fruto de aturados estudos prévios; o tom geral do drama é inconfundivelmente portuguez. Reina o bello archaismo de syntaxe; entremeiam-se os proverbios populares; cantam as xácaras das Hespanhas; ressaltam vivas, aqui, ali, as paginas mais authenticas das nossas chronicas velhas; em summa: a *originalidade* do drama portuguez palpita e domina, a despeito da semelhança, e ás vezes egualdade, de scenas e actos com o drama francez.

*

Algumas opiniões alheias poderia eu adduzir aqui em reforço da minha; mas limitar-me-hei a duas: um documento official, e um brado literario.

A primeira é uma Consulta ao Governo, datada de 5 de Julho de 1856, em que o Conselho Dramatico de Lisboa, tendo por intérprete o seu illustre Presidente, nomeado relator *ad hoc*, pede ao Governo, em termos encomiasticos e calorosos, abone as sommas necessarias para se levar á scena, no theatro normal de D. Maria II, o drama ORIGINAL de Castilho intitulado *Camões*. Essa qualificação attribuida ao drama pelo illustrado Conselho, nunca o *autor* portuguez, *traductor*, ou *paraphrasta*, se atreveria a empregal-a, e não a empregou NUNCA; mas

na bocca d'esse tribunal technico tem altissima significação.

A segunda opinião é de um homem do officio, o talentoso Manuel Pinheiro Chagas.

«O drama *Camões* — escreveu elle — é um dos monumentos da nossa Literatura.

«Não me falem nos taes Francezes, que pelo nome não percam, que se vieram apoderar d'este grande vulto da nossa Historia, para fazerem d'elle um heroe de drama como outro qualquer, emprêgo que podia ser egualmente desempenhado por um poeta da *Phenix renascida*.

«O titulo do livro do senhor Castilho é o seguinte:

«*Camões, estudo historico-poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez*, etc.

«O titulo devia ser:

«*Camões, estudo historico poetico, em que liberrimamente se fustiga um drama francez, que veio metter o nariz nas vidas alheias, sem d'ellas saber coisa alguma.*

«¿Pois que teem elles com esta obra essencialmente portugueza?

«¿Que teem elles com este feiticeiro estylo?

«¿Que teem elles com esse maravilhoso auto, que Gil Vicente afiança ter escrito, por uma indesculpavel vaidade? [1]

[1] Conceito para mim inintelligivel. No drama não se menciona Gil Vicente como autor do auto; este passa por ser composto pelas damas da Rainha. Será *afiançaria*, em vez de *afiança?*

J. DE C.

«¿Que teem elles com esse admiravel panorama da epoca, que se vai desdobrando lentamente diante de nós, e que nos vai mostrando o espirito interesseiro substituindo em tudo o patriotismo?.....

«¿Que teem elles com a sublime elegia do 5.º acto?

«¿Que teem elles com o grandioso vulto de Camões, com esse espectro da nacionalidade portugueza, que surge aterrador e indignado no banquete dos que a estão assassinando?» [1].....
.....

*

Conclusão (e para chegar a tal corollario me alonguei n'este estudo):

Creio, em minha mais leal convicção intima, ser esta paraphrase de Castilho uma das suas obras mais vivas e originaes. Paira sobre ella um clarão de originalidade, como sobre a *Eneida*, que é feita de imitações, como sobre as fabulas de Lafontaine, que muita vez não passam de traducções.

E desenganemo nos: o mais difficil não é architectar uma peça ¡Quantos dramas e comedias ephémeras não pululam por ahi, aliás muito bem tecidas no enredo, segundo as regras estrategicas do contra-regra! E não vivem; e esquecem; e não conseguem

[1] *Revist. contemp.*, T. V, pag. 373.

vingar até ao peristillo, sequer, do Templo das Letras. Ao passo que outras muito singelas vivem, graças á dialogação, ao sentimento, ao estylo, á côr, á verdade, ao desenho logico dos caractéres.

Castilho adoptou um enredo alheio, como quem toma um apontamento, e illuminou-o, e transformou-o n'uma obra de cunho, como as ruinas esboroadas do antigo castello de Pierrefonds foram transformadas e reconstituidas n'uma obra prima pelo genio de Viollet le-Duc.

*

Não posso ainda desamparar esta emmaranhada materia, sem corroborar com um exemplo o que acima disse: quem se limitasse a traduzir o drama francez perdia o trabalho. Vejamos. Tomemos para exemplo logo a scena I do Acto I:

Original francez de Perrot e Du Mesnil	Traducção fiel	Arreglo de Castilho
DIÉGO, FERNAND	DIOGO, FERNANDO	DIOGO, D. AFFONSO DE NORONHA
Fernand (*à demi voix*) Eh bien! est-il venu quelqu'un?	**Fernando** (*a meia voz*) Então? veiu alguem?	**D. Affonso** (*em voz baixa*) ¿Veio alguem?
Diégo Oui, Seigneur.	**Diogo** Sim, senhor.	**Diogo** Senhor, sim.
Fernand (*de même*) Tous les deux?	**Fernando** (*do mesmo modo*) Ambos elles?	**D. Affonso** (*do mesmo modo*) ¿Ambos?
Diégo Un seul.	**Diogo** Um só.	**Diogo** Senhor, não; tão só um.
Fernand Ah malheur!	**Fernando** Oh desgraça!	**D. Affonso** ¡Peccados meus!
Diégo Soyez tranquille, mon gentil-	**Diogo** Ficae descançado, meu fidalgo,	**Diogo** Não haja sua mercê cuidado, fi-

homme, l'autre ne se fait jamais attendre.

Fernand

Parle plus bas.

Diégo

C'est une précaution inutile. Je défie ceux qui sont là (*il indique la porte du second plan à droite*) d'entendre un mot de ce qui se dit dans cette salle!... C'était autrefois un grand caveau dont j'ai fait des chambres... Les portes et les murs sont dignes d'une prison.

Fernand

Dis-moi, Diégo, cette chambre est libre encore? (*Il indique la porte du premier plan*).

o outro nunca se faz esperar.

Fernando

Fala mais baixo.

Diogo

E' uma cautella inutil. Eu desafio os que estão ali (*indica a porta do segundo plano á direita*) a que oiçam uma palavra do que se diz n'esta sala. Era antigamente uma grande adega, de que eu fiz quartos. As portas e as paredes são dignas de uma prisão

Fernando

Dize-me, Diogo, aquelle quarto está disponivel ainda? (*Indica a porta do primeiro plano*).

dalgo; o outro é marca de primor, que nunca falta.

D. Affonso (*apontando para a porta do 2.º plano á direita*)

Que te não oiçam, Diogo.

Diogo

Quanto a isso, não haja Sua Mercê receio. Que me queimem, se o que além é em baixo pode pescar nem palavra de quanto se aqui fala. Aquillo em seu tempo foi adega soterranea; eu é que engenhei d'ella aposentos. Teem umas paredes e portas, que nem cárcere de Berberia. Nicolau de Frias, o architecto que el-Rei leva comsigo para Africa, não traçaria obra de melhor arte.

D. Affonso (*apontando para a porta do 1.º plano*)

¿E aquell'outro aposento, Diogo? ¿conserva-se devoluto?

Diégo

Oui, elle est libre.

Fernand

Bien. (*A part*) Ah! monsieur de Soria, vous avez habilement choisi le lieu du rendez-vous pour vos conférences. Votre hôtel offrait quelque danger, et vous l'avez remplacé par la taverne la moins achalandée... la plus pauvre des tavernes, dans le quartier le plus noir, le plus retiré de la ville... c'est agir en maître... cependant vous avez commis une faute grave, qui vous perdra, cousin! Vous m'avez oublié... vous avez oublié qu'il y avait dans votre famille un homme qui vous hait d'une haine profonde; qui aime son pays, et qui a Camoëns à venger... (*Haut*) Diégo, pour la der-

Diogo

Sim, está disponivel.

Fernando

Bem. (*A' parte*) Ah! senhor de Soria, vós escolhestes habilmente o sitio para as vossas conferencias. O vosso palacio offerecia algum perigo, e vós o substituistes pela taverna menos afreguezada, pela mais pobre das tavernas, no bairro mais escuro, mais afastado, da cidade. E' proceder de mestre. Entretanto commettestes um erro grave, que vos ha-de perder, primo. Esquecestes-vos de mim; esqueceu-vos que havia na vossa familia um homem, que vos odeia com um odio profundo, que ama a sua terra, e que tem Camões para vingar. (*Alto*) Diogo, pela ultima vez, sem duvida, tenho

Diogo

Como barriga de monge em sexta feira maior.

D. Affonso

Bom. (*Entre si*) Vive Deus, que assim andastes avisado, senhor Martim Gonçalves, no aprasar sitio para os colloquios Como na vossa poisada grandiosa não ousaveis, tomastes por valhacouto esta bodéga de má morte, de pouca freguezia, e no bairro mais remoto e escuso de Lisboa. Por vida minha, que sois previsto. Pena é que outro ponto de algum momento vos não occorresse, senhor Martim; rogae a Deus, que por ahi se vos não vá a nau a pique. Deslembrastes-vos de mim; esqueceu-vos que havia perto de vós homem honrado e leal, que por isso vos odeia com rancor; que ama a terra patria de alma e coração; que em summa tem

nière fois, sans doute, j'ai besoin de tes services... Continue de m'être dévoué, et ceci ne sera qu'un à-compte. (*Il lui donne une bourse*). Je reviens. (*Il sort par le fond.*)

precisão dos teus serviços. Continúa a ser-me dedicado, e isto não passa de um á-conta. (*Dá-lhe uma bolsa*). Eu volto. (*Sai pelo fundo*).

a peito o desafrontar Camões. (*Em voz alta*) Diogo, ultima vez será esta, que o sei eu; mas por agora, é mistér ainda que me ajudes. Continúa a haver-te fiel, que a recompensa virá na cola do servir. A' conta d'ella, toma. (*Entrega-lhe uma bolsa*). Breve tornarei. (*Sai para o caes*).

*

Basta o que ahi fica, me parece, extrahido do principio do drama, isto é, do sitio mais fielmente trasladado, e quando o empenho todo era apenas verter em portuguez a peça franceza, basta esse fragmento para mostrar a primazia incontestavel das scenas *traduzidas*; as originaes e as imitadas falam per si.

Agora deixo o assumpto, que se me figura esgotado.

JULIO DE CASTILHO.

NOTA VIII

GRAVURA

(Retrato de Camões)

ADVERTENCIA PREVIA DE CASTILHO

Era esta nota chamada na primeira edição pelo retrato de Camões, gravado por uma habil curiosa da ilha de S. Miguel. Essa chapa extraviou-se, razão por que se não reproduz nesta reimpressão; mas o que por essa occasião haviamos discursado, pareceu-nos bem conserval-o, por conter doutrina util, incitamento e conselhos, que porventura poderão ainda aproveitar.

N. B. Em logar d'esse retrato damos uma reproducção phototypica do retrato que vem na celebre edição do Morgado de Matteos.

Os Editores.

*

O que vou registar aqui não é sem uma certa importancia para a historia das artes entre nós.

Em nenhuma parte d'este archipelago açoriano, até aos fins de 1847, existia a gravura em madeira; posto já de annos se achassem imprensas estabelecidas na Terceira e em S. Miguel.

O snr. Luiz de Vasconcellos, natural d'aqui,

algumas tentativas fizera em 1838, abrindo grandes letras floreadas e alguns outros ornatinhos typographicos, com aquella conhecida pericia que o seu bello talento mechanico desenvolve em tudo que emprehende; mas não continuou.

D'elle são as letras em que principiou a sahir o titulo do jornal *Açoriano* em 1841 ou 42, e d'elle é a illustração do titulo do folheto *Principios geraes de jardinagem por J. V. Vieira*, dado á luz em 1838, typographia de F. J. Corrêa, na rua do Collegio.

O snr. Vasconcellos, assim como não tivera mestre nem predecessor, tambem não teve successor nem discipulo.

Na Exposição da industria michaelense d'este Natal de 1849, estão gravadas em buxo, e com gabos de mui nitidas, figuras para um baralho de cartas, obra posthuma de Domingos Antonio Candido de Barros, natural de Lisboa, fallecido na ilha de Santa Maria em Julho de 1849. D'este curioso consta haver varias gravuras em metaes, sinetes, etc., mas nada impresso.

Em Janeiro de 1848, incumbido da redacção do *Agricultor Michaelense*, emprehendi que em Ponta-Delgada se gravasse, não tanto para ornamento d'aquelle periodico (as primeiras tentativas em tal arte nunca o podem ser), como para esclarecimento de artigos sobre machinas, animaes, ou plantas não vulgares, e ao mesmo tempo, para ver se d'este modo o gôsto e a nobre emulação chegavam a fazer pegar tão bella e proveitosa industria em terra como esta, onde as mãos habilidosas não fallecem; já n'esse mesmo

Janeiro, isto é, no primeiro numero da minha redacção, sahiu o *Agricultor* com sete gravuras. Trasladarei d'elle mesmo o que puz na advertencia prévia aos *Afogados*, romancinho escrito e acompanhado de pequenas estampas pelo snr. Luiz Filippe Leite:

«O autor tambem agora pela primeira vez prova a mão na difficillima arte da gravura em madeira; pelo que, em seu nome requeremos benevola indulgencia para com os ornatinhos artisticos d'este periodico; todo o homem de bem lh'a concederá, e avantajada; mormente se se advertir em que o desenho, outr'ora mero luxo e para raros livros, e escaço, está sendo hoje quasi necessidade, até para folhas volantes e ephémeras, quando teem de fazer bem conhecidos certos objectos phisicos, naturaes ou artificiaes.

«Por isso, e por entendermos que se não haveria por de menos entidade, o introduzir e aclimar uma boa arte mui fecunda, do que uma qualquer planta forasteira, é que forcejámos, com toda a perseverança que nos dá a nossa velha sentença biblica «Se queres podes» para que despontasse a gravura, como já desponta emfim n'este archipelago. Os novéis artistas, que em torno de nós trabalham, phantasiando já futuros, como todos os verdadeiros talentos, o snr. Alfredo Lambert de dezassete annos de edade, o snr. Luiz Filippe Leite de dezanove, ainda ha oito dias ignoravam, e não inquiriam, como se désse um traço na madeira; sabiamol-o nós por alto; explicámos-lh'o; insistimos; esforçámol-os; ousaram; o milagre fez-se. ¡E que milagre! ¡Sem mestre! ¡sem tempo! ¡sem utensis! Todos os seus instrumentos, improvisaram-os elles mesmos; foram n'esta ilha os Robinsons da gravura. Toda a sua officina ainda hoje a podeis ver n'um relance; ella que se vos retrate .....

.....

«Já achámos um impossivel; ambos os nossos artistas se recusam ao que se lhes figura jactancia indecorosa.....

«Decididamente não ha impossiveis; a repugnancia dos dois artistas, creou terceiro: o snr. Pedro d'Alcantara Leite. A acquisição e formação do artista, e a

sua obra, não nos custaram mais de vinte e quatro horas. A revelação do segredo da abelha de todos os tres, eil-a aqui pois.»

O desenho que immediatamente seguia estas palavras, mostrava uma peça de madeira sobre a qual se via uma mão gravando com o bico de uma agulha espetada num pau, e ao lado um canivete.

Em consequencia da minha obstinação, foi a coisa por diante, e nos doze numeros do *Agricultor* d'esse anno se contaram sessenta e uma gravuras executadas por nove pessoas, duas das quaes, senhoras. Alphabeticamente são: as snr.as D. Maria Leonor da Camara Sampaio, D. Marianna de Lima Furtado de Mendonça, os snrs. Alfredo Lambert, Henrique Walker, Ignacio Pedro Silveira Junior, João Luiz de Moraes Pereira, José Maria Raposo do Amaral, Luiz Filippe Leite, e Pedro de Alcantara Leite. Não se attingiu a perfeição, mas os progressos foram visiveis.

No anno recemfindo de 1849 cessaram as illustrações do *Agricultor*; e, a despeito de tão auspiciosos principos, os adeptos, se não abjuraram o culto, arrefeceram e dispersaram-se. Só lhe permaneceu fiel (que eu saiba) a ex.ma snr.a D. Maria Leonor da Camara Sampaio. Sessenta diversas gravurinhas suas, todas de 1849, estão ornando a Exposição, e clamando aos descuidosos em favor de tão rico estudo. *O retrato de Camões*, a que esta nota pertence, é um improviso d'esta senhora, que nem a minima lição jamais recebêra de desenho.

Para chegarmos já ao faciendum (pois

tambem n'esta nota o ha) ponderem-se devidamente os seguintes pontos:

A gravura em madeira tem-se nestes ultimos annos immensamente generalisado nos paizes em que ha imprensa; tornou-se necessaria; dentro em pouco será indispensavel.

A gravura em madeira é um possante auxiliar para quasi todos os conhecimentos humanos. *Primo*: porque mostra os objectos, em vez de só se nomearem, e assim os faz melhor comprehender; *secundo:* porque os mnemonisa; *tertio:* porque desafia o apetite para a leitura.

A gravura em madeira deve a sua prosperidade, e ha-de dever os seus ainda maiores futuros, á facilidade com que se executa e se encorpora no texto typographico; em quanto a gravura em cobre ou aço, e a lithographia, são impressas sobre si, e muito mais dispendiosamente.

A gravura em madeira é de tal modo accessivel a quaesquer mãos, que não sejam de todo desgeitosas, que já hoje, segundo dizem, o motivo de sahirem tantos jornaes inglezes cheios e rasos d'illustrações, não é outro, senão que a infinita concorrencia de gravadores tem feito baixar o preço de suas obras, e um dado espaço occupado por gravura sai mais barato aos emprezarios, do que se o fosse por composição.

A gravura em madeira, depois d'esta sua gloriosa ressurreição em nossos dias, tem começado a ser exercida em todas as partes, por curiosos, e ás apalpadelas, como dizem vulgarmente, sendo o exercicio, a perseverança, a imitação, e a emulação, o que de

anno para anno a faz subir e aperfeiçoar-se. Os snrs. Bordallo e Coelho, que primeiros gravaram em Lisboa, não tiveram mestre nem tratado ou *vade mecum*, nem sequer quem lhes explicasse como era a ferramenta, e como d'ella se usava; quizeram, tentaram, teimaram, conseguiram. O *Panorama*, em que elles se estrearam, contém em documentos a sua historia: esboços grosseiros a principio; a final obras nitidas. ¿As primeiras tentativas d'este genero, feitas no *Agricultor Michaelense*, d'onde procederam? (a noticia é para rir mas não inutil) procederam da mui succinta explicação que eu aqui fiz, do que só de ouvida e mui vagamente sabia em tal materia; com ella, um canivete, uma agulha afiada, e muita paciencia, sahiram os primeiros esboços; depois vieram buris e manuaes; a pratica e o exame mais atento d'algumas gravuras inglezas, foram novos recursos. Em tão curto prazo notou-se o adiantamento. Se houver perseverança, ha-de-se chegar ao perfeitissimo; que não são as mãos inglezas mais baptisadas, nem os ares de Londres mais claros, nem o seu sol mais creador.

Como os tratados e manuaes de gravura, nem todos os possuem, e menos ainda são em numero as pessoas portuguezas que em linguas estrangeiras os pódem ler com aproveitamento, quero crer que para alguem poderá servir, como já aqui serviu, uma exposição succinta do que importa se saiba para começar a ser gravador:

Serrae a tôpo uma fatia de buxo bem secco e são (pereira e ebano tambem são bons); a

grossura d'esta fatia deve ser egual á altura de um typo (sendo menor haverá de se calçar no prelo); comprimento e largura, segundo o desenho. Egualada e perfeitamente alizada a superficie, branqueae-a esfregando lhe com a palma da mão alvayde de Veneza bem secco (muitos não branqueiam); desenhae por cima com lapis, ou nanquin, o objecto que pretendeis estampar, havendo cuidado em que o que deve sahir da direita fique da esquerda, e vice-versa.

Se sois bom desenhador, não ha para vós difficuldade alguma; haveis de ser bom gravador; se não sabeis desenhar, pedi a outrem que vol o faça, reservando para vós todo o trabalho do ferro. Muitas gravuras em Portugal, em França, em Inglaterra, em Italia, em Allemanha, são debuxadas por um, e por outro abertas. Esta divisão de trabalhos, e esta associação de artistas, teem vantagens para a quantidade e qualidade dos productos.

Se se trata de uma copia fiel, podeis fazel-a no papel chamado vegetal. Assentar a copia com uma gomma branda sobre a madeira, é quasi o mesmo que se n'ella desenhasseis.

Tende uma colleção de buris e instrumentos de diversas feições e córtes, quanto mais numerosos e variados melhor.

Assentae a madeira n'uma almofada cheia de arêia; segurae-a com a mão esquerda; e com a direita ide cortando a pouco e pouco tudo que não está coberto de desenho. Alguns aconselham que se tenha na meza uma armaçãosinha com um parafuso, propria para conter bem segura a peça de madeira, o que

em certas partes do trabalho poderá ajudar, mas não é indispensavel.

A diversidade do tamanho e feitios dos espaços brancos que ha para tirar, vos irão dizendo de quaes dos vossos ferros vos haveis de servir.

Os traços de contornos e circumferencias, quer de um rosto, quer de um corpo, de uma planta, de uma casa, etc., são os ultimos, junto aos quaes por fora se deve abrir córte. Todos os lavores centraes, ou medios, se devem fazer primeiro, para não enfraquecer as bordas, que, estando desamparadas, e trabalhando-se por dentro junto a ellas, poderiam quebrar-se.

A profundez dos córtes varía segundo a grandeza do espaço que se ha-de cavar: entre duas linhas mui juntas, uma leve incisão bastará; onde houver de ficar grande superficie em claro, afundareis muito.

Os córtes de circumferencias dêem-se deixando talude, isto é, dêem-se obliquamente a fugir com o talho para fóra do contorno da figura, á proporção que se profunda; é uma cautella para solidez; com o talho vertical, esta seria menor; com talho obliquo para baixo da figura, era ruina certa ao imprimir.

Tudo isto é pouco e singelo; ¿não é assim? pois aqui tendes a substancia da arte; nunca houve segredo d'abelha mais penetravel.

Concluida a gravura, mandam-se tirar d'ella provas por um impressor habil. A' vista das provas se reconhece o que importa emendar. As emendas podem consistir em diminuição, ou accrescentamento. Para corrigir a chapa lavae-a da tinta da imprensa;

não com a agua e lexivia, que a poderiam empenar, mas com azeite e escova não muito aspera. Onde a prova mostra tinta que lá não devêra estar, cavae; onde vedes que ella falta e era precisa, e se não póde dispensar, cavae n'essa parte a vossa madeira; afeiçoae um torno das dimensões da cava, já se sabe feito do mesmo pau e tambem a tôpo; embebei-o exactissimamente, por modo que a sua superficie fique de todo nivelada com a restante; e este remendo, desenhae-o e gravae-o de novo; ainda que o melhor remedio é tomar outra chapa, e recomeçar o desenho todo.

A impresão de uma gravura exige algum cuidado. O gravador, ainda que principiante seja, não havendo outro mais pratico do que elle, deve vigiar com minucioso escrupulo a obra do prélo, até esta sahir com a possivel perfeição.

Para a perfeição de uma tiragem de estampa gravada, não basta o primor do buril, a bondade do rolo, a bondade e boa distribuição da tinta; se a pressão for egual em toda a superficie da estampa, poderá esta ficar carecendo de certas proporções de tons, isto é de certa graduação de tinta, n'uns sitios mais forte, n'outros mais fraca, de que muito depende o bom effeito.

Deverá pois o tympano ser revestido anteriormente de casimira ou pano fino recoberto de seda, tudo sem remendo, buraco, ou costura. Tirada a primeira prova n'uma folha de papel não molhado, o artista indaga nella que partes beberam tinta de mais e quaes de menos.

As que beberam de mais, corta-as delicadamente á thesoira e lança-as fóra; as que beberam de menos, cobre-as, pegando-lhes em cima de cada uma, com gomma, um papelinho recortado de igual feição, e esta folha de prova assim desfalcada n'uns pontos, e n'outros relevada, a ajusta e prega sobre a seda, passando logo a tirar segunda prova tambem secca.

Se ainda alguns dos vãos, que deixou, tomam tinta em demasia, esses, torna-os a vasar com a thesoira, e semelhantemente accrescenta segundo empaste onde a força do preto não chegou ainda á sua conta, e só depois de cabalmente afinado o tympano, por via de successivas subtracções e addições, se retira, certo de que a sua chapa dará de si quanto póde.

Se no decurso da impressão, as estampas vão perdendo o mimo, o que é resultado de tinta depositada nos traços estreitos e pouco fundos, é lavar as chapas com azeite e escova como já se disse.

A bem das sciencias, literatura e artes, exhortemos aos que sabem desenhar, e aos que, não o sabendo, teem comtudo mãos delicadas, paciencia e gosto, cedam á tentação que esta noticia provavelmente lhes ha-de causar; experimentem; e se a primeira tentativa lhes abortar, não esmoreçam; ninguem nasce grande: Hercules, foi um menino de mama; Roma, uma aldeola; os carvalhos, bolotas; as aguias, ovos; os rios, fontes; a Venus de Medicis, e o Apollo do Belveder, o Moysés de Miguel Angelo, e o Parnaso de Assis Rodrigues, pedras brutas. Uso faz os

mestres. — «O genio — dizia Buffon — não é senão attenção.» — Ter sempre perante os olhos aquella maxima de todos os grandes homens, que é a mãe de todos os grandes milagres: *Se queres pódes Si vis, potes. Se tens fé transportarás as montanhas,* se lê nas sagradas paginas.

Vigilio escrevia:

.....*Possunt, quia posse videntur.*

e

.....*Labor omnia vincit.*

Horacio:

Nil mortalibus arduum est.....

Ovidio:

Et qui non poterat, posse coactus erat.

Seneca:

Quodcumque sibi imperavit animus, obtinuit.

Camões:

Impossibilidades não façais,
que quem quiz, sempre poude.. .. ....

Napoleão:

Impossible est l'adjectif des sots.

Podera citar milheiros, mas fiquem por todos, os nossos dois rifões velhos: *Mais*

faz quem quer do que quem póde; e *Para quem quer não ha impossiveis.*

A doutrina mais substancial do romance de Rousseau sobre a educação, é aquella de acostumar as mãos ao trabalho desde muito cedo.

Esse principio, que deu origem a outro romance castelhano tambem de educação, porém muito mais positivo e util, *O Euzebio*, foi para logo adoptado pelo bom senso geral; e muitos dos fidalgos emigrados pela revolução franceza do fim do seculo passado, não deveram a subsistencia senão ao mistér manual que em melhores tempos haviam aprendido, bem fóra de cuidarem que jámais lhes serviria. Ora as vicissitudes subitas, imprevistas, e quotidianas, suscitadas ao presente pela politica, e pelas transformações que opéra em todo o crescer o variar da industria, pela nobilitação do trabalho, pelas tendencias filosoficas do seculo; este incalculavel fluxo e refluxo de destinos, que remuge ameaçador em tôrno a cada um de nós, e que a ninguem permitte prever, como nos dias doirados de nossos avós, onde ha-de ir acabar, nem quando, nem como, nem de quê: se de balas, se em prisão, se em degredo, se em desertos, ou em cadeira curul em degraus de throno; tornam, para quem não for nescio, urgentissimo preceito o que no tempo de Rousseau não passava de bom conselho.

Todos os trabalhos uteis são nobres; mas alem de nobre, ¿qual mais agradavel que o de cultivar uma arte das que chamâmos bellas (e bem poderamos chamar boas, como nossos maiores) e não só bella e boa, senão

de todas a optima e a bellissima? A obra do estatuario, por mais divina que saia, nada produz, nem se reproduz; a do pintor, excitará assombro n uma sala ou n'um templo; a do architecto poderá alojar em si todas as outras, mas é circumscripta em espaço, e irrevogavelmente arraigada ao chão em que brotou. A gravura em madeira entretanto, superior n'isto á dos metáes e á lithographia, trava-se, encorpora-se, identifica-se com as proprias expressões já do architecto, já do pintor, já do escultor, já do musico, já do chorégrapho, já do poeta, já do novellista, já do biographo, já do historiador, já do viajante, já do mineralogico e geólogo, já do geógrapho e astrónomo, já do botanico e do agrónomo, já do zoólogo e creador das raças uteis, já do antropólogo, já do anatomico, do medico... ¡que digo! a moral mesma, recebe d'ella enfeites e seducções. ¡Quantas scenas de beneficencia, de generosidade, de paz e ventura domestica, de amor materno, de amor filial, de compaixão para com as miserias alheias, não veem assim prégar mudamente, e commover n'um relance a quem não leria nem ha-de nunca ler o livro sério, ou porque lhe não entende a lingua, ou porque lhe falta ocio, ou porque não quer! Para todas as sciencias e artes é esta arte um bordão de arrimo e uma lanterna, que as deixa ir vendo, e sendo vistas ao longo dos seus diversos caminhos.

Eis aqui precisamente o que lhe tem dado a sua já hoje incontestavel supremacia; o que faz que ainda vá crescendo, e o que deve compellir a todos que tiverem olhos, mãos e

alma, a frequental a com amor e enthusiasmo. ¿Porque é que na educação esmerada de um e outro sexo se não ha-de incluir desde já este tão agradavel e tão previdente complemento? Tendes filhos e filhas, e sois nobre, e sois rico; nobilitae-os e nobilitae-as ainda mais, dando-lhes um lustre, e um prestimo novo. O grande Czar Pedro foi ferreiro, carpinteiro e calafate; Luiz XIII, canastreiro; Luiz XVI, serralheiro; Luiz Filippe, mathematico; sua filha a Princeza Maria, escultora; seus filhos cursaram os estudos proveitosos, como qualquer cidadão; o Principe Alberto de Inglaterra é pintor; o Infante D. Henrique foi cosmógrapho; D. Pedro IV, o Grande, torneiro, musico, e capitão de primeira ordem. El-Rei o senhor D. Fernando é desenhador, pintor, gravador, escultor, architeto e musico. A viuva do Libertador, e a sua filha reinante, primam em lavores proprios do seu sexo, que, ambicionados e vendidos á porfia nos bazares da caridade, teem concorrido para enxugar muitas lagrimas de velhos e meninos. Os nossos Principes em suas curtas edades são já citados com admiração pelo numero e variedade das suas prendas, etc. etc. etc. Quanto á nobreza, isto. Quanto aos haveres, ¿quem vos affirmou que a fortuna vos não arrancará das mãos ámanhan, e já hoje, o testamento? Premunir, premunir para o dia da adversidade, que nem sempre tem vesperas. Quando ella bater com a mão de ferro á porta dos vossos filhos e filhas, um talento precioso, e bem esmerado, que lhe responda de dentro:—«*Vae-te a outra porta; aqui, trabalha-se.*»

Um magnifico serviço, que os redactores de jornaes scientificos, literarios, e até politicos, podiam fazer desde já á Patria, seria franquearem as suas columnas a quantas tentativas de gravura em madeira, não inteiramente abortadas, lhes fossem offerecidas por principiantes, ou curiosos em qualquer grau de adiantamento. ¡Que bello certame publico! ¡que mutuo incitamento! ¡que de glorias semeadas! ¡que attractivo para a curiosidade e para a leitura!

Academias das bellas artes de Lisboa e Porto, caritativo estabelecimento da Casa Pia, completae-vos juntando ás nobres artes de desenho, que já ensinais, esta que indubitavelmente é de todas a mais gloriosa, porque é de todas a mais frutifera.

——

Doze annos foram necessarios para que sahisse com despacho tão singelo requerimento. Ninguem se apressa mais devagar que nós para as coisas faceis e de tomo.

A Academia das bellas artes de Lisboa sob o actual influxo creador do snr. Marquez de Sousa tem já decretada a sua escola de gravura em madeira, e nomeado para ella o professor Pedroso, artista de merito geralmente reconhecido. Bom é assim, para que temerariamente se não fie tudo ao tempo, ás diligencias, exforços e sacrificios dos particulares.

A sociedade proprietaria e editora do memoravel jornal o *Panorama*, coadjuvada pelos nossos amigos Bordallo Pinheiro e

Coelho, introduzira, e desenvolvêra, até certo ponto, esta bella arte. Morto aquelle semanario, tornou ella a decahir.

A typographia Universal do snr. Eduardo de Faria como que a galvanisou por momentos, sem comtudo exceder, nem egualar, dizem-n-o os peritos, as provas produzidas pelo *Panorama*.

Aos honrados, intelligentes, e já mui benemeritos impressores e editores, os snrs. Castros, empresarios do *Archivo Pittoresco*, estava guardada a gloria de fundarem na sua mesma officina uma escola de gravura em madeira, já hoje muito digna de attenção, e que, graças aos seus desenhadores e directores, e nomeadamente aos snrs. Nogueira da Silva e Pedroso, promette ascender a mui notavel perfeição.

Ficaremos tendo pois d'ora ávante duas escolas de gravura em madeira; conserve-as Deus, que a rivalidade póde ser fecunda. Assim os autores e editores se vão resolvendo a ataviar e illustrar de estampas os livros que dão á luz, e cuja quantidade e qualidade já começam a tornar-se devéras auspiciosas para a Literatura portugueza. Leitura e gravura teem de se auxiliar mutuamente:

> ..... *Alterius sic*
> *altera poscit opem res, et conjurat amice.*

NOTA IX

O SENHOR D. PEDRO II

(Tomo 1 pag. 8 linha 1 —*A sua Majestade o senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil.*)

Nenhum motivo me induziu a dedicar este poema á Sua Majestade Imperial, o senhor D. Pedro II, senão o desejo de dar publico e solemne testemunho de veneração a um Principe, que na flor da edade é já maduro para a sabedoria; que ama e pratica as letras como as virtudes; e por quem o maior Imperio se tornará tambem o mais ditoso. Escritor sempre amante d'esta formosa Lingua de Camões, eu devia tambem esta homenagem ao espirito distinto, que, familiarisado com as mais opulentas literaturas d'essa Europa, comprehendendo e avaliando as bellezas de seus idiomas, se delicía, com uma especie de preferencia filial, nos livros bons da Lingua de seus avós. Em summa, e por que tudo diga, era já de muito para mim imperiosa necessidade do coração pregoar alto o meu enternecido agradecimento para com um genio, que ainda sem corôa seria admirado, o qual entre os cuidados de reger um mundo, não desdenha pôr algumas vezes olhos benevolos nos meus escritos.

O primeiro ouvinte d'este poema foi Sua Majestade Imperial, que na sua chácara de Santa Cruz teve a bondade de permittir se lesse inteiro, e de um só fôlego, na sua augusta presença; e (consinta-se-me a gloriosa

revelação) o honrou com reflexões ao mesmo tempo de profundo juiz, e de protector benevolo, permittindo a final que, sob tal e tamanho nome, e auspicios tão faustos, sahisse, como sahiu, e agora torna a sahir a publico.

Os votos que cerram e coroam a dedicatoria, na consciencia tenho que são prophecia. Essa obra posthuma de Camões haverá sido de todas as suas a mais bella.

——

Cumpre-me agora, depois de doze annos, ajuntar ao que se acaba de ler, que os meus desejos de conhecer a tão insigne personagem foram satisfeitos.

Em 1855 levou-me ás praias do Rio de Janeiro a ancia de propagar o *Methodo* regenerador das escolas elementares por aquellas dilatadas regiões. Eram terras portuguezas quanto á Lingua, como quanto ao sangue de seus moradores; primeira razão. Mas eram ao mesmo tempo terras hoje estrangeiras, segunda razão, e melhor ainda para boas esperanças. A minha tarefa era como que de propheta; e estes não costumam sel-o na terra propria; e depois, as invenções são ás vezes como os frutos: transplantadas a terreno alheio acontece melhorarem-se.

O como o exito respondeu, ou deixou de responder, ás minhas diligencias, sabem-n-o pouco mais ou menos os leitores pelo meu livro do *Cutono*, e pelo muito que a esse respeito anda escrito em jornaes de lá e de cá, sendo todo esse muito quasi nada em comparação com a documentaria inedita que

tenho ido archivando para a historia final d'esta campanha inacreditavel.

Alguns falsariositos, d'esses que, para alguma coisa fazerem n'este mundo, invertem e deturpam o que os outros fazem, disseram, e até imprimiram, que me fôra eu ao Brazil por convite, e a expensas do seu Governo, e com a mira em extraordinarias recompensas pelo meu pequeno serviço.

A verdade, que elles sabiam tão bem como eu, era que eu fôra lá espontanea e gratuitamente, e tão decidido a rejeitar qualquer retribuição, se m'a offerecessem, que, por bons termos, e o mais cortezmente que soube, assim o declarei logo na oração de abertura do Curso normal no Rio, em presença dos Ministros, Conselheiros de Estado, dignitarios do Imperio, lentes e professores, e um concurso numerosissimo de cavalheiros e senhoras. Se alguem houvesse lá pensado em me dar alguma coisa, tinha-me eu proprio ali atado as mãos com seiscentos nós górdios para nunca lhe poder pegar. O meu premio teria sido (¡e que immenso premio!) que o ensino primario official d'aquellas terras désse exemplo ao das nossas, convertendo-se de boa fé para a religião do ensino pelo amor, á vista dos milagres que o abonavam. Outras honras não as queria; e então proveito de outro qualquer genero, muito menos.

Ao meu ardor de missionario do progresso acresciam, para me tornarem suave e appetecida a peregrinação, saudades velhas de irmãos excellentes, cubiça de respirar uma vez ares de tanto amor e poesia, como

são os tropicaes, a lembrança de bons amigos e condiscipulos americanos, que nunca mais encontrára desde que nos despediramos em Coimbra, e, tanto como tudo isto junto, a ancia de agradecer a um Soberano grande homem os testemunhos que tão longe, tão pequeno, e tão desconhecido, eu recebêra da sua benevolencia.

Grandiosa era a ideia que eu d'elle me formára; a realidade excedeu-a.

Recebeu-me Sua Majestade com aquella boa sombra, que honra ainda mais ao poderoso que a liberaliza, do que ao pequeno que a recebe.

A escola em que eu diariamente leccionava o ensino philosophico dos elementos rudimentaes a um crescido numero de professores, foi honrada com a visita de Sua Majestade. Mais illustrado e attento ouvinte nunca eu o podera ambicionar.

Depois, todas as vezes que eu o procurei no palacio, atrahido fortemente do encanto de admirar tão copiosa sciencia, e philosophia tão profunda em tão elevada posição, e annos tão verdes, cada vez mais me confirmei em que o muitissimo que geralmente se encarecia de tal cabeça e coração, só peccava por diminuto.

Custava-me, e custa-me ainda hoje, a comprehender como é que um Cesar, assoberbado com o peso de tantos interesses maximos de um Imperio novo, e quasi sem limites, poude achar ainda horas para conversar todas as musas gregas e romanas antigas, todas e cada uma das modernas da Europa, e de todo o mundo.

Sabia eu, como toda a gente, que a memoria, acompanhada de notavel intelligencia, era um dote dos mais eminentes da familia brigantina. Apesar todavia de tal prevenção, voltava sempre assombrado do como, por mais que as nossas praticas divagassem por trilhos abstrusos e raro batidos, nunca Sua Majestade deixava de apparecer com reminiscencias a ponto, e tão miudas, e tão exactas, como se as trouxera para ali frescas e viçosas, acabadas de colhêr nos melhores livros, retocadas pela reflexão, concertadas e compostas pelo bom gosto.

Em summa: pude por mim proprio reconhecer que d'esta vez não fôra lisonjeira a fama; e que os versos da minha dedicatoria deviam ser inteira e religiosamente conservados.

O meu sabio amigo, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, pernambucano, lançou no jornal o *Futuro* uma interessante noticia ácerca do senhor D. Pedro II sob o modesto titulo de *Apontamentos biographicos*. Cito-a como valioso documento, que abona o que deixo dito.

Se me é dado citar, depois d'essas paginas, paginas minhas tambem, concluirei, adduzindo como confirmação o que na biographia de outro meu amigo brazileiro, o Padre-mestre Monte-Alverne, escrevi sobre uma visita feita pelo Chefe do Estado ao religioso. Ha rasgos simplices que bastam para caracterisar um retrato; d'esse numero é o que se vai ler:

«A 4 de Outubro de 1855, dia da festa de S. Francisco de Assiz, o fundador da Ordem Seraphica, e

de quem o nosso Fr. Francisco tomára por appellido o nome de Monte-Alverne, vieram ao convento assistir á solemnidade religiosa Suas Majestades: o Imperador e a Imperatriz; era a occasião de pagarem com uma visita sua ao Sabio, alto brazão do seu Imperio, as muitas que d'elle haviam recebido.

«Esta scena, honrosa para todos os tres, devia-a ter o pincel perpetuado; e á fé que havia ahi com que se inspirar: uma Princeza, toda suavidade e virtude; um Principe, todo virtude e talento; um Frade, todo talento, religião e majestade!

«Aquelle Imperador é assim. Liberal por herança, educação e philosophia; chefe de um Estado immenso a medrar de dia para dia em tôrno do seu sceptro abençoado, sabe, tão bem como o seculo, cujo se préza de ser filho, que nenhum modo lhe resta para crescer, senão esquecer-se entre os sabios de que nasceu grande, fortalecer-se nas justas e torneios da intelligencia, e ao diadema, que a fortuna lhe lançou no berço, entrelaçar as corôas que se conquistam pelo estudo. O sceptro seria para elle um onus, se não fosse um instrumento possante de felicitação para tantos povos; empunha-o por dever; mas o que á farta lhe liberaliza delicias é a penna. Estadista sério e profundo na sala do conselho, dá sem pesar quantas horas são mister aos interesses publicos; mas as restantes, as do repouso, parte das do somno talvez, entre dois amores as reparte, entre duas familias qual a qual mais sua: uma esposa e filhas, que ainda nascidas na mais obscura choupana seriam adoraveis, e o congresso dos grandes homens de todas as edades, com quem conversa em suas proprias linguas, no remanso da sua inspirativa bibliotheca. E'ali que elle folga de receber os seus pares nos trabalhos do espirito; ali fala com cada um, segundo a natureza das suas actuaes applicações; e sempre tão prestes, tão noticioso, tão exacto nos juizos, como se nunca outro houvera sido o emprego das suas locubrações. Quasi sempre, e em tudo, a verdade em que a final se concorda, era a que elle aventára no primeiro relance. Ama o debate, como pedra em que o entendimento afia as suas armas; quer e mantem livre, liberrima, a controversia. Ninguem então se lembra do Imperador; lembram-se todos de Cicero,

disposto sempre a refutar sem pertinacia, e a ser refutado sem agastamento.

«Era n'essa bibliotheca, transumpto e recordação da do Apollo Palatino, fundada e cheia por outro Cesar, não menos fautor das Letras, porém menos liberal sem duvida; era ali, que reiterados convites seus haviam feito muitas vezes comparecer o varão, a quem agora se gloriava de visitar n'um cubiculo apertado, sala, aposento, livraria, officina, onde tantos diamantes de vulto se haviam lapidado para a corôa literaria do seu Imperio.

«Um presente, digno de quem o dava e de quem o recebia, assignalou a estada de D. Pedro II no quarto de Fr. Francisco de Monte-Alverne: foi a cadeira que o Soberano possuia do grande Anchieta; reliquia historica do valor de um throno.»

Mais longe podera eu levar a defensa e apologia da minha dedicatoria; podera transcrever interessantes e curiosos trechos da correspondencia de meu irmão José Feliciano de Castilho, sobre as suas leituras e largas conferencias literarias com o senhor D. Pedro II; mas resisto á tentação, por não incorrer na censura de ruim gastador de tempo em evidenciar verdades já notorias e triviaes.

NOTA X

PROLOGO

(Tomo I pag. 23— *Aos espectadores. Prologo*—Pag. 99, linha 39 — *Um Ermitão que sai da segunda porta da esquerda, e se vai collocar perante El-Rei* — Pag. 105, linha 12 — *O Ermitão que vem da segunda porta da esquerda collocar se novamente diante do estrado Real*).

Os *prologos* em theatro são da infancia da Arte. A intrinzeca difficuldade de fundir a

exposição na acção, difficuldade que nem nos seculos mais cultos, nem pelos poetas mais primos, se tem deixado vencer senão raramente, introduziu, fez pegar, e conservar-se por muito tempo, o costume d'estas accessorias e postiças declarações. E' assim que nos desenhos e pinturas de mãos noviças se recorria a palavras escritas a sahirem das bocas das personagens, para supprirem a expressão que lhes não sabiam dar.

Não falo de Eschynes nem de Aristóphanes: as tragedias do primeiro, cheiram ainda muito á barbárie das carradas bacchicas de Thespis; as comedias do segundo, pouco distam da satyra grosseira de que esse genero se originou. Mas Aristóphanes e Eschynes, posto não fizessem dos *prologos* composições sobre si, nem por isso se póde dizer que d'elles se não valeram.

Euripides tem *prologos* postiços. No seu *Hyppolito*, por exemplo, é Venus quem prepõe a acção. Outro tanto faz Minerva no *Ajax furioso* de Sóphocles.

Entre os Romanos, Plauto empregou allocuções preliminares, illustrativas de suas comedias, e com pequenas variações: umas vezes, fazendo-as recitar por uma figura chamada mesmo *Prologo*, como na *Asinaria*, nos *Menechmos* e nos *Cativos*; outras, por personagem que tambem na peça representava, tal como Mercurio no *Amphitrião*; outras, por um ente ideal ou mythologico, v. gr. na *Aululuria* o Lar, na *Cistellaria* o Deus Auxilio depois de corrida a primeira scena, e no *Rudente* o Arcturo.

Terencio preludia a cada uma das suas

seis comedias com um trecho especial (todos elles recitados pela figura *Prologo)* em que esgrime contra os seus mordazes, annuncia o assumpto, e capta a benevolencia do auditorio. N'estes tres pontos se póde dizer que está o termo medio de toda a substancia dos *prologos.*

As tragedias de Séneca vão sem *prologo*; só no *Thyestes* ha uma especie d'isso: é o dialogo do espectro de *Tantalo* e *Megera.* Notemos que o côro e os entreactos das tragedias antigas participavam da mesma natureza do *prologo,* pois se enxertavam na acção para a esclarecer, intimar, ou expremer d'ella moralidade. Eram por força quebras mais ou menos graves na verisemelhança; mas a belleza lyrica d'esses trechos sempre esmerados, e a musica de que se elles revestiam, os tornavam não só desculpaveis, senão bemvindos e applaudidos.

Actoris partes chorus officiumque virile
defendat; neu quid medios intercinat actus
quod non proposito conducat et hæreat apte.

Na renascença das Letras commummente se viu o theatro, ou por imitação dos classicos, ou porque a mesma causa, isto é, a mesma inexperiencia e falta d'arte, devesse produzir os mesmos effeitos, viu-se, digo, o theatro recorrer aos mesmos viciosos artificios de annunciadores, expositores, e complementadores de suas fabulas; empachos de que o tempo e o crescer do bom gosto o deviam necessariamente descartar; e assim aconteceu: só a ópera, mixto de todos os generos scenicos, da declamação, do canto e

musica, da mimica, da dança, e em que os olhos e os ouvidos teem muito mais largo quinhão que o senso poetico, só ella conserva hoje, formosa desdenhadora de verisemelhanças, os córos quasi sempre repugnados da razão, e os nuncios e relatores, que supprem como pódem o que na representação lhe mingúa.

Se recorremos aos patriarchas do nosso theatro, achâmos com effeito isso, e tudo mais com que se caracterisa o primeiro balbuciar da arte scenica.

Gil Vicente, por antiguidade, e por tudo, é o primeiro que nos chama a attenção. Nada mais irregular, desordenado e monstruoso, mas nada mais rico, flórido, gracioso e attractivo, que os seus autos, comedias, tragicomedias, e farças. Inferior a Terencio, e mesmo a Plauto, quanto ao que é propriamente dramatico, e talvez não menos desconchavado a esse respeito que Aristóphanes, o nosso bom Gil Vicente é porventura de todo o nosso Parnaso o espirito mais bafejado de graça poetica original; com os seus modos semi-castelhanos, o mais portuguez, e o que para os engenhos verdadeiramente poeticos ha-de ser sempre uma gruta immensa e sem fundo de inspirações deliciosas; é um La Fontaine silvestre; não procura a poesia, procura-o ella; caem-lhe os versos felizes, como ao commum da gente as palavras necessarias; onde toca, nascem rosas; para onde lança os olhos a descuido, vê-se rir uma fada, ouve-se em eccos um cantar de sereia; as suas saudades são muitas, mas alvas e alegres; nas mais infimas trivia-

lidades, tem sempre um toque de affecto, que as nobilita como quer que seja; sobretudo é, se me não illudo, o unico dos nossos rimadores que tem uma individualidade perfeitamente caracterisada. Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes, todos, até o proprio Camões, tinham-se acostumado a não desamparar nunca os vestigios dos Latinos, dos Italianos e dos Castelhanos: eram Portuguezissimos no amor da Patria e na linguagem; em tudo mais receariam sel-o. Gil Vicente, dou que menos erudito, por sua e nossa fortuna, e sem nenhumas ambições literarias, regalava-se de rescender ao seu Portugal, de rimar os nomes das suas aldeias e dos seus camponezes, de folgar com as suas festas populares, de bailar e cantar as suas chacotas, de se entreter com as suas benzedeiras, com os seus clerigos folgazões, com os seus escudeiros joviaes, de empulhar as damas e moços do Paço por seus nomes, sobrenomes e appellidos, de archivar quanto via, de modas, de ridicularias, de crenças, de festejos, e ao mesmo tempo, quanto ouvia, ou lhe lembrava, quer fabuloso, quer certo, quer absurdo, das antigualhas da sua terra.

*

Esta digressão, não m'a levem a mal. Falei nos meus amores, esqueci-me. O que podia era cortal-a agora; mas o tempo vai tão escaço de verdades sinceras, que não devemos excluir uma, só porque nasceu fóra do seu logar: volto ao assumpto. O nosso Gil Vicente pois, suppre as lacunas das suas

peças com prologos narrativos e em verso, antepostos á primeira scena, e com advertencias em prosa nas quebras da acção, o que dá a lembrar aquelle donoso contar e cantar das chácaras pelas nossas velhas do borralho, que onde fazia mistér intrometiam na cantilena seus entrefolhos rezados, que ainda redobravam a attenção do auditorio; o que eu não sei, é se, quando o nosso Gil Vicente se representava, aquelles intermedios de prosa que no livro apparecem, eram ou não recitados ao auditorio; deveriam sel-o; que não é menos gente quem ouve do que quem lê. No estirado, mas variadissimo e nunca fastidioso *Auto de Rubena,* de tudo isto temos exemplo. Ha n'elle seis ou oito explicações em prosa, semeadas muito sem ceremonia, onde a poesia deixava rareiras para a intelligencia, e nada menos de tres relações em verso d'arte maior e em castelhano, feitas pelo Licenciado; a primeira em todo o principio; a segunda entre a primeira e a segunda scena, ou, falando mais á moderna, entre o primeiro e segundo acto; e no meio da segunda scena, ou acto, a terceira.

Na *Mofina Mendes*, vem fazer *prologo* um frade, começando por prégação jocosa; e acabando no argumento da obra.

No chamado *Auto Portuguez Pastoril,* faz o *prologo* o pastor Vasco Affonso.

No *Auto da Historia de Deus*, o Anjo.

Na *Comedia sobre a divisa de Coimbra*, um peregrino.

No *Auto da Feira*, Mercurio [1].

[1] É curiosa a coincidencia de pensam nto de Re-

Nas *Côrtes de Jupiter*, a Providencia.

Na *Romagem de Aggravados*, fr. Paço, que depois entra na acção.

Na *Nau d'Amores*, a cidade de Lisboa, que tambem na acção entra.

No *Templo d'Apollo*, o proprio autor.

E o mesmo no *Triumpho do Inverno*, que de mais a mais leva *prologos* particulares em cada sua divisão.

Concluamos com Gil Vicente, advertindo, em abono da verdade, haver n'elle peças, taes como o *D. Duardos* e o *Amadís de Gaula*, que abrem logo pela acção sem mais preparo.

Jorge Ferreira de Vasconcellos vem pedindo o primeiro logar á esquerda de Gil Vicente, em razão da tão vivida, esculpida e tauxiada, novidade do seu estilo. Os tres volumes das suas tres comedias, são outros tantos cofres de joias finas, d'onde olhos portuguezes se não podem sem custo desviar. ¡Que pena, que pena, não se lerem esses bons livros, (os de Gil Vicente e os de Jorge Ferreira) muito mais do que se lêem! Quem chega a vencer a extranheza e medos, que á primeira vista, e por fóra, infunde o brutesco e arripiado das suas fórmas, o selvatico e intricado de seus caminhos, a multidão de confusas ruinas que de passo a passo nos descobrem, e o descórado musgo de velhice,

gnard na sua comedia dos *Desejos* com o nosso poeta n'este *Auto*. Quem os comparar jurará que o Francez leu e quiz imitar o Portuguez; e que o Portuguez, com toda a sua velhice, e escabrosidade, lhe ficou sempre para cima; e tenham pacienca os franchinotes!

que até nas mais viçosas partes lhes veio a poisar; quem por ali se embrenha varonilmente, e persevéra, e sabe conversar na solidão com o espirito do passado, e possue a grande arte de descobrir as minas, de as lavrar, e sobre tudo de lavar e apurar das fezes o oiro fino, por mil volumes de novellinhas francezas, traduzinhadas cá para semifrancez, não trocaria, não, uma só *Aulegraphia*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos abre a comedia do *Ulysippo* com um longo *prologo* em prosa, de que é *autor* e *representador* Mercurio, e no qual, depois de muito palrar criticas, e mui prolixas erudições, encaminha os ouvintes para a intelligencia da fabula.

Outro tanto faz na sua comedia da *Eufrosina* o João de espera em Deus.

O theatro do Doutor Antonio Ferreira, muito mais regular, sobrio e correcto, ainda que menos para estudos portuguezes, segue as pizadas dos Latinos.

A sua *Castro,* que nos dá gloriosa primazia de prioridade entre os tragicos da Europa moderna, e em que se notam trechos lyricos de bons quilates, a despeito de sua dura versificação, é vasada nas fôrmas de Seneca. Os córos, o cortado e sentencioso das falas, pompa, ás vezes sobeja, ás vezes sequidão impropria, tudo nos descobre um talento verdadeiro, mas que tinha medo de si, e se daria por perdido se deixasse jamais de se parecer com os seus modelos. Ambas as suas comedias são Terencianas quanto á maneira, o que em parte não deixa de ser louvor.

Verdade é que a do *Cioso* não tem *prologo*; mas tem-n-o, e todo á moda de Terencio, a do seu *Bristo*; começa precavendo censuras, e predispondo vontades, e remata explicando succintamente o que se está para ver. Venha por amostra o fecho, que não é longo:

«Primeiramente — diz o *Prologo* — virá aqui ter um mancebo chamado Lionardo, que, seguindo secretamente uns amores perdidos, que o trazem perdido, vindo saber como o seu pay o quer casar, vem mettido em agonia. Outro seu amigo o aconselha que vença com razão seu appetite. Mas como já tenha n'elle criado raizes, não approveita nem razão, nem conselho. E porque d'elles e dos outros comprehendereis mais o argumento, favorecei com silencio, pera que melhor julgueis».

Das duas comedias de Sá de Miranda, o mesmo ha para dizer, que das duas precedentes, quanto ao merito e modo. Ambas ellas teem *prologo:* a dos *Vilhalpandos*, declamado pela Fama; a dos *Estrangeiros*, pela propria Deusa Comedia; n'um e n'outro se arrezoa, se prepõe, e se pede attenção.

Das duas de Camões, a dos *Amphitriões* não tem *prologo*, mas tem-n-o a do *Rei Seleuco*, e é feito pelo dono da casa onde vai haver a representação. Este sai já do trilho velho, pois a poucos passos degenéra de monólogo em diálogo; de que resulta um acto, ou farça prévia, não sem algum sabor.

Deixando de parte a turbamulta de outros poetas, portuguezes ou estrangeiros, que fizeram *prologos*, mais ou menos achegados ao typo latino, e quasi todos em monólo-

go, limitamo-nos aos *prologos* repartidos em scenas, como este de Camões.

O Amphitrião, de Molière, ainda não é senão de duas personagens: a Noite, e Mercurio, que depois vai figurar na peça; mas outros tem elle de mais actores, em scenas, e com sua tal qual acção: veja se *A Princeza de Elide*, *O Doente Scismatico*, *A Alma de Molière*. Regnard gostou do estilo e o adoptou para as suas comedias: *Doidices Namoradas*, *Menechmos*, e *O Entrudo de Veneza*.

Beaumarchais abriu a sua ópera de *Tarare* por um *prologo* em tres scenas de caracter serio, de entes de razão e phantasmas; especie de romantismo precoce.

A moda de taes *prologos* nas óperas vinha já de Quinault, que pelo aprazivel do seu talento lyrico a tinha feito pegar.

Se os *prologos* são, como dissemos, do berço da Arte; se, á proporção que esta foi crescendo, se foram elles sumindo; se, depois de adulta, só aqui ou acolá, e rara, e fortuitamente, os vemos assomar, não se póde comtudo dizer que talentos da primeira plana, mesmo em nossos dias, os tenham inteiramente desdenhado.

Bem conhecidos são os dois *prologos* ao drama do *Doutor Fausto*, de Goethe; o primeiro, representado no tablado, entre o emprezario, o poeta, e um bobo; o segundo, no céo entre Deus, os anjos e o diabo Mephistópheles. D'este segundo deveu proceder o *prologo* de Dumas ao *João de Marana*, declamado pelas duas figuras de pau: o anjo e o demonio; assim como o mesmo *João de*

Marana, e o *Roberto do Diabo*, e o *Manfredo*, de Lord Byron, são visivelmente familia herdeira do mesmo *Doutor Fausto*.

Ha ainda *prologos* scenicos de outro genero, mas que omitto por não fazerem ao meu proposito; e são aquelles, de que já talvez se tem abusado em nosso tempo, que formam um acto á parte, representando historia anterior á acção, mas relativa a ella; assim como em actos chamados *epilogos* incluem acções a ella posteriores: o que tudo para a unidade, sem a qual não ha interesse, são defeitos, por mais que digam. Taes peças teem uma terrivel fraternidade com os *Avant Pendant et Après*, *Trente ans ou la vie d'un joueur*, e o *Auto de Rubena*, [1] que a respeito de economia dramatica ninguem chamará modelos. D'esses taes *prologos* são exemplos, para não citar nomes obscuros, o *Ricardo Darlington*, o *Calligula*, e a *Christina*, de Alexandre Dumas.

Reconcentrando-me no assumpto, que chamou por esta nota: de dois diversos modos são os *prologos* theatraes que se encontram no volume: o primeiro, em prosa, que principia na pag. 23, é da familia dos *prologos* Terencianos; os dois em verso, a pag. 100, e a pag. 105, vasados, muito de industria, nas fôrmas de Gil Vicente: o mesmo metro e rima; o mesmo geito de expôr, dirigindo-se cara a cara ao Soberano, etc. E' Gil Vicente

[1] A *Rubena* de Gil Vicente, na 1.ª scena está para nascer; no fim da peça casa-se. Dizem que o theatro na China tambem faz d'estas e peiores, nas suas representações de quinze dias a fio.

em miniatura. A intenção com que fiz esse tentâmesinho, é mais que manifesta: não foi propôr exemplo, que se houvesse de seguir; mas simplesmente desejo de dar mais um traço caracteristico no fac-simile d'aquella edade. Quanto porém ao *prologo* do homem de capa e espada antes de levantado o pano, estou com minhas tentações de pedir aos nossos dramaturgos que não desprezem totalmente o alvitre, que alguma vez lhes poderá ser de grande prol.

Se os inchados e vãos, hybridos e estéreis *prologos* e elogios dramaticos do grande Bocage, e de sua engoiada escola, morreram para sempre, parece-me (¡e Deus nos livrasse de os vermos ressuscitar!) o prologarem os autores o seu poucochinho sobre certos dramas, de que literaria ou historicamente alguma coisa util se póde dizer, não vejo por que se estranharia. V. gr. *A Côrte de D. Manuel*, o *Fr. Luiz de Sousa*, e ainda *A Sobrinha do Marquez*, de Garrett; o *Viriato*, *Miguel Angelo*, e até *Os dois Renegados*, de Mendes Leal, ¿não o mereceriam? ¿não fôra isso uma duplice conveniencia, para os poetas, e para os ouvintes? ¿não se atalharia muita censura excusada, d'estas que nascem, e não pódem deixar de nascer á sombra da ignorancia? ¿não se collocariam os espiritos do vulgo em muito mais favoravel luz, como dizem os pintores, para perceberem e avaliarem mais acertadamente o painel? tenho que sim. No suscitar esta ideia, um só medo me rala; e é, de que engenhos mediocres, não pagos com fazerem más peças, redobrem ainda o martyrio das plateias

com impertinencias preambulares: sería chegar ao inferno depois de atravessar o Lethes com os olhos pasmados nas dormideiras das margens, e a fazer cruzes na boca: *¡absit!... ¡absit!...* A politica theatral poderia regular isso; sem o que, ás duas por tres, não haveria ahi farça de *Esganarelo* sem pendão e campainha adiante. Cada vez que o bom senso e o bom gosto houvessem de ser açoitados por uma musa rachitica, haviam de ouvir primeiro o pregão da sentença. Deus nos defenda de tal. ¿Para que são um Inspector de theatros, e um Conservatorio dramatico, se não é para o Povo poder transitar a salvo, e com prazer, por todas as encruzilhadas d'este bairro da república literaria, chamado espectaculos? que a dizer a verdade por ora é a sua *Moiraria e Judiaria.*

Assim como eu prologuei a este drama, porque me convinha, a outros poderá convir o fazerem outro tanto lá nos seus. Em todo o caso sempre d'ahi poderão tirar mais vantagem, do que das defensas depois do acto consumado, como Regnard as tentou introduzir na sua farça após a comedia do *Herdeiro Universal,* intitulada: *Critica do Herdeiro Universal.*

Multa renascentur, quæ jam cecidere.....

Renascerão mil coisas já caídas.

¿Que monta para obstaculo, e menos ainda para desar, o terem sido os *prologos* introduzidos cá pelo bom Gil Vicente, o Adão do

nosso theatro? [1] Tambem hoje, como garridice moderna e toda franceza, ahi andam nas azas da fama os *Proverbios dramaticos*; e mas são, se ainda o não advertistes, tão velhos em nossa terra como o mesmo Gil. ¿Duvidais? E' ler a sua farça de *Inez Pereira*, e a advertencia, que logo no principio lhe vai posta, e que me apraz transcrever, até porque serve de sobre-prova ao que já toquei na nota da *Originalidade*; a saber: que a critica, quando não tem que morder na obra, se vinga em a attribuir a quem não seja o seu autor.

A advertencia de *Inez Pereira* assim reza:

«A seguinte farça de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso Rei D. João o terceiro do nome em Portugal, no seu convento de Thomar, era do Senhor 1523. O seu argumento é que, por quanto duvidavam certos homens de bom saber, se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este thema sobre que fizesse: de um exemplo commum que diz: *Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farça.»

[1] A primeira coisa que o autor fez, e que em Portugal se representou, foi um monólogo sem titulo, que vem nas suas *Obras de devação*. Representou-se na segunda noite do nascimento do senhor D. João III em presença das Pessoas Reaes. E' uma como visitação ao recemnascido. Pedindo-lhe a Rainha, que a repetisse nas matinas do Natal, applicando o assumpto ao Menino, pareceu melhor ao autor fazer o *Auto Pastoril Portuguez*, que foi a sua segunda producção.

CASTILHO.

Resultado liquido: Podeis fazer, muito nas boas horas, *Proverbios dramaticos*, *prologos*, tudo quanto os Antigos fizeram, tudo quanto os modernos inventaram, e tudo que está por inventar, e tudo quanto quizerdes, uma vez que o façais *bem*, *e a tempo*.

Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

PQ
9261
C34C3
1906
v.2

Castilho, Antonio Feliciano de
Camões 3. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 13 005 9